

FOLIAS  
10 ANOS

# ORESTÉIA

© CANTO DO BODE

# EXPEDIENTE

## **Editores Responsáveis**

Reinaldo Maia  
Marco Antonio Rodrigues

## **Produção**

Folias

## **Direção de Arte**

Zeca Rodrigues

## **Revisão de Texto**

Eiko Lúcia

## **Fotos**

Joana Mattei



Cida Moreira - Dagoberto Feliz - Pedro Paulo Ruggesani  
Pedro Paulo Salles - Reinaldo Maia - Zélio Del Ferra

## GERÊNCIA DO FOLIAS

Carlos Francisco | Dagoberto  
Feliz | Marco Antonio Rodrigues |  
Nani de Oliveira | Patrícia Barros |  
Reinaldo Maia | Zeca Rodrigues

## Conselho Artístico do Foliás

Emília Viotti  
Iná Camargo  
Costa  
J. C. Serroni  
Paulo  
Arantes

O Caderno do Foliás é um projeto do Foliás. As opiniões expressadas nos artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores. Os interessados em se comunicar com o Foliás devem escrever para:

Rua Ana Cintra, 213  
Santa Cecília/São Paulo/SP  
CEP.: 01201-060  
E-mail: folias@terra.com.br  
www.galpaodofolias.com

Edição Especial 10  
Primeiro semestre de 2007.

O Galpão do Foliás permanece em atividade devido aos recursos advindos da Lei de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo

**O** Folias com a estréia de "Orestéia - O Canto do Bode" cumpre um rito de passagem de seus dez anos de vida completados em 2007. Como diz Marco Antonio Rodrigues

u m a efeméride é uma faca de dois gumes: nos faz recordar do tempo passado e nos alerta de que, talvez, tenhamos nos acomodado em algum louro conquistado. E olha que conquistar alguma coisa nesse país, em se tratando do "fazer cultural" é uma saga épica vitoriosa por si só.

O Folias, diante desses dois gumes, escolheu um terceiro excluído, com diria Hegel, ou seja, promover uma verticalização nas suas experiências estéticas e nas suas propostas éticas. Para esse longo processo de encontro consigo mesmo, pareceu-nos ser, "Orestéia" de Ésquilo, um material apropriado. Sempre acreditamos e lutamos por um teatro envolvido com a sua polis, refletindo sobre o seu tempo, cumprindo com sua função social. Se pretendíamos fazer uma viagem "grupo adentro" para fazê-la teríamos, ao mesmo tempo, que fazer uma viagem "continente afora". Gostem ou não uns e outros o continente Latino Americano passa por transformações profundas. Se ainda não é possível vislumbrar onde acabará, elas já apontam para caminhos dantes nunca navegados nessas terras secularmente espoliadas e aviltados por suas "elites políticas". Ainda que nenhum oráculo nos tenha revelado sua profecia, há indícios e sinais que mostram que após esses "ventos libertários", que sopram da Patagônia ao México, essa América será de outra ordem.

Na história do Folias, temos mantido como regra, refletir sobre o mundo a partir de "nosso mundo", conformado por esse espaço cênico que ocupamos e pela população de criadores/fazedores de teatro que o habita como coletivo artístico. Assim, apresentamos agora para vocês a nossa "Orestéia". Ela não pretende ser a "forma" de se fazer tragédia, mas reivindicamos ser essa a nossa forma, neste momento, de a encararmos dentro de nossas reflexões estéticas e éticas. Entregamo-la a vocês no intuito de que façam conosco esse "pensar" dos nossos dez anos de atuação cênica na cidade de São Paulo.



# ÍNDICE

NOVOS PRIMEIROS DIAS  
SÉRGIO MARRAS ENTREVISTA ROBERTO  
FERNANDÉZ RETAMAR

06

A AUTONOMIA CRIATIVA DO ATOR  
REINALDO MAIA

22

DEZ ANOS DE FOLIAS, O CANTO  
DO BODE, DOIS ANOS DE ORESTÉIA  
MARCO ANTONIO RODRIGUES

32

ORESTÉIA - O CANTO DO BODE

38

FICHA TÉCNICA

62

APOIADORES

63

# NOVOS PRIM

## SÉRGIO MARRAS ENTREVISTA R

Há quinze anos, o chileno Sergio Marras entrevistou dezesseis escritores latinoamericanos e caribenhos e publicou essas entrevistas no livro *América Latina, Marca registrada* (Barcelona, 1992). Eu fui um desses escritores e meu texto não saiu da gaveta até o presente momento. O motivo para fazê-lo agora é que, em diversas ocasiões, o presidente da República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, tem citado algumas das observações de minha entrevista, fato que me animou a separá-la do livro e a dar-lhe vida independente. Tenho aproveitado a conjuntura para corrigir alguns deslizes, embora sem modificar (em absoluto) o sentido original. Dos escritores que apareceram no livro, que eu saiba apenas Octavio Paz submeteu sua intervenção a essa limpeza, quase sempre necessária nas entrevistas. Chamo a atenção, por último, para o fato de que em 1991 a situação do meu país era muito precária: estava desfeito o que foi chamado de campo socialista de Europa, e recrudescido o bloqueio estadunidense que padecíamos (e que ainda padecemos). Cuba estava devotada à duríssima etapa que seria conhecida como “período especial em tempo de paz” ou, simplesmente, “período especial”. Isso explica muitas perguntas e respostas.



# MEIROS DIAS

## ROBERTO FERNÁNDEZ RETAMAR

**Sérgio Marras - O senhor concorda em que, na América Latina, têm sido os escritores os que, desde o século XIX ou talvez antes, modelaram ideologicamente as repúblicas e impuseram um esquema ilustrado sobre uma realidade que nem sempre correspondia à europa?**

Roberto Fernández Retamar - Sim, mas até certo ponto. Os escritores – e eu suponho que isso acontece em todas partes do mundo – conferimos voz ao silêncio. Como figuras literárias, somos os porta-vozes das comunidades em que vivemos. Por outro lado, como o senhor já sabe, sem dúvidas na nossa América o escritor tem desempenhado um papel que vai mais longe do que em outras sociedades. É atribuído a Bergson o fato de ter dito que Espanha não tinha filosofia, mas Refranero. Talvez a aneddotica seja falsa, mas aponta para algo sobre o qual eu quero insistir: a filosofia, do modo como foi considerada na Antiga Grécia ou entre os grandes alemães, tem sido relativamente pobre na Espanha e, sobretudo, na América Latina: aqui, em geral, os escritores têm invadido os seus terrenos. Não se pode fazer uma história do pensamento de nossa América limitando-se somente aos filósofos e afins, mas há que incluir, e de uma forma expressiva, aos que tradicionalmente se chama de escritores. Do pensamento latinoamericano, não se pode excluir a Sarmiento, a Martí, a Darío, a Henríquez Ureña, a Mistral, a Reyes, a Martínez Estrada, a Vallejo, a Neruda, a Carpentier, a Guillén, a Lezama e a outros, incluindo colegas que o senhor tem entrevistado para o seu livro. Nesse sentido, e voltando para a pergunta, o fato de que tenham sido escritores os que têm utilizado conceitos como os que o senhor menciona não significa que o tenham feito ignorando as suas respectivas comunidades. Muito pelo contrário, eu acho que eles têm feito isso lhes dando voz.

**Mas o senhor não acha que, às vezes, esses escritores-políticos são voluntaristas, que fazem um coquetel de um certo Iluminismo com um certo Romantismo, e o impõem através de uma institucionalidade vertical, aparentemente libertária, mas com muito pragmatismo napoleónico?**

Eu vou esquematizar, pois a situação é muito mais complexa. Há pensadores que efetivamente têm

tentado impor critérios que não estão de acordo com as nossas realidades. Um exemplo clássico pela sua grandeza, por seu talento e por seu desvario é Sarmiento. Sem dúvida Sarmiento, que é um escritor admirável, satisfaz esse seu ponto de vista, que consiste em tratar de impor em nossas terras o que ele chama de “civilização”, ou seja, os esquemas da sociedade europa capitalista, com o que acaba por fazer das nossas terras o que ele mesmo chama de ‘sucursal’, na mesma medida em que tenta impor as suas idéias. Que palavra! Mas pelo visto, no século XIX, diferentemente do século XX, as pessoas eram menos trapaceiras e falavam com maior clareza. Esses pensadores quiseram fazer dos nossos países sucursais das respectivas metrópolis, só que não num plano de igualdade, mas alimentando à casa central.

**Então o senhor ainda acredita que o desenvolvimento de alguns países é possível às custas do subdesenvolvimento de outros?**

Sim. Eu propus há algum tempo falar de países subdesenvolventes, para dar um sentido binário correto ao casal subdesenvolvido-subdesenvolvente, e não subdesenvolvido-desenvolvido, como se quer que acreditemos. África não nasceu subdesenvolvida. De fato, no século XV havia muitos níveis civilizatórios na África, igual do que em outros continentes. A chegada do europeu, dos ocidentais e a furiosa depredação que isso trouxe como consequência para o resto do planeta, desarticulou, e de uma forma brutal, a África até os dias de hoje. Como no caso da América, destruiu suas grandes culturas. Quando Sarmiento e pensadores como ele propuseram a imposição da “civilização”, o que fizeram foi simplesmente virar escudeiros da exploração exercida pelos países subdesenvolventes. Mas não todos os pensadores latinoamericanos foram assim. Não foi o caso – em absoluto – de, por exemplo, Bolívar. Costuma-se dizer, e não sem motivos, que Andrés Bello inaugurou com sua obra “Alocução à Poesia” o que poderia ser chamado de independência cultural de nossa América. No entanto, acho que essa independência cultural foi iniciada pelo próprio Bolívar. Os textos literários de Bolívar, que são cronologicamente prévios aos correspondentes textos de Andrés Bello, inauguraram essa independência cultural. Ele viu com grande clareza, na sua “Carta de Jamaica”,

a nossa especificidade e a necessidade de se ater a essa especificidade. Houve também uma figura deslumbrante no Chile: Francisco Bilbao. Parece-me incrível que Bilbao não desfrute com a difusão de sua obra, já que é simplesmente imprescindível. Bilbao adotou o ponto de vista dos aborígenes e lhes deu voz até que essas comunidades a adquirissem por si mesmas. Tem sido falado para mim em algumas ocasiões que eu tenho feito um contraponto entre Martí e Sarmiento e que isso não faz sentido porque eles são de duas épocas diferentes. Mas Sarmiento e Bilbao são da mesma época e muitos dos textos de Bilbao apontam contra Sarmiento. Ele chamava Sarmiento de “o civilizado”, para ironizar.

***Para a maioria dos chilenos não é muito mais do que uma rua...***

A ignorância que eu tinha aos quarenta anos com relação a Bilbao e a ignorância, de modo geral, que se tem no nosso Continente com relação a Bilbao, figura que honraria a qualquer comunidade humana na Terra, é apenas uma parte deste problema que estamos colocando. Há muitas outras figuras que desconhecemos na Venezuela, na Colômbia, em Centroamérica, e que não se correspondem com esse tipo de intelectual sucursaleiro como era Sarmiento, mas que se correspondem com o tipo de intelectual que quer interpretar as realidades de um país sem lhe impor esquemas estranhos.

***Martí será com certeza um exemplo para o senhor?***

Claro, a figura arquetípica nesta ordem é Martí. “A nossa América não vem nem de Washington, nem de Rousseau, mas de si mesma”, diz Martí. Mas embora Martí seja uma figura de uma grandeza tão grande quanto queiramos imaginar, ela não é a única. Existe um enorme grupo de pensadores latinoamericanos, inclusive no século XIX, que colocam as suas armas intelectuais, geralmente apreendidas nas metrópolis, ao serviço de seus povos. Não num sentido demagógico, mas num sentido orgânico.

***Mas apesar disso, o senhor não acha que por muito boa que tenha sido a intenção desses pensadores, por muito abertos que eles tenham estado para suas próprias realidades, o que prevaleceu finalmente foi um esquema racionalista ilustrado, temperado com impulsos epopéicos românticos, que embora não impuseram esse esquema com sangue e fogo, o fizeram de uma forma caprichosa e sem se importar muito se ele era funcional ou não?***

Assim como a função de um marceneiro é construir

móveis, e os pode fazer (bons ou ruins) só o marceneiro e não o bombeiro, o astrônomo ou o monge, a missão de um pensador é produzir pensamento. Mas isso não quer dizer que os móveis que o marceneiro faz sejam para que apenas ele se sente, ou que os pensamentos produzidos pelos pensadores sejam somente para consumo dos pensadores. Pensar é estruturar a realidade.

***O exemplo europeu e também o norte-americano são muito diferentes. Embora haja intelectuais que vão organizando o pensamento, que o vão sistematizando, ele surge de uma experiência de abaixo, através de muitos anos, através de sucessivas contradições, de enfrentamentos, de lutas de todo tipo. Eu tenho a sensação de que na América Latina esse pensamento de abaixo não chega em cima, mas permanece na elite, e desde ali são reguladas as normas de comportamento e as regras do jogo do Estado...***

Eu não daria por certo que no caso dos Estados Unidos o pensamento venha de abaixo, como o senhor diz. Os grandes ideólogos, para utilizar um termo que tem virado má palavra, da independência norte-americana – pense no caso de Jefferson – também pensaram de cima para baixo. O que acontece é que, como o raio ou como a vara de vidro que entra na água, o pensamento se refrata de acordo com a realidade. Um dos grandes textos na história da humanidade é a Declaração da Independência norte-americana, segundo a qual todo homem nasce livre etcétera. Mas isso não impediu que durante quase um século a república surgida daquela importante guerra de independência mantivesse a escravidão, o que é a sua contradição mais gritante. Nem sequer foi levada em consideração, lógico, a opinião dos escravos, não há nem que esclarecê-lo. Os pró-homens da independência norte-americana, que mantiveram aos negros como escravos durante quase um século, também exterminaram os indígenas, que hoje vivem em campos de concentração que se chamam ‘reservatórios’. Os campos de concentração de Hitler ou de Stalin parecem-me escandalosos, mas por que é esquecido que isso continua existindo neste Continente? E na Europa aconteceu algo parecido. Por isso lhe dizia: qual é a alternativa? Gostaria de conhecer uma alternativa na história da humanidade na qual o pensamento não se articule primeiro no plano do pensador. Isso ocorre até nos casos melhor intencionados, como poderiam ser os de Bilbao, Martí ou Mariátegui, que com a melhor boa vontade quiseram interpretar o sentido do coletivo. E eu não acredito, em absoluto, que com relação a isso os pensadores latinoamericanos sejam diferentes dos pensadores de outras partes do mundo.

**Mas os latinoamericanos vivemos num mundo dicotômico, um pouquinho esquizóide entre idéia e realidade... Ou não?**

Sem dúvida, existe uma dicotomia entre os que impõem contundentemente seus critérios, ainda que ferindo aos seus povos, e os que fazem grandes esforços por interpretá-los. Eu não quero me ensanhar com Sarmiento, já tenho dito tudo o que eu tinha a dizer sobre ele, e talvez seja demais. Mas em alguns casos é terrível, porque essa implantação dos critérios de Sarmiento, na Argentina, foi monstruosa: incluiu destruir fisicamente não apenas aos indígenas, mas inclusive aos gaúchos, ao povo mestiço que estava se gestando na Argentina. É terrível ter lido as instruções de Sarmiento ao geral correspondente lhe dizendo: não existe nada melhor do que regressar com o braço tinto em sangue de gaúchos. Isso não o disse Hitler, não foi dito na Alemanha. Isso foi dito por Sarmiento neste Continente.

**Funesto Sarmiento e a civilização ou barbárie?**

Eu acredito que os homens como ele resultaram funestos para o nosso

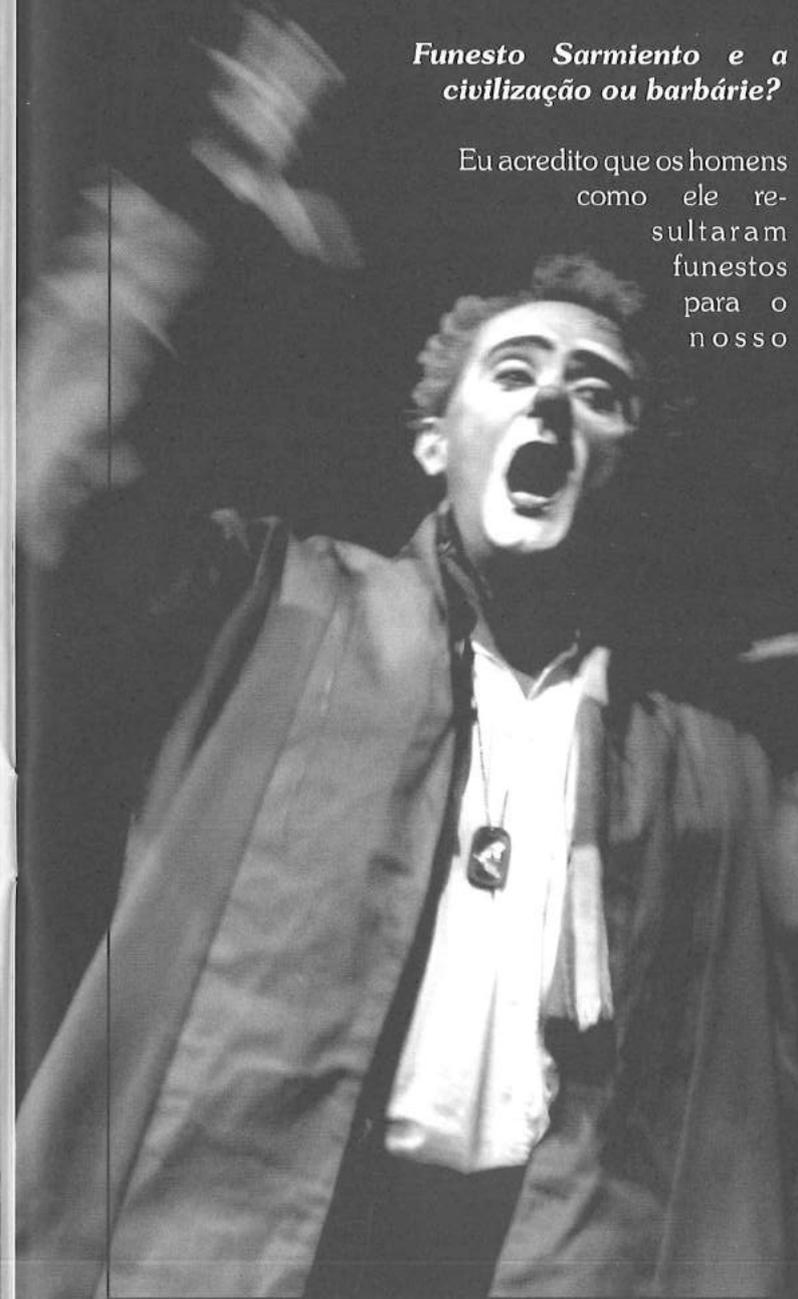
Continente, para o nosso povo. Por sorte, eles não chegaram a exterminar todo o povo argentino. E na Argentina aconteceu uma coisa muito ilustrativa: Sarmiento e os seus seguidores manifestaram o desejo de branquear seu país (desejo que não foi desconhecido em Cuba: foi uma das metas de José Antônio Saco). Sou de um bairro periférico que se chama A víbora, um bairro mais ou menos humilde, onde tinha duas barbearias, uma para brancos e outra para negros. Quando um cubano deixa de ser branco ou deixa de ser negro? Aqueles fizeram chegar uma grande imigração com a idéia de que os argentinos atrasados, mestiços etcétera, fossem substituídos por essa imigração. Ora, com a imigração não chegaram apenas futuros bilionários, mas também, em números expressivos, trabalhadores que ao final das contas não abraçaram a causa sarmientina e foram a salvação da Argentina. Por eles a Argentina não chegou a ser Rodésia. Eu tenho chegado a pensar que possivelmente Sarmiento teria se sentido feliz de ser não um latino-americano, mas um latinoamerikano.

**Mas o senhor, se sente mais branco ou mais negro?**

Isto é inverificável. Quando eu era criança, o meu pai, que era professor, me levava às suas aulas, e uma colega dele lhe dizia: "que bonito que é seu filho, parece um príncipe inglês". E eu mais ou menos introjetei, como dizem os psicanalistas, essa idéia. Até que me deparei com a realidade de que absolutamente não passou pela cabeça de nenhum inglês de me identificar com um inglês. Diferentemente disso, quando aconteceu a nacionalização do Canal de Suez, os companheiros árabes com os quais eu estudava na Universidade de Londres, vieram me abraçar e me beijar e me falar em árabe porque eu, do ponto de vista somático, sou visivelmente um semita. Por ser de origem hispânico, com certeza tenho antepassados árabes, judeus, ou o que se queira imaginar.

**Para o senhor, existem as raças?**

Não. Porque isso é relativo. Existe um tipo de ser humano que na Havana se chama de "branco de Oriente": nos nossos estados orientais é branco e em Havana, já é mulato. Eu sou branco se comparado àquele que vive na Tanzânia, mas perante os que vivem na Finlândia, é claro que eu sou mulato. Não existe uma



demarcação, simplesmente porque também não existe na natureza. Existem, lógico, rasgos somáticos óbvios, características inclusive fisiológicas, mas que não têm nenhuma repercussão cultural nem histórica.

***O senhor concorda em que todo esse pensamento dos nossos próceres que o senhor parece admirar, ao final das contas não é mais do que uma espécie de sincretismo de Romantismo e Iluminismo, como diria Sábato, que integra um monte de categorias ocidentais como o progresso, como as etapas históricas, como a epopéia, e que esses são conceitos que não têm nada a ver, por exemplo, com os habitantes do altiplano boliviano ou com a santeria cubana? Não parece que eles são gente cuja aproximação ao mundo têm mais a ver com Rulfo do que com Marx, Rousseau ou Beethoven?***

Certamente, o pensamento do Século das Luzes, como irônicamente diria Alejo Carpentier, foi muito forte nos próceres da independência. O Romantismo foi também muito forte em figuras como Bilbao, mas quando chegamos a Martí, já não se trata nem de um pensador saído do Iluminismo nem de um romântico no sentido histórico concreto do termo, nem de um liberal. Martí ultrapassa com rapidez o liberalismo, inclusive nos seus aspectos mais radicais, e acede a uma outra etapa do pensamento, na qual nos encontramos ainda. Alguns têm sugerido – e eu estou entre eles, embora isso seja discutível – chamar de “demócrata revolucionário” a esse tipo de pensador, que já não representa, como em séculos anteriores, o ponto de vista de uma

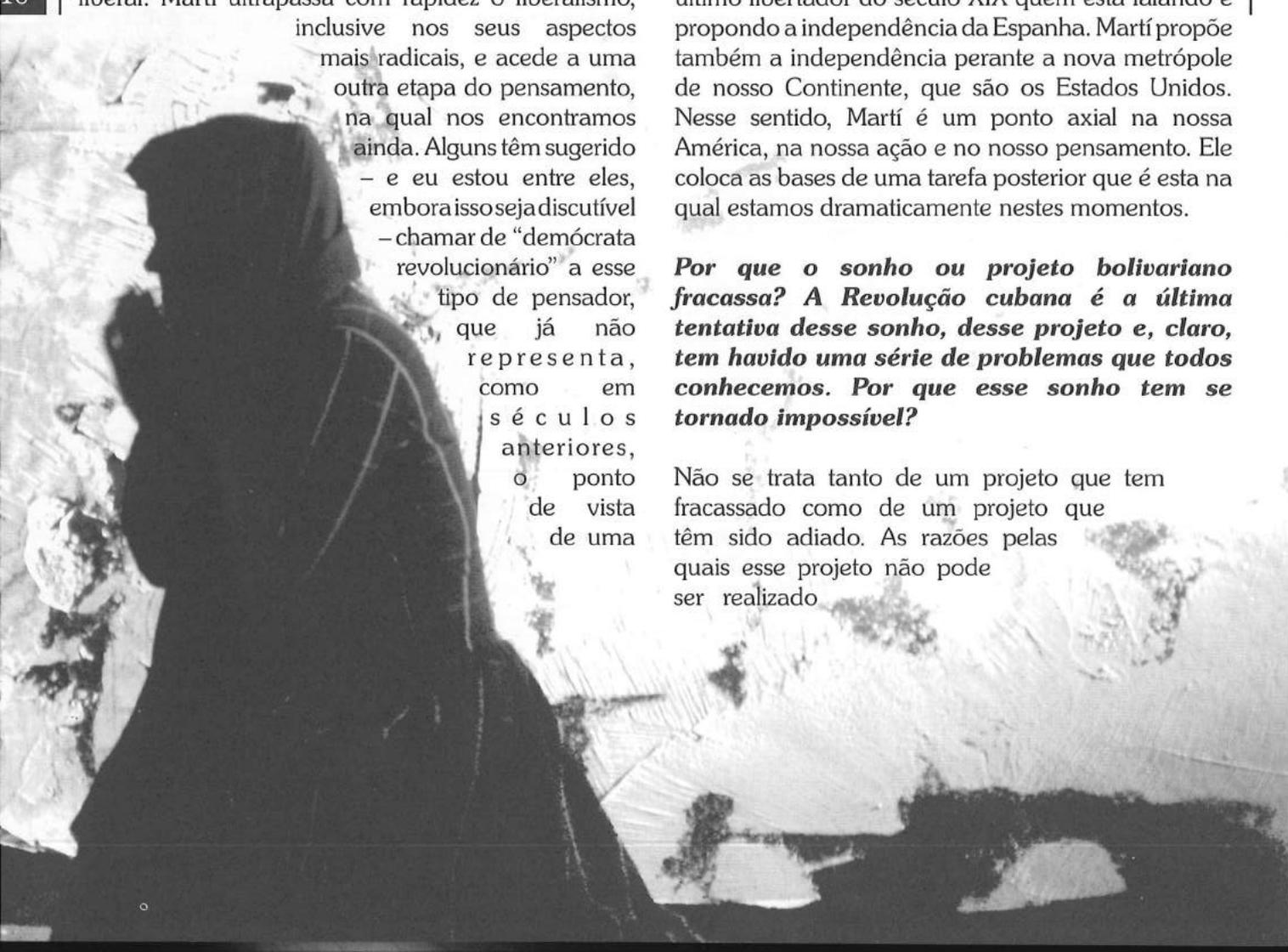
eventual burguesia nacional que se frustrou em casi todos os nossos países e converteu-se na engrenagem de transmissão entre as metrópoles e seus povos. O sustento ideológico de Martí, junto com outros como Betances e Hostos, em Porto Rico, é afirmado no sentir de setores muito mais populares, de uma pequena burguesia radicalizada, de camponeses medianos e pobres, do incipiente proletariado etc. O meu critério é que Martí escreveu não somente a última estrofe do poema bolivariano, mas também a primeira de outro que está longe de ser concluído e que apenas têm sido esboçado. Martí não é só o último dos libertadores do nosso Continente no século XIX, mas o primeiro dos libertadores de nossa América no século XX.

***Por que o senhor confere a Martí um sentido tão transcendente? Parece ser uma espécie de oráculo...***

Não é um oráculo, mas não é qualquer pensador do século XIX. Na sua última carta ao mexicano Manuel Mercado, que ficou inconclusa, lhe disse: “estou [...] em perigo de dar a minha vida pelo meu dever, dado que entendo e tenho ânimos para realizá-lo, de impedir a tempo que os Estados Unidos se expandam até as Antilhas e caiam, com essa força a mais, sobre as nossas terras de América”. Já não é o último libertador do século XIX quem está falando e propondo a independência da Espanha. Martí propõe também a independência perante a nova metrópole de nosso Continente, que são os Estados Unidos. Nesse sentido, Martí é um ponto axial na nossa América, na nossa ação e no nosso pensamento. Ele coloca as bases de uma tarefa posterior que é esta na qual estamos dramaticamente nestes momentos.

***Por que o sonho ou projeto bolivariano fracassa? A Revolução cubana é a última tentativa desse sonho, desse projeto e, claro, tem havido uma série de problemas que todos conhecemos. Por que esse sonho tem se tornado impossível?***

Não se trata tanto de um projeto que tem fracassado como de um projeto que têm sido adiado. As razões pelas quais esse projeto não pode ser realizado



nos tempos de Bolívar são objetivas e claras. As treze colônias norteamericanas tinham um nível de desenvolvimento herdado da Inglaterra que o nosso Continente não podia herdar da Espanha porque ela não o tinha, e ninguém pode dar o que não tem. Nos Estados Unidos continuou-se com uma inserção na história iniciada pelos ingleses, que capitanearam o capitalismo moderno e os Estados Unidos simplesmente o levaram para a frente. Nós tínhamos, desde México até a Terra do Fogo, um mundo gigantesco e incomunicado. Um mundo de países ou de pedaços, nem sei como chamá-lo, muito isolados entre si. Dispersos num continente vastíssimo, não havia estruturas nem condições geográficas para que os projetos de Bolívar pudessem ser realizados. Era materialmente impossível que Bolívar tivesse conseguido fazer os Estados Unidos da América do Sul, pela pobreza econômica e os enormes espaços que havia entre um e outro país, além da falta de experiência política que a América Latina tinha.

**O senhor continua vendo essa como uma utopia realizável?**

Acho que a de Bolívar é uma utopia realizável e, de fato, uma e outra vez renasce esse sonho ou esse projeto com um nome ou outro. Renasceu no Che Guevara. O quê que o Che foi fazer na Bolívia? Simplesmente ele foi criar um exército bolivariano. Claro que esse exército já não seria um exército orientado apenas pelo pensamento iluminista de Bolívar, seria orientado pelo pensamento, chamemos ele de socializante, dos nossos dias atuais. Mas ele seria filho do projeto bolivariano.

**Mas isso aconteceu há quase vinte e cinco anos e fracassou rotundamente...**

Nós não podemos retomar o projeto bolivariano tal como ele é, porque isso seria um absurdo, mas podemos fazê-lo dentro das circunstâncias novas que vão sendo produzidas...

**Mas o que que acontece com esse sentimento latinoamericanista, por exemplo, quando se vê que o México, um grande precursor do latinoamericanismo, hoje em dia procura uma aliança estratégica com os Estados Unidos? Ou outros países como Chile e Venezuela?**

Eu sinto várias coisas. O povo mexicano é um grande povo, complexíssimo, ele tem problemas enormes, tem uma fronteira imensa com os Estados Unidos. E ao longo de sua história o México tem tido diversas aproximações (freqüentemente desastrosas) com os Estados Unidos e esse Tratado do Livre Comércio é um deles. Sem dúvida um governante tem que

ser realista. Talvez a tarefa de sonhar seja própria especialmente dos poetas, e os políticos têm que ser necessariamente mais realistas. Não se pode pedir a nenhum governante, nem do nosso Continente nem de qualquer parte do mundo, que deixe de ser realista e que deixe de enfrentar as coisas. Se nós em Cuba não estivéssemos bloqueados, como o estamos há mais de trinta anos, pelos Estados Unidos – que têm nos fechado o comércio não só deles como de muitas nações direta ou indiretamente submetidas a eles ou que são, pelo menos, anuentes aos seus ditados – o que nos têm obrigado a nos vincular com outros países e a provocar o que todos já sabem, eu não vejo o porquê Cuba não poderia ter relações comerciais também com os Estados Unidos. Ora, esses governantes vão entregar seus países de pés e mãos aos Estados Unidos? Sinceramente eu não acredito. Ou pelo menos, não o espero.

**Não acha, embora pareça estranho, que talvez a única possibilidade do sonho bolivariano, já pensando no próximo século, passe por incorporar os Estados Unidos?**

No Congresso que Bolívar promoveu para tentar o seu projeto e que finalmente foi realizado em 1826 em Panamá, ele quis explicitamente excluir aos Estados Unidos. Isso não foi assim por uma tergiversação de Santander, e finalmente esse Congresso foi um desastre, como todos sabemos. Mas não há que esquecer que as instruções que os delegados norteamericanos levavam eram as de boicotear o Congresso. O mais importante é que já não estamos em tempos de Bolívar, já não estamos em 1826, nem sequer em 1926; estamos acabando esse século. Vai ser produzida uma aliança com os Estados Unidos? Eu quero lhe dizer várias coisas sobre isso que podem parecer contraditórias. Até agora tem havido um panamericanismo imperialista. Mas não é o único panamericanismo possível. Acredito no panamericanismo, não no panamericanismo imperialista. Acho que, apesar das grandes diferenças que existem entre nós, de um pólo ao outro, há uma coisa que se chama América e uma outra que se chama o americano, e isso se revela – entre outros fatos – na identificação que sentimos por tantos intelectuais norteamericanos que em Cuba são profundamente estimados e amados. Alguns deles viveram inclusive em Cuba, como por exemplo Hemingway, que é provavelmente mais amado em Cuba do que nos Estados Unidos. E outros, como Emerson e Whitman no século XIX, são tão importantes que sem eles não se concebem o pensamento e a literatura do nosso continente. Eu acredito em América. Mas nas atuais condições, jogar no mesmo saco aos Estados Unidos e aos nossos países é realmente oferecer carne fresca para o leão. Estão fazendo falta mudanças em nós e

neles para que esse panamericanismo possa realizar-se de maneira harmoniosa e que não seja mais do que outro nome da devoração à qual estamos submetidos. A dívida externa vai ser eliminada? Vai criar-se uma nova ordem econômica? As nossas matérias primas vão ser pagas ao valor que corresponde? Vamos receber dos Estados Unidos produtos manufaturados ao preço que corresponde? Se todas essas condições fossem cumpridas, não vejo razão pela qual a América não se integraria neste momento em que outras comunidades, tantos países da Terra, estão se integrando em bloco.

***O senhor a vê com melhores olhos do que a uma comunidade iberoamericana?***

Nós, por dizer de alguma forma, nos articulamos em mais de uma comunidade. Uma comunidade iberoamericana tem a vantagem e a desvantagem de que Espanha e Portugal já não são grandes potências. De fato, deixaram de sê-lo no século XVII. E a vantagem é que, pelo fato de não serem grandes potências, não podem dominar os nossos países. Portanto, essa comunidade iberoamericana é mais parecida com uma reunião inter-pares. Se nós tomamos a literatura espanhola do 98 aos nossos dias, ela não resiste à comparação com a literatura hispanoamericana do mesmo período. Sem necessidade de ir muito mais longe, Rubén Darío, o pai, o iniciador da poesia moderna na nossa língua, não nasceu na Espanha mas na Nicarágua, e formou-se também no Chile e na Argentina. Portanto, acho que estas comunidades das quais falamos, a americana e a iberoamericana, podem ser algo mais do que sonhos, algo mais do que utopias, no sentido mais evanescente da palavra. Porque de certa forma, já existem. Por exemplo, a música do Caribe inclui o sul dos Estados Unidos, abrange as Antilhas e chega ao nordeste brasileiro, pulando por cima das fronteiras, dos regímenes políticos etcétera. Somos uma unidade cultural.

***Para além do cultural, o senhor não vê uma aliança política, econômica...?***

Unamuno dizia: "não há que viver olhando para o presente, mas para os séculos". E eu concordo com o senhor. Mas há que cumprir com pequenas e grandes tarefas que às vezes são dramáticas, como as que nos foram encomendadas aos cubanos e que temos que cumprir. Entre outras coisas, para que daqui a alguns séculos esse esquema possa ser realizado. Os Estados Unidos são um país extremamente complexo, que eu conheço bem, do qual eu gosto muito. Detesto a política do governo norteamericano, mas não detesto em absoluto o povo norteamericano. Eu lhe digo isto para que veja que eu não estou falando como

um antiyanqui furibundo, pela simples razão de que eu não sou. Os Estados Unidos, cuja decadência obviamente já começou, embora eles sejam a primeira potência militar do mundo, estão permeados por isso que tem sido chamado de Terceiro Mundo. Inclusive alguns de seus intelectuais mais eminentes são parte das minorias. Por exemplo, Edward Said, professor da Universidade de Columbia, que forma parte do Conselho Nacional Palestino, e uma quantidade enorme de latinoamericanos. Talvez dentro de pouco tempo o primeiro país hispanoamericano deste Continente esteja no coração dos Estados Unidos... Muito bem, dessa forma o império romano foi corroído: a migração atuou como roedor e isso não vai se deter, porque na medida em que a situação econômica dos nossos países se agrave, a emigração para os Estados Unidos vai ser maior. Muitíssimas pessoas têm saído de Cuba por discrepâncias com a Revolução Cubana, mas muita gente tem ido embora por razões econômicas, como sempre tem acontecido. Então se os Estados Unidos mudam de tal maneira, por que não pensar que não pode ser assim? Não vai ser amanhã, não vai ser com o presidente Bush, eu não sei com quem vai ser, mas a mudança vai acontecer, porque no fundo, ela é inevitável. Se acontecerem mudanças de tal natureza que essa união não signifique que eles vão nos engolir, eu não vejo por que nos negar.

***Até pouco tempo atrás, os modelos a seguir para os latinoamericanos eram os Estados Unidos, por um lado, e Cuba, por outro. De certa forma, esses dois paradigmas são profundamente questionados na América Latina. O senhor acha que tem que surgir um novo modelo?***

Eu não gosto da palavra modelo em geral, e nunca a aplico ao caso de Cuba. Não acredito em modelos, não acredito no modelo cubano nem em nenhum outro modelo. Não acredito que nenhum país latinoamericano deva questionar-se se deve fazer outra vez a Revolução Cubana: para isso, basta e sobra com nós. Acho, no entanto, que à margem dos modelos e dos esquemas, há um rotundo fracasso não só dos Estados Unidos, cuja decadência já tem começado, mas do capitalismo dependente da América Latina, e nisso me parece que por fim estamos de acordo gregos e troianos.

***Essa decadência geral, segundo o senhor, vai nos conduzir aonde?***

Ela vai levar, mais cedo ou mais tarde, a situações revolucionárias na América Latina, e isso vai engendrar novas realidades que eu já não posso prever. Eu quase ousou dizer que felizmente eu não

posso prever. Não quero conhecer o futuro, quero simplesmente que o futuro me surpreenda. De fato, depois da Revolução Cubana, houve importantes processos nesse Continente, nenhum dos quais assumia ou repetia o modelo cubano. Eu me lembro da imensa alegria que foi para nós, me lembro como se fosse ontem, a vitória da Unidade Popular e de Allende nas eleições. Uma amiga soviética me disse: “mas como vocês estão tão felizes quando essa vitória é a vitória de outra linha que não é a de vocês?” Vamos dizê-lo de uma forma brutal: não é a linha da guerrilha a que toma o poder, mas a das eleições. Eu lhe disse: “mas nós não estamos apaixonados pelos fins. Se Allende consegue desencadear um processo socializante por seus próprios meios, ele vai nos encher de felicidade”. Se nesse Continente houve um governante que teve a coragem e o valor de querer levar para a frente outro processo diferente, esse governante foi Allende. Me lembro quando nos Estados Unidos, em 1982, eu assisti o filme *Missing*, do grande cineasta Costa-Gavras; eu o assisti chorando feito um louco. Mas o que me comovia ao assisti-lo era ver como, de alguma maneira, nesse filme a consciência norteamericana foi limpada e preparada para novas maldades. Onde? Em Cuba, Nicarágua ou El Salvador? Com uma honestidade exemplar, os Estados Unidos, seus jornalistas e seus limpos políticos reconhecem seus crimes, só que um pouquinho depois.

***Mas esse filme já acabou. Agora vão ter que ser outras as estréias...***

Sim. Pensando bastante, os Estados Unidos têm que mudar muito, muitíssimo para que possa produzir-se isso do que você fala. Seu modelo, seu esquema, virou massa, mas tem um exército extremamente poderoso. Quando eu morei em bairros populares onde na esquina tinha o ‘guapo’ – a quem chamavam de uma maneira preciosa: Rói-nervos – havia que sair à rua com uma pedra no bolso. A América Latina tem um Rói-nervos gigantesco ao norte e tem que andar com cuidado, porque em todo momento ele nos invade. Como em Cuba em 1961, na República Dominicana em 1965, em Granada em 1983, em Panamá em 1989. Como vamos nos juntar com o gângster? Como o senhor imagina que eu poderia juntar-me com Rói-nervos se eu não tivesse quarenta pedras nos bolsos? Não é possível que enquanto Rói-nervos continua fazendo das suas, nós nos entreguemos calmamente a essa união. É a união de um leão e de um carneiro. Eu acho que os leões devem unir-se aos leões e o que devemos propor, a nossa meta, deve ser chegar a ser leões, não rotários. Quando viremos leões, vamos nos juntar com esse outro leão, mas por enquanto o que não podemos fazer é entrar na gaiola do leão para ele

nos engolir a pedacinhos, que é o que ele quer. De fato, ele se incomoda muito com tudo o que fazamos coletivamente. Estamos em presença de – para dizê-lo da maneira mais acadêmica possível – um gângster local sem-vergonha que é o governo dos Estados Unidos. Eu não tenho nada contra o povo norteamericano, eu gosto tanto dele que espero que um dia se livre desse governo e então nos sentaremos juntos na mesa das negociações, seja em Iowa, em Córdoba, na cidade de Havana, onde seja.

***O que o senhor sentiu quando aconteceu o derrubamento do bloco soviético?***

Não foi uma boa notícia. Por outro lado, haveria que diferenciar. A situação da Europa oriental era a situação de países aos quais a Revolução socialista tinha chegado nas baionetas do Exército Vermelho e ali havia uma situação muito difícil, porque embora seja verdade que eles tinham os problemas materiais básicos resolvidos, também é verdade que não sentiam que tinham um regime que eles mesmos tivessem construído. No caso do que foi a União Soviética, houve sim uma autêntica revolução. Mas sem dúvida havia grandes problemas também no interior da União Soviética que não são desconhecidos para ninguém. Esses problemas foram revelados há bastante tempo pelos opositores a Stalin. Quem não tem lido a Trotski, por exemplo? Muitos dos textos de Trotski que eu tenho relido, parecem-me agora pró-soviéticos, é curioso. E para que falar de um pensador como Deutscher, cujo livro *A revolução inconclusa* – me dizia um desses dias um dirigente da Revolução Cubana – parecia feito para ajudar à União Soviética. Esses problemas na ordem política (e melhor, pessoal), foram denunciados por Jruschov em 1956, de forma que eram de domínio público. E tudo isso aconteceu antes da vitória da Revolução Cubana. Por esse motivo quando nos vinculamos com o estalinismo, não deixa de ser um anacronismo. Bom, seja o que for que tenha acontecido, para mim isso não é uma boa notícia. A União Soviética tinha que fazer grandes reformas, que eram inevitáveis para superar as dificuldades e avançar na direção de um horizonte socialista e não regredir ao passado, ao capitalismo. De todo modo, se eu fosse um entomologista histórico – e eu não sou – eu me aproximaria com muito interesse a esse enorme formigueiro para ver o primeiro caso no mundo em que é possível – como diziam os chineses quando estavam em inimizade com os soviéticos, a passagem pacífica do socialismo para o capitalismo. Não é tão pacífico, mas por enquanto estamos assistindo a essa involução. Como para mim o capitalismo é ruim, não me parece uma boa notícia que se involuções para o capitalismo. Ali o verdadeiro desafio era, partindo dos postulados iniciais de Gorbachov, a perestroika,

a glamost etcétera, ter ultrapassado os grandes problemas que existiam, burocráticos, ideológicos, econômicos, e ter ido mais longe. Mas não tem sido feito dessa forma, tem se regredido.

### ***O senhor não acha que o capitalismo tem algumas virtudes?***

Eu não desconheço que ele tem virtudes, mas acho que os defeitos são muitos mais do que as virtudes. Acho que ele traz implícita uma enorme quantidade de sofrimentos, uma enorme quantidade de miséria. Lembre-se do livro *O Capital*, de Marx. Existe uma tendência a se esquecer que Marx não era um economista, mas um revolucionário que estudou economia, que é diferente. E em algumas das páginas de *O capital*, Marx descreve como camponeses ingleses foram despojados das suas terras, e finalmente arrojados a terrenos rochosos nos quais não podiam plantar. Isso foi feito para que se tornassem proletários. Dessa forma surgiu o proletariado, de uma maneira pavorosa. Bernard Shaw dizia que Marx levou a sério os famosos livros azuis ingleses dos inspetores de fábricas. Ali se demonstrava como foi feito o acúmulo inicial de capital. Por uma parte, foi feito às custas do resto do mundo: escravizando-o: África, Ásia, América, Oceania. E, por outra, com a violência sobre o seu próprio povo. Isso foi chamado de acúmulo originário do capital. Graças à exploração da maior parte do mundo e de seus próprios trabalhadores. Como vão produzir o acúmulo originário do capital os países da Europa de Leste? Vão participar outra vez na partilha do mundo? Quem irão explorar? Porque, que eu saiba, sem essa exploração não existiria Inglaterra nem França, nem Alemanha, nem os Estados Unidos. Eu não posso ver com simpatia, repito, essa involução. Se não vão produzir esse acúmulo originário de capital em cima da base dos restos do mundo já repartido e devastado, e sobre a base da exploração de seus trabalhadores, como vão consegui-lo? Essa é uma curiosidade minha. Para mim é sempre comovente saber que na Inglaterra um homem pode colocar um caixão de bacalhau no Hyde Park, levantar-se e dizer o que quiser, exceto atacar à monarquia. Isso é uma manifestação muito bonita de liberdade. Lamento que isso também tenha sido feito no mesmo momento em que Gandhi ordenava a seus seguidores que se deitassem sobre as ferrovias dos trens. Dessa forma, no final, quando tivesse acabado a loucura desse admirável sonhador de Londres no Hyde Park, haveria milhares de índios mortos nas ferrovias inglesas. A liberdade que se adquire a esse preço é uma vergonha. A liberdade que hoje os Estados Unidos têm é uma vergonha, porque é feita às nossas custas. Essa liberdade supõe a nossa escravidão, a nossa pobreza, a nossa exploração, a

nossa miséria. Eu me lembro também de uns versos de Váleriy. O senhor vai me dizer: o que que a política tem a ver com Váleriy?. Eu seu muito bem porque sou poeta. Váleriy dizia no "O cemitério marinho": "quem devolve luz, supõe em sim triste metade de sombra". Essa luz, entre aspas, de Ocidente, supõe a sombra para os que hoje somos as três quartas partes do mundo e que no ano 2000 seremos as quatro quintas partes da humanidade.

### ***Mas estávamos falando da Europa de Leste...***

Estou convencido de que mudanças eram inevitáveis. Na Europa de Leste, como dizia Lezama Lima de forma muito engraçada, o socialismo havia caído sobre eles como uma tenda de circo. Na União Soviética existiu, sim uma autêntica renovação, mas teve um problema enorme depois, uma grande catástrofe: a morte de Lenin. Quando eu era moço, pensava que Lenin tinha morrido muito velho, mas agora que eu tenho sessenta e um anos, e eu sei que ele faleceu aos cinqüenta e quatro, e que levava dois anos praticamente morto em vida, percebo que ele morreu sendo criança. O que teria acontecido se ele tivesse vivido vinte anos a mais? Não teria acontecido a disputa dos diádocos, dos generais de Alexandre que repartiram entre si o império após a sua morte... O mundo teria sido outro. Isso de que os homens são substituíveis é uma mentira, os autênticos seres humanos nunca são substituíveis. Desde o seu pai e sua mãe até as grandes figuras históricas, até os grandes poetas, até os amigos. Insustituíveis foram Lenin e Martí. Eu insisto, as mudanças eram inevitáveis, mas lamentavelmente não foram feitas para a frente, mas para trás.

### ***O senhor não enxerga nessa crise do marxismo a crise definitiva do Iluminismo romântico e, portanto, do pensamento revolucionário?***

Conheço essa tese, é óbvio. Não ignoro tampouco, por exemplo, as comparações que Engels fez entre Rousseau e Marx. Inclusive eu li um livro interessante de Galvano della Volpe, Rousseau e Marx, e posso lhe dizer o seguinte: acho que é pouco feliz falar do marxismo, acho que Marx se referia a isso, de certa forma, com sua famosa boutade: "eu não sou marxista". Não sou o primeiro a apontar isto, mas eu vou lhe dizer isto aqui mais uma vez: o marxismo é, entre outras coisas, uma teoria revolucionária, como todo mundo já sabe, mas também é uma ciência que tem o nome do seu fundador. Isso tem produzido grandes confusões. O que faríamos se a geometria em vez de se chamar geometria, se chamasse de talesismo? . O que faríamos se a astronomia em vez de se chamar astronomia se chamasse de galileísmo? Nesse último caso, haveria que explicar como, em um

capítulo da astronomia, um homem ficou perante a Inquisição e teve que se retratar e disse que a Terra não se movimentava. Mas isso não forma parte da história da astronomia, mas da biografia de Galileu. Acho que temos que nos acostumar a falar do materialismo dialético e histórico como o fazemos com outras disciplinas filosóficas ou científicas.

### **No entanto, Martí foi um materialista histórico?**

Martí foi um revolucionário. Ele descobriu, do seu modo, muita coisa que Marx também descobriu. Da mesma forma que aconteceu com Leibniz e Newton, que descobriram por caminhos independentes o cálculo diferencial e integral, e seria catastrófico que à teoria correspondente a chamássemos de newtonismo ou de leibnicismo. O materialismo histórico não foi descoberto apenas por Marx e Engels. De fato, quando Marx já era morto, em 1883, o livro *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Engels, não é mais do que uma glosa, brilhante e certamente muito engraçada, de um grande livro que o americano Lewis Morgan publicou, *The Ancient Society...*, em 1877. Naquele livro, Engels diz que o antropólogo norteamericano Morgan tinha descoberto por seus próprios meios o materialismo histórico, com independência de Marx. A minha opinião (eu sempre tenho dado ao senhor o meu critério, não sou oficial nem não oficial) é que Martí, que era um espiritualista e tinha um espírito religioso- embora não tenha aderido a nenhuma religião e fosse profundamente anticlerical, sobretudo hostil à Igreja católica que era a que dominava na

América Latina  
nesse momento  
- chegou  
também, com  
suas próprias  
pernas, a

vislumbrar o materialismo histórico à margem de Marx, do mesmo modo que Morgan o fez. Porque é uma ciência e, num determinado momento, a ciência chega a um ponto no qual é perfeitamente possível que diferentes cientistas chegem à mesma conclusão.

### **Mas essa ciência está em crise...**

Morgan chegou a essa descoberta pela via da antropologia, Marx pela via da análise histórica e Martí chegou na sua condição de político, de pensador, de jornalista que tinha que comentar os fatos. Suas crônicas sobre as conferências panamericanas de 1889-1890 e 1891 mostram a crítica que ele faz a essas conferências. Ele faz essa crítica sob a perspectiva de um materialismo histórico ao qual já tinha chegado por seus próprios meios. Se as coisas são vistas dessa forma, eu não acho que essa ciência haja entrado em crise, não acho que a geometria tenha entrado em crise, nem que a astronomia tenha entrado em crise. Acho, melhor, que elas vão progredindo. Sei que desde que eu tinha doze anos até agora (tenho quase cinqüenta anos a mais) a astronomia tem conhecido uma enorme quantidade de coisas. Quando eu era moço, não se falava do big-bang nem de muitos outros fatos. E hoje em dia fala-se freqüentemente sobre isso. Isso quer dizer que a astronomia tem mergulhado numa crise? Ou quer dizer que a astronomia tem crescido como toda ciência tem que fazer? O materialismo histórico não tem entrado numa crise, está em crescimento. Os fatos ocorridos, por muito catastróficos que eles sejam, são dados para ser incorporados a essa ciência.

### **Então o marxismo é apenas uma ciência?**

Não se trata apenas de uma ciência, o marxismo é também uma doutrina revolucionária que tem sofrido um golpe tremendo, sem dúvida. Mas eu não vejo nenhum pensamento que tenha ido além do materialismo histórico. No seu livro *Crítica à razão dialética*, de 1960, Sartre diz que uma disciplina como o



materialismo histórico e dialético – eu não me lembro exatamente das palavras – não pode ser superada em um gabinete. Tem que ser superada com o próprio desenvolvimento da realidade, e eu sinceramente não tenho lido uma análise que anule essa disciplina. Provavelmente, quando o famoso Fukuyama do riso diz que a história acabou, que a guerra acabou, que os totalitarismos acabaram, parece que ele tivesse se esquecido que na Primeira Guerra Mundial nenhum dos participantes era nazi ou comunista. Tenho entendido que todos eram iguais, uns falavam horrores para os outros, os dois mentiam e os dois diziam a verdade. Essa foi uma guerra horrível. Como Fukuyama pode se esquecer de que naquela guerra nenhum totalitarismo participou? Acho que é um absurdo muito grande deste homem que se diz hegeliano. No começo pensei que era um hegeliano de direita, mas depois percebi que era um hegeliano de mentirilha, de uma ignorância do tamanho do mundo.

### **O que está acontecendo então com os intelectuais?**

Eu vejo um tremendo empobrecimento do pensamento mundial de gregos e troianos. Quando eu penso na minha Paris de 1955 e na Paris de hoje, acredito sim que se tenha produzido um empobrecimento lamentável do pensamento, que nos inclui a todos. De modo geral, não só não se tem chegado ao final da história, como nem sequer – e isso é mais triste ainda – tem se chegado ao final da pré-história. Já estamos no século XXI tecnicamente falando, mas o homem continua sendo uma besta das cavernas.

### **E essa crise do pensamento não inclui o materialismo histórico?**

Acho que no materialismo histórico houve, por momentos, consideráveis enriquecimentos, sejam eles provenientes de Lenin, de Trotski, de Lukács, de Gramsci, de Fidel, do Che, de Mao ou de quem fosse. Pensadores que realmente têm feito contribuições importantes ao materialismo dialético e ao materialismo histórico. Mas hoje eu sinto que vivemos num momento intelectualmente pobre.

### **A idéia de que o desenvolvimento do pensamento tem se empobrecido me parece fundamental. Como o senhor vê o desenvolvimento do pensamento próprio na América Latina?**

Na direita eu vejo uma ossificação e um atraso pavorosos. Quando ouço falar da nova direita, acho muito engraçado. Parece um sintagma francês, porque os franceses, como todos sabemos (Ernesto

Sábato tem-se burlado disso) juntam a cada momento um grupo de figuras e a isso lhe conferem o nome de 'novo ...'. Isso de nova direita me lembra disso, é uma *contradictio in terminis*, dado que a direita é, por definição, antiga, e essa suposta nova direita é ainda mais antiga. Eu não vejo nenhum aporte, absolutamente nenhum, em que seja colocado como projeto para a América Latina aquilo que estamos fazendo há cento e cinqüenta anos: uma nova versão do liberalismo. Em outros termos: nos colocam o passado como futuro.

### **E a esquerda?**

Com relação à esquerda, falando a grosso modo, sem dúvida uma parte dela está, naturalmente, comovida pelas coisas que têm acontecido, comovida pela avalanche de publicidade que a chamada nova direita tem e que parece engolir tudo. Mas existe outra parte da esquerda latinoamericana que não se comporta assim de maneira nenhuma. Em primeiro lugar, na América Latina tem havido, no decorrer destes anos, aportes nada carentes de interesse no que diz respeito ao pensamento. Nas ciências sociais, por exemplo. Pensemos o que pensemos da teoria da dependência, ela foi uma contribuição latinoamericana às ciências sociais não isenta de valor; pensemos o que pensemos da Teologia da Libertação (que logicamente tem muitas raízes em outros lugares: bastaria pensar nos padres obreros na França, na revista *Esprit de Mounier* etcétera), em geral, é uma contribuição latinoamericana importante. Acho que com todos os altos e baixos do pensamento próprio do materialismo dialético e histórico, ele tem também interessantes contribuições na América Latina.

### **Ainda que hoje em dia sejam verdadeiros cadáveres... O senhor está falando dos anos 60...**

Acho que a mediação pela qual Martí é atualizado através da Revolução Cubana é algo relevante. A mediação, sobretudo de Fonseca, pela qual as obras e inclusive o pensamento de Sartre têm sido atualizados, é uma coisa verdadeiramente importante. Acho que existe nestes momentos, vamos dizer assim, uma nova esquerda. Existem velhos gladiadores que mantêm a sua bandeira. Penso no Uruguai, onde existem pessoas como Benedetti, como Galeano; no México, pessoas como Pablo González Casanova, como Alonso Aguilar. Mas tudo está num processo de reformulação e temos que estar muito abertos para a realidade. Mais do que nunca, devemos ser alunos da realidade e, em vez de lhe impor dogmas e esquemas, muitos dos quais têm resultado desastrosos, temos que estar atentos. E isso não está

ausente nos melhores, mais consistentes e corajosos pensadores de esquerda da América Latina.

**Mas o senhor não acha que o pensamento de esquerda na América Latina está em profunda crise?**

Sim. Acredito que sim. Mas crise não quer dizer necessariamente aniquilação, embora negá-la seria como tentar cobrir o sol com um dedo. Não tenho dúvida: estamos todos obrigados, como lhe dizia antes, a uma revisão, a uma releitura, como a direita está fazendo. Por exemplo, no número de julho da revista *Vuelta*, dirigida por Octavio Paz, faz-se o que eles chamam de uma vindicação de Edmund Burke, um importante escritor inglês que em 1790, um ano depois da Revolução Francesa explodir, escreveu o primeiro grande texto contra essa revolução. Chama-se *Reflections on the Revolution in France*, e o seu autor é um dos primeiros escritores contra-revolucionários. Eu comento isso como mera descrição, não num sentido moral. Não é estranho que *Vuelta* faça a vindicação de Edmund Burke, porque no começo essa nova direita queria apresentar-se como herdeira das autênticas mudanças que deviam ser feitas e que haviam sido (diziam) traídas pelos chamados revolucionários. Mas na medida em que as coisas vão acontecendo, eles vão tirando a máscara e fazem tranqüilamente a reivindicação de seus antepassados, quer dizer, dos contra-revolucionários de todas as épocas... Acho que o que a esquerda deve fazer é também reler os nossos clássicos, incluindo muitos clássicos do nosso Continente e tirar também conclusões, logicamente, de outras partes do mundo. Eu quero chamar a atenção para o fato de que poucas vezes eu falo de Latinoamérica. Numa carta, o senhor dizia que era um mito francês. Eu prefiro falar de nossa América, que é a denominação que Martí lhe deu quando era jovem, desde 1875 até 1878, quando ele esteve no México e em Guatemala e, sobretudo, no seu melhor ensaio, que se chama assim: "Nossa América". Mas nós não dizemos "nossoamericanos". Tem que dizer latinoamericanos e caribenhos. Acredito que entre as tarefas que a esquerda tem na América Latina está, sem dúvida alguma, voltar a ler a história com os olhos do presente, com os olhos de 1991. Tem que se voltar a ler a nossa história sob a perspectiva dessa data, sem que isso suponha abaixar as nossas bandeiras e aceitar as bobagens que vêm da direita.

**Boa parte da esquerda latinoamericana que tenta fazer essa releitura vai chegando a posições que poderiam chamar-se de direita, pelo menos no plano econômico...**

Isso é possível, mas já não é esquerda, é direita.

**Esse é um fenômeno inquestionável. O que o senhor sente com isso?**

Para a esquerda é um momento ruim, sem dúvida. Não é o final, como lhe dizia, mas é um momento ruim. Uma das coisas que o senhor menciona e que está acontecendo é que, na discussão, chega um ponto em que a bandeira se dobra e se aceita a bandeira da direita. Por exemplo, quando se fala em desideologização e se aceita esse critério de clara raiz direita, é lógico que já tem se passado, de fato, para o terreno da direita, coisa que não é nova. No momento em que a mais cruel ideologização da direita lidera devido a seu respeito, isso é chamado de desideologização. Naturalmente ali tem uma armadilha. Como acontece na democracia. A democracia tem passado a ser um termo que está na boca dos que a



praticam assim como eu falo a língua persa. Estamos em presença de uma grande tergiversação verbal. Por isso eu lhe dizia que tenho saudades de certas formas do século XIX nas quais a tendência era a de chamar as coisas por seu nome. No século XIX, em vez de dizer: os Estados Unidos querem atacar Cuba porque em Cuba os direitos humanos são violados e porque não existe pluripartidismo, era reconhecido com tranqüilidade: "isso é nosso porque nós o queremos". "Nos apoderamos da América Central porque queremos, ponto". Agora tudo tem se convertido, nas mãos e bocas de certas pessoas, num verdadeiro linguajar, onde geralmente as coisas significam o contrário do que se fala. Por exemplo, conservadores são os que continuam acreditando na possibilidade da revolução e reformistas são os que estão a favor do

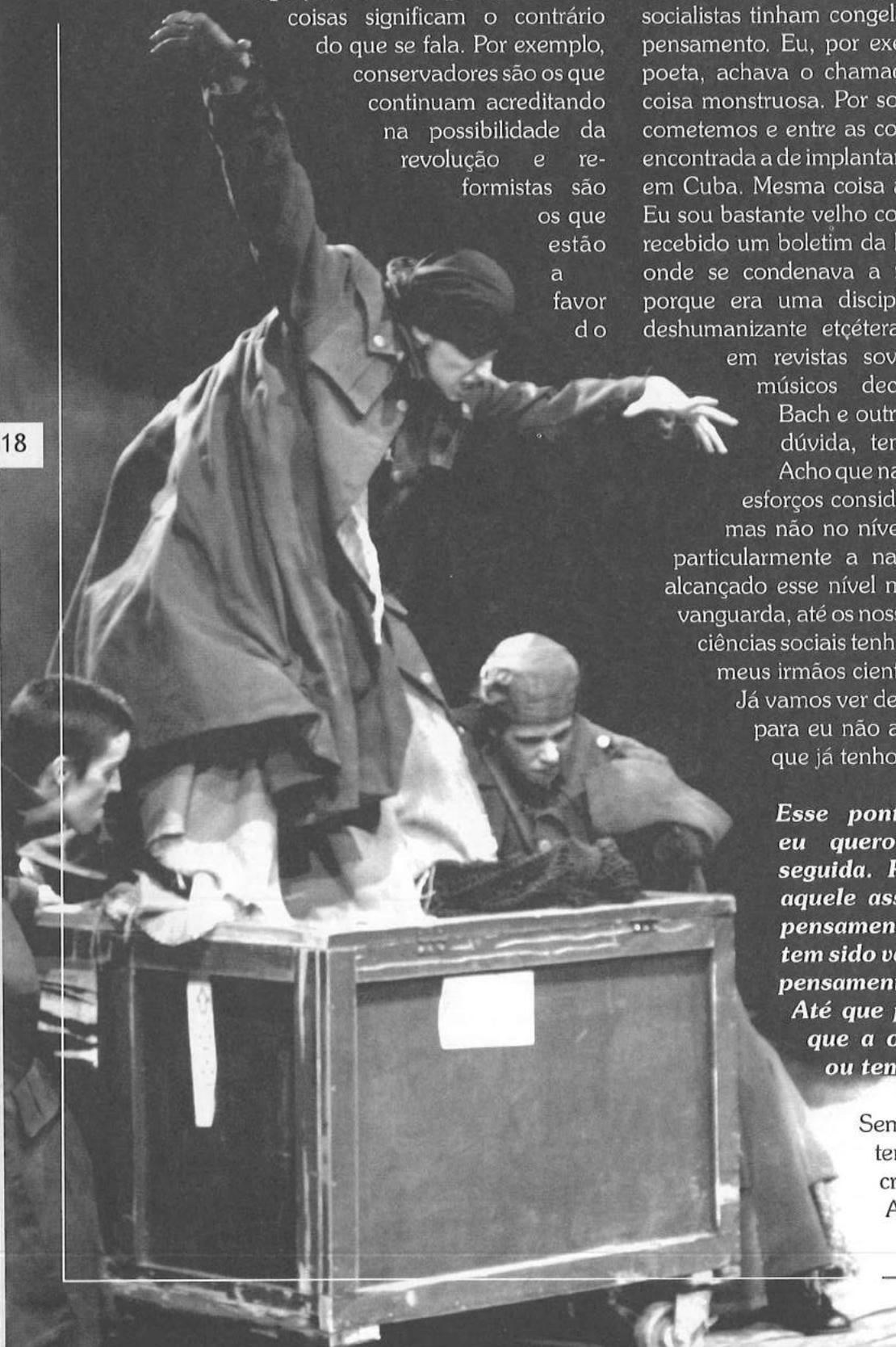
capitalismo. Tem que se voltar a aquilo que Flaubert propôs: o dicionário de idéias recebidas. E fazer um belo dicionário de absurdos que estão feitos com toda a intenção, de má fé.

***Até que ponto isso não tem sido provocado também porque o pensamento de esquerda não têm sido eficiente?***

É verdade, foi produzida uma ossificação contra a qual reagiu muito crudamente, por exemplo, o Che. E não há dúvida de que isso aconteceu e, aliás, temos casos realmente dramáticos, porque países que se diziam socialistas tinham congelado o desenvolvimento do pensamento. Eu, por exemplo, como artista, como poeta, achava o chamado realismo socialista uma coisa monstruosa. Por sorte, entre os erros que nós cometemos e entre as coisas que copiamos, não foi encontrada a de implantar nenhum realismo socialista em Cuba. Mesma coisa aconteceu com as ciências. Eu sou bastante velho como para me lembrar de ter recebido um boletim da legação da União Soviética onde se condenava a recém surgida cibernética, porque era uma disciplina típica do capitalismo deshumanizante etçétera. Eu tenho lido também em revistas soviéticas inculpações contra músicos decadentes como Haendel, Bach e outros. Isso é desastroso e, sem dúvida, tem projetado uma sombra. Acho que na América Latina tem havido esforços consideráveis nas ciências sociais, mas não no nível alcançado pela literatura, particularmente a narrativa. A poesia já tinha alcançado esse nível muito antes, desde Darío, a vanguarda, até os nossos dias. Eu não acho que as ciências sociais tenham estado nesse nível, e que meus irmãos cientistas sociais me desculpem. Já vamos ver depois como consertamos isto para eu não arranjar mais encrencas das que já tenho.

***Esse ponto é interessantíssimo, eu quero voltar para ele em seguida. Para acabar de discutir aquele assunto da ossificação do pensamento de esquerda: Cuba tem sido vanguarda e oráculo desse pensamento na América Latina. Até que ponto o senhor acredita que a ossificação tem chegado ou tem partido daqui?***

Sem dúvida, ela também tem existido. Inclusive um crítico cubano muito bom, Ambrosio Fornet, falou do que ele chamou como



qüinqüênio cinza, entre 1971 e 1975. Talvez não foi tão qüinqüênio assim, alguns acham que foi mais. Mas não há dúvida de que houve uma ossificação. A data a partir da qual a vida fica mais complicada para nós é a da morte do Che. Mais especificamente, desde 1967 e 1968, com a morte do Che, que significou nesse momento, o não cumprimento do projeto revolucionário continental. O que foi que a morte do Che implicou? Adiar esse projeto. E Cuba viveu um momento muito difícil, esteve sozinha no meio de toda solidão. Estava mal com a esquerda tradicional do Continente, com os países chamados socialistas e, logicamente, com os Estados Unidos. O que fazer nessa situação? Cuba não teve outra opção a não ser a de se integrar ao Conselho de Ajuda Mútua Econômica e esse é o momento em que o frescor e a originalidade iniciais da Revolução Cubana se enfraquecem por esses vínculos. Como uma forma de sobrevivência, nos integramos a esse socialismo real mais do que era prudente, com as conseqüências dramáticas que hoje estamos vivendo. O problema não é elogiar esse qüinqüênio cinza no seu aspecto intelectual, porque isso seria uma mentira, nem deixar de colocá-lo num contexto específico para compreendê-lo. Eu não vou elogiar os erros da Revolução, mas não posso me esquecer de que por eles serem erros da Revolução, são também meus erros. Eu acho sim que em Cuba houve um processo de ossificação ideológica ao longo desses anos. A criação do Ministério da Cultura, em 1976, foi de certa forma o início do fim visível para esse período. Mas o problema é que o obscurantismo, o dogmatismo, não são apenas etapas, são também linhas. E nós costumamos identificar a etapa com a linha hegemônica, que nunca é única. Uma etapa dogmática não é a etapa na qual existe apenas o dogmatismo: é a etapa em que o dogmatismo predomina. E uma linha audaciosa e revolucionária não é a etapa na qual existe apenas audácia e pensamento revolucionário, mas em que esses dois elementos são hegemônicos.

### ***Depois desses fracassos, o senhor vê a América Latina com o farol baixo, então?***

A América Latina está fora de moda. E é bom que a moda passe, pois a moda deve passar. A moda vai e vem. As senhoras o sabem muito bem: a minifalda, a maxifalda, sobem e descem de maneira muito conspícua. Mas a moda não deve interessar muito a ninguém, da mesma forma que o sucesso. Os espíritos superiores não trabalham em favor do sucesso, mas contra ele, dizia Martí. O exemplo de Vallejo é um caso patético, tremendo. Inclusive o terceiro de seus grandes livros de versos foi publicado postumamente em condições bastante precárias: Poemas humanos. Mas isso de que a nossa América

esteja com o farol baixo forma parte da situação geral dos países europeus. Por várias razões, estamos vinculados ao que se conhece como o Sul. A nossa situação, neste momento, é verdadeiramente dramática. Quando falo “nossa” quero dizer do Sul, em geral. Quando a polaridade Leste-Oeste – que tinha muitas desvantagens que já conhecemos, mas que pelo menos tinha a vantagem de que os Estados Unidos não tinham totalmente livres as suas mãos – desapareceu, uma outra polaridade que já existia, a de Norte-Sul, foi agravada. Eu estou bastante preocupado com relação ao futuro do Sul. No ano 2000, os habitantes do chamado Sul vão constituir as quatro quintas partes da humanidade. Então temos que nos preocupar não apenas pelo Sul, mas também pelo Norte. É possível que o Norte sobreviva à catástrofe do Sul? Claro, os primeiros doentes que morrem são os pobres. Mas de onde é que saem os motoristas, os jardineiros, as cozinheiras, se não é dos pobres? E finalmente a doença chega também aos ricos e todos morrem. Uns morrem antes do que os outros, assim de simples. Então me preocupo, tenho direito a me preocupar pela humanidade. Nós temos uma visão brutalmente antropocêntrica da realidade, uma visão que não se abala com nada, nem tem sido autorizada por ninguém. Antes que nós, houve muitas outras espécies que se extinguíram, e o ser humano é mais uma espécie entre muitas outras. Pensar que somos o fim da evolução não tem pés nem cabeça, e do jeito que as coisas estão acontecendo, se não melhorarem, não há futuro para a espécie homo sapiens. A civilização ocidental é a mais devastadora de todas as civilizações que o ser humano tem produzido na sua história. Primeiro acabou com as outras civilizações, ou as dizimou ou as empobreceu, e agora está empobrecendo o planeta. Essa é a minha preocupação. Me parece que eu devo levar para adiante e defender a minha Revolução com unhas e dentes porque ela é o pedacinho da história que me tocou. Mas eu o faço pensando na humanidade. Dessa forma, quando digo pátria, como Martí postulou, estou dizendo humanidade. É aquela parte da humanidade onde tive que viver e cumprir com meu dever.

### ***Tanto por fatores externos como por fatores internos, a existência da Revolução cubana está em grave perigo. Na sua opinião, como escritor cubano, como salvaria essa Revolução?***

O dia 1º de janeiro de 1959 não é apenas o início da Revolução Cubana, mas o da independência cubana. Nós fomos durante aproximadamente quatrocentos anos colônia espanhola, sessenta anos protectorado ou neocolônia yanqui. Temos apenas trinta e dois anos de independência. A Revolução acabou sendo fundida com a nação mesma, e nesse

momento tanto a Revolução como também a nação estão em grande perigo de extinção. E isso é grave. Vivemos uma situação limite mas, nessa situação limite, curiosamente, as artes – pelo menos a poesia, segundo a minha experiência – passam a um primeiro plano. Vivemos uma situação limite e, no meio dessa situação limite, pelo menos a poesia parece não se deter.

### ***O senhor gosta de situações limite?***

Eu não me sinto satisfeito por viver uma situação limite, preferiria que não fosse assim, naturalmente. Mas, como eu falo para o senhor, para a poesia essa não é, de maneira alguma, uma cojuntura em que ela deva se deter. De fato, aqui em Cuba, em condições muito duras, durante este século, temos vivido de tudo, até duas terríveis tiranias, a de Machado e a de Batista. A arte tem um reinado autônomo, um reinado próprio, tem suas próprias incidências e suas próprias leis, não pode ser detida, está no próprio coração do homem. Se Aristóteles pode dizer há dois mil e trezentos anos que o homem é um animal político, tem que se dizer também que é um animal poético e que a criação da poesia, da arte em geral, está no coração do homem. Com a poesia quero nomear a arte toda. Mas eu não aconselho a ninguém que viva situações limite para fazer poesia, não sou daqueles que gostam de ver as pessoas sofrerem porque sofrendo se produz mais, não. Eu acho que existem mil fontes de sofrimento, sem necessidade de situações limite. Não gostaríamos de viver este momento, mas ele nos tem sido imposto e temos o dever moral de assumi-lo como ele é.

### ***Como cubano, o senhor vê alguma saída para essa situação limite?***

Com certeza o país está enfrentando diferentes tarefas e enfrentará outras. Reajustes, acomodações, como se prefira falar. Dado que não estamos pensando em nos suicidar, pensamos sair à superfície dessa situação ruim. Essa situação ruim supõe dificuldades econômicas muito grandes e, como consequência, implica também audácia econômica grande para enfrentar a realidade. Eu tenho esperança, tenho fé, tenho a certeza de que uma saída vai ser encontrada, que Cuba não será abatida economicamente, ainda que esse seja o projeto do governo norteamericano, o de nos afogar para provocar um malestar interno inevitável em situações de escassez, de dificuldades e, dessa forma, afundar a Revolução Cubana, que é o sonho que eles têm há trinta e dois anos. E portanto, unir Cuba ao carro dos Estados Unidos, que é o sonho deles há dois séculos. Nós não somos mais do que modestos continuadores dos que impugnaram esse sonho anexionista que já Jefferson tinha manifestado

em 1805. Acho que faremos sacrifícios e passaremos por etapas ainda mais difíceis, mas que em última instância encontraremos uma saída. Somos dez milhões de pessoas, não somos muitos.

### ***Vão conseguir dar de comer até então?***

Espero que seja resolvido, com grandes dificuldades, o problema alimentar, como o problema do petróleo. Cuba não tem fontes energéticas. Não tem petróleo, nem carvão, nem grandes quedas d'água. Estamos buscando petróleo, quem sabe ele não aparece. Tem aparecido, mas um pouquinho só. No entanto, eu me lembro que estávamos na zona petrolífera que vai do Texas até Trindade e Tobago e Venezuela. Tem que haver petróleo, mas ainda não o temos encontrado. De todo modo, insisto em que encontraremos algum tipo de saída, tenho certeza, temos que querê-lo e fazê-lo. É difícil para mim desvincular a minha vida como intelectual, como escritor desta realidade bastante dramática. Mas o que sim posso dizer é – embora pareça paradoxal – que sinto que Cuba está vivendo não os seus últimos dias, como os yanquis dizem e alguns repetem, mas uns novos primeiros dias. Isso é muito perigoso, mas acho que é o que acontece. Do ponto de vista intelectual, esse período de enfraquecimento do qual falamos, esse famoso quinquênio cinza, não deve ser repetido jamais. Acho que Cuba tem reconquistado a liberdade e a coragem que caracterizaram a Revolução Cubana nos seus primeiros anos. Como tudo na vida, isso tem um custo alto. Vamos sair desse buraco, dessa maranha, mais fortalecidos. Se não sairmos semideuses, pelo menos vamos sair mais fortes. Já sabemos que não somos semideuses. Nietzsche tem pronunciado a palavra definitiva sobre isso: “Se Deus existe, por que eu não sou Deus?” Não esperamos ser Deus, queremos simplesmente ser o suficientemente fortes como para cumprir com as tarefas que temos encomendadas. E eu confio em que assim será. E como artista, como poeta, não separo uma coisa da outra: eu não tenho uma concepção política da vida, tenho uma concepção poética da vida. O que acontece é que a política, quando é assumida como um fato moral, é também um fato poético.

### ***Vocês os cubanos têm sido sempre muito defensores da identidade latinoamericana... O senhor continua acreditando nisso? Em que consiste?***

Os moços costumam ser muito pedantes e os meus colegas e eu não fomos uma exceção. Quando estudávamos filosofia, tínhamos chegado à conclusão de que o questionamento de Parmênides e o de Heráclito eram conciliáveis. Parmênides diz que todo ser é idêntico a si mesmo e Heráclito afirma que

tudo flui. E isso nos fez chegar à conclusão de que todo ser está sendo igual a si mesmo. Apenas nesse sentido é que me interessa essa questão da identidade. Porque do contrário, pode virar uma frase retórica. Acho que sim existe uma identidade, podemos chamá-la de latinoamericana e caribenha, à que muitos textos se referem, como por exemplo, "Nossa América", de Martí. É uma declaração da identidade latinoamericana, mas num sentido progressivo, numa espécie de gerúndio. Não é uma coisa que existe de uma vez e para sempre, mas uma coisa que vai sendo construída através do que costuma ser chamado de nosso sincretismo. É uma palavra da qual não gosto e aliás é bastante confusa. Costuma-se dizer que a nossa cultura é sincrética porque junta linhas provenientes de fontes muito diversas. Então eu me pergunto: com exceção de casos raríssimos, que culturas não são sincréticas? Se existe uma cultura sincrética, é a cultura ocidental, que se forma sobre a base das coisas mais heterogêneas: uma crença religiosa semita, a filosofia dos gregos – que, por outro lado, deviam tanto aos egípcios –, as leis romanas, os costumes chamados de bárbaros dos germanos, a influência dos árabes, dos bizantinos. A toda essa amálgama é que chamamos de cultura ocidental. Nós temos uma maravilhosa crença popular em Cuba que se chama santería, o equivalente ao vodúismo haitiano, que também é chamada de culto sincrético. Mas, quer culto mais sincrético que o catolicismo, que fundiu as coisas mais incríveis da Terra, quando incluiu crenças orientais, filosofia grega etcétera, para chegar a ser com Constantino a religião do Império? Portanto, eu não me sinto à vontade falando de sincretismo, dado que todas as culturas são sincréticas. Eu sim acredito – talvez eu esteja errado – que a nossa identidade tem, no entanto, um rasgo de universalidade que provavelmente outras culturas não têm. Apesar da evidente universalidade da cultura ocidental, existem certos paroquialismos que fazem com que os ocidentais possam compreender ao resto do mundo como um rascunho ou uma aprendizagem de sua própria cultura. Nós não temos isso, temos os olhos grandes, ainda que lhe devamos muito à cultura ocidental, já que dela viemos.

### ***Mas a cultura ocidental é cada vez menos...***

Claro. Temos heranças próprias de todas partes do mundo. Eu tenho escrito sobre isso em outras ocasiões, mas volto ao começo. Eu ficaria muito aborrecido se identidade fosse tomada como um fato estático, e muito mais se ela fosse tomada como um fato do passado. Acho que é um fato em marcha, que vamos realizando continuamente. Aqui em Cuba, por exemplo, no final do século XIX, um poeta magnífico, Julián del Casal, tinha sido muito influenciado pelos franceses coetâneos a ele, e não faltou quem falasse que sua obra não estava na tradição cubana. Mas quando eu comecei a ler poesia (eu tinha treze anos), a tradição cubana para mim estava comandada por

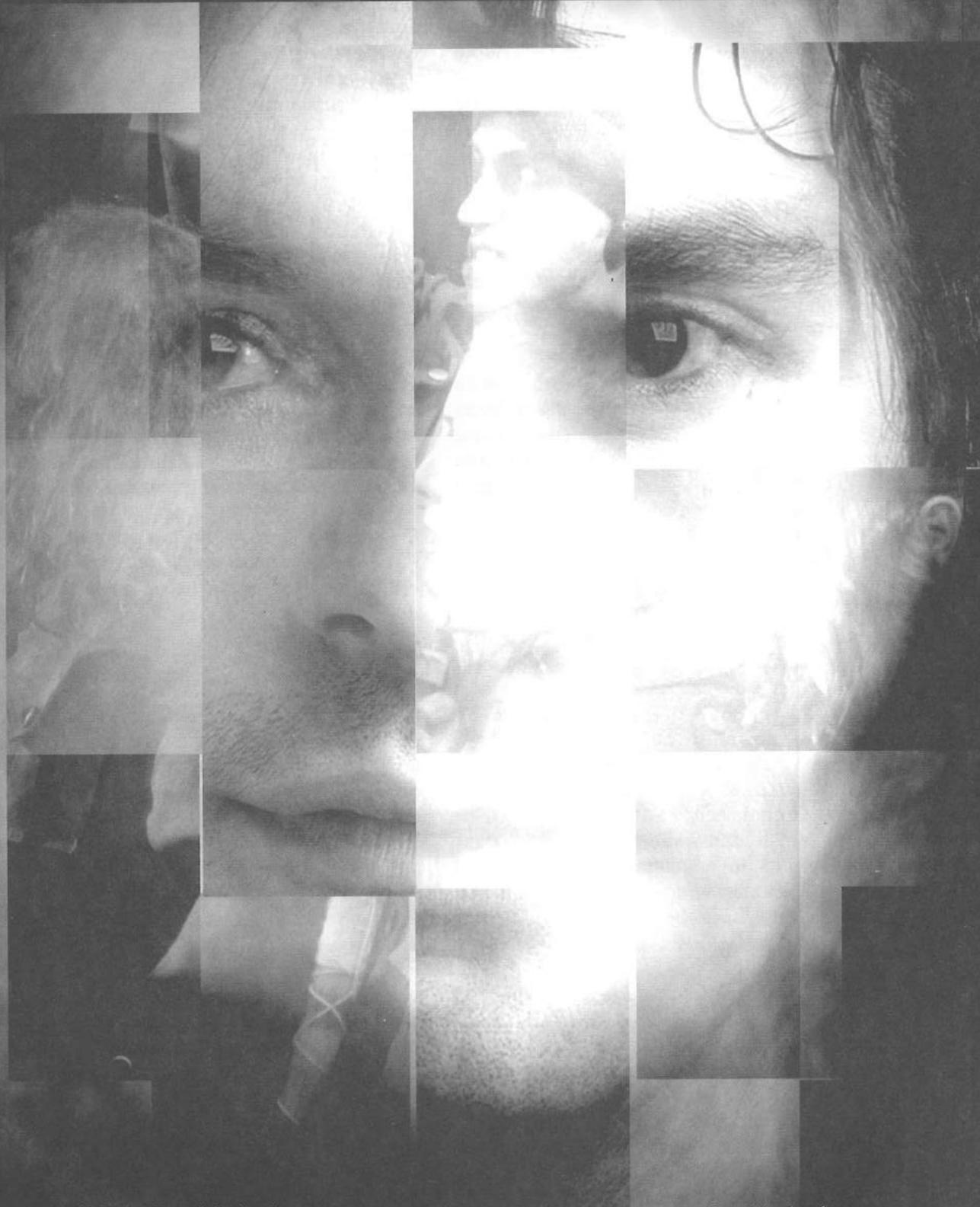
Casal, que tinha morrido meio século antes. Ele já era a tradição cubana. Só nesse sentido restrito eu falaria de uma identidade latinoamericana, que não poderia definir, mas que eu sei que existe. Eu não leio a Huidobro, a Neruda, De Rokha, Manuel Rojas, sei lá, ou a Borges ou a Reyes, como estrangeiros. Sinto que existe já uma unidade no campo da literatura e de certas artes que anuncia que ainda não somos essa unidade do ponto de vista político. Mas o que temos em comum nos permite considerar-nos como latinoamericanos e caribenhos. Eu vou comparar um caso extremo como Nicolás Guillén, que evidentemente tem a ver com as raízes afro-ibéricas do Caribe, com outro extremo: Borges. Eu ouço dizer em todo momento, às vezes para o bem, outras para o mal, que Borges é um escritor europeu. Eu acho isso um absurdo, isso não tem pés nem cabeça. Para começar; eu não conheço nenhum escritor europeu como Borges. Ele mesmo, no seu magnífico trabalho sobre Kafka, dizia que Kafka criou os seus antecessores. Borges é um típico escritor argentino e, aliás, especificamente bonaerense. Ainda que não saibamos dizer muito bem o motivo, é porque existe uma identidade latinoamericana, da qual Borges ficaria rindo. Mas o riso de Borges também forma parte das produções latinoamericanas.

### ***O senhor não vê nenhuma possibilidade de que, dentro dessa transnacionalização que o mundo está vivendo, onde já os países não contam como países, isto que se chama de América Latina seja reabsorvido e recolonizado?***

Não é impossível, não acho que seja impossível. De fato, a história está cheia de projetos que foram para o lixo. Quer dizer, não vejo o porquê o nosso projeto tem tudo para dar certo. Uma das coisas mais bonitas do nosso projeto é que parece que ele tem tudo para dar errado. Borges contava que ele foi se inscrever no Partido Conservador. Quando chegou ao endereço em questão, nem sequer os vizinhos sabiam aonde ficava o escritório do partido. No final, Borges entrou, se inscreveu e quando o viram sair, alguém lhe perguntou: "Por que o senhor tem se inscrito no Partido Conservador, se as perspectivas dele são nulas?" E Borges respondeu: "Um cavaleiro só adere a uma causa perdida". A nossa não é uma causa perdida, mas está o suficientemente ameaçada como para que aderir a ela seja próprio de um cavaleiro. Dessa forma, subir ao carro dos yanquis porque "inexoravelmente eles vão ganhar", já é uma meta repugnante que seria razão suficiente como para que eu não entrasse nesse carro. Mas os que montam nele, os que abandonam a sua bandeira e aceitam bandeiras próprias dos yanquis, sinceramente não são cavaleiros e não gosto de falar sobre eles. Não vão nos vencer.

Havana, 6 de novembro de 1991

# A AUTONOMIA CR



22

*Autonomia: S.F. 1. Faculdade de se governar por si mesmo. 2. Direito ou faculdade de se reger (uma nação) por leis próprias. 3. Liberdade ou independência moral ou intelectual. 4. Distância máxima que um veículo, um avião ou um navio pode percorrer sem se reabastecer de combustível. 5. Propriedade pela qual o homem pretende escolher as leis que regem sua conduta.*

# RIATIVADO ATOR

## REINALDO MAIA

O Foliás, nos últimos anos, para ser mais exato, desde 2004, vem refletindo e pesquisando em seus trabalhos e treinamentos, como em uma sociedade “espetacularizada” e mercantilizada pode o teatro ter uma função e um papel social que escape da contaminação patrocinada pelos instrumentos de reprodução do Capital. Nesta perspectiva, é reconhecida a contribuição dada ao teatro, no século passado, pelas reflexões e pensamentos de Stanilasvski e de Brecht, e que tem servido como base de nossas buscas. Mas, também, temos certeza, como nos “ensina” os dois mestres do teatro mundial, se quisermos criar/fazer um teatro consoante a nossa época temos, como obrigação, que levar adiante os seus conhecimentos, já que o tempo e o espaço nos quais estamos realizando as nossas criações são muito distintos da deles.

Deste ponto de vista, podemos dizer que Stanislavski nos é importante como sistematizador e pensador dos “conhecimentos técnicos” e éticos necessários ao ator para que ele possa desempenhar sua “função” na criação e elaboração do espetáculo. A sua disciplina no treinamento na busca de uma interpretação na qual o ator consiga harmonizar o seu mundo “interior”, conhecimentos e vivências individuais, com o mundo “exterior”, onde atua e interage. De Bertolt Brecht temos todo o legado da discussão da dramaturgia da cena pós-drama burguês, que foi superado no século passado com o avanço das conquistas sociais, políticas, culturais e tecnológicas da sociedade.. Tendo estes dois pilares a nos sustentar e a nos dar suporte para os questionamentos de nosso ofício na atualidade, tentamos entender qual a particularidade desta busca em um país onde o Teatro ainda não é uma instituição consolidada e nem uma “necessidade” cultural, entendido como um direito elementar do cidadão. Em outras palavras, todas estas buscas e procuras de um Teatro consoante a nossa época e tempo têm a ver mais com as “necessidades criativas” daqueles que o fazem do que com uma exigência do público que o assiste, pelo simples motivo de que o fenômeno artístico, como tal, ainda não faz

parte do “dia-a-dia” existencial do povo brasileiro.

Esta busca pela “singularidade” do fazer teatral enfrenta um outro complicador, graças ao fato de que o mercado de entretenimento, que necessita criar “novas” mercadorias a todo tempo para garantir a sua sobrevivência e expansão, se apropria dos conhecimentos e técnicas do fazer “teatral”, dando-lhes outra utilização. Isto é, num país como o Brasil, onde há uma distribuição injusta da renda e do bem simbólico, o contato com a arte da representação, para a grande maioria da população, se dá através das telenovelas, que assimilaram como estilo, não como instrumento para a produção de pensamentos, uma série de procedimentos que tiveram origem e eram próprios do fazer teatral.

Os conhecimentos e pensamentos de Stanislavski para a arte da representação foram amplamente introduzidos na indústria cultural, graças à sua disseminação e adoção nos Estados Unidos como técnica de atuação pela indústria cinematográfica. Esta apropriação fez com que seu pensamento fosse esvaziado da questão ética do fazer “teatral” e do exercício do ofício do ator. Melhor dizendo, foi funcionalizada para servir como um instrumento útil para conseguir uma representação “naturalista”, tão cara para o cinema americano, e jogou no lixo as questões como o papel da arte, do



ator, de sua responsabilidade frente ao público e à sociedade onde vive. Como diz a Profa. Iná Camargo, a direita lançou mão de seu poder para tornar Constantin Stanislavski um mero criador de técnicas e habilidades para o que o ator possa exercer sua função, desvinculando estes conhecimentos do caráter ético do exercício de seu ofício. Mais uma vez, a separação entre arte e política, como se fora possível a neutralidade da arte diante das questões de seu tempo.

O mesmo aconteceu no Brasil, em particular com a televisão, que se apoderou das reflexões e conhecimentos de Bertolt Brecht sobre a arte da encenação. O efeito de distanciamento, o uso dramático da música, a interrupção da narrativa, para citar alguns procedimentos que fundaram o teatro dialético, foram apropriados pela indústria do entretenimento e transformados em “efeitos de estilo” esvaziando-os de seu caráter “historicizante” e politizador da cena. No caso brasileiro, a televisão usa e abusa desses procedimentos, levados até ela por conhecidos criadores/fazedores que tiveram sua origem no Teatro e formados pela teoria de Bertolt Brecht. O que na dramaturgia da cena teatral era um poderoso instrumento de “historicização da cena”, para o público se manter crítico em relação ao assistia, sofre uma banalização nas novelas e outros programas, transformando-se em algo digestivo e estereotipado, perdendo sua eficácia e poder crítico. Sem falar nas séries de programas, hoje em dia, que ultrapassando em muito o “realismo”, tão ao gosto destas produções, nos mostram a vida como ela é, como por exemplo, os diferentes tipos de “reality shows”. Ou seja, o “hiper

realismo” na tela das televisões a negar e a sobrepor-se à própria realidade.

Por todas estas questões, se os criadores/fazedores de teatro, quiserem continuar tendo uma “importância” social no imaginário do público que o vem assistir, têm que direcionar suas buscas para além das conquistas já realizadas por estes dois revolucionários do teatro do século XX. E ir além diz respeito a repensar qual a função do espetáculo, como criador de pensamentos e de símbolos, mas, também, o papel do ator que é, em cena, o grande construtor do espetáculo. Não devemos esquecer que tanto para Stanislavski como para Brecht, o papel do ator na construção da dramaturgia da cena tem uma centralidade importante para os “resultados” de uma encenação. Ambos exigiam a “construção” do novo ator, para dar conta desse “novo” teatro. Nós, do Foliás, entendemos que, com a complexidade que adquire o mundo na era da globalização, da mercantilização e “espetacularização” da vida, torna-se mais urgente a “construção desse novo ator”. Construção que vai exigir uma nova formação para que o ator possa exercer o seu ofício. Perguntar por esta formação é perguntar, de outro modo, pelo papel que tem o ator, hoje, na criação da dramaturgia da cena e qual sua relação com os demais criadores/fazedores do espetáculo. Não devemos esquecer que o “espetáculo” é constituído pelos diferentes níveis de sua criação. Como disse Bertolt Brecht, “o ator catequizador tem que dar lugar no palco para o ator filósofo”. Em nossa formação histórica e na história de nosso Teatro é forte a tendência catequética em oposição a um teatro de “idéias”, de “pensamentos”. Isso tem a ver com a

forte presença dos jesuítas na colonização do país e, posteriormente, a uma visão do fazer cênico como uma “missão voluntária” de levar “cultura (fé) ao povo” ou de “conscientização das massas” (proselitismo político). Nos tempos atuais, estes dois motivadores para se posicionar quanto a que Teatro se



quer fazer, têm ficado em segundo plano em relação a ter o Teatro se transformado em uma “forma”, que não têm que estabelecer nenhuma relação com as questões políticas e sociais da sociedade onde interage. Um teatro à “beira de uma esquizofrenia social”. Mas mesmo dentro desta perspectiva, quando um “ator global” faz teatro, o faz tendo como “reivindicação para sua arte” as motivações catequéticas ou proselitistas que o dignificam como “cidadão/artista.

Como superar esta falsa compreensão do fazer teatral e da própria função do ofício da representação? Como criar um “Teatro” que seja um motivador para o público procurar e torná-lo um referencial para a sua vida, distinto do que assiste como “arte das representações” nas telenovelas que invadem diariamente suas casas? Que formação dar ao ator e que relação este terá com os demais criadores/fazedores do espetáculo teatral? Para se manter como o “centro” criador de símbolos do espetáculo cênico? Que liberdade deve ter o ator?

Numa sociedade de consumo em massa, ter ou almejar a “cidadania” é algo que exige disciplina e compreensão de quem vive em sociedade. No dia-a-dia, seja pela mídia (revistas, jornais, rádios e televisões) somos bombardeados por informações que nos induzem a hábitos, costumes e atitudes que nos conformam para sermos aceitos pelo maior número de pessoas e nos possibilitam ter alguma chance de competitividade na sociedade. Neste sentido, o “indivíduo” é levado a crer que, para sobreviver na disputa diária por um lugar ao “sol”, é melhor abdicar-se de seu livre-arbítrio e de sua “posições críticas”. Cada dia que passa temos menos espaço para exercer iniciativas próprias e individualizadas na sociedade do consumismo e do individualismo. Paradoxal? Não, se pensarmos que o individualismo é uma maneira de tornar iguais os diferentes, criando uma sensação de que cada um está construindo seu próprio modo de ser e escolhendo segundo seus interesses e desejos. A sutileza da “indução e da manipulação”, na sociedade de consumo em massa de hoje em dia, através de seus diferentes instrumentos de “alienação”, faz com que se mantenha a crença de que as “escolhas” são livres e fruto das opções individuais. A sociedade da hiper coisificação da natureza e do homem, da “espetacularização”, da realidade virtual transforma o “indivíduo” num arremedo

do que levou, séculos e séculos, para constituirlo como o “construtor de sua própria história”.

O novo Olimpo está povoado de novos deuses a determinar o nosso “destino”. A grande diferença do mundo clássico para os dias de hoje é que os deuses, apesar de ainda serem inatingíveis, são mortais, conhecidos, construíram seus próprios oráculos e podem ser substituídos por novos deuses, através das guerras de concorrência e disputa pelo “espaço”. Há a possibilidade, ao contrário do que acontecia no mundo clássico, de um simples mortal alcançar lugar de destaque no Olimpo contemporâneo. Mesmo que o funil seja estreito, ele ainda é mais largo do que em outros tempos, no que diz respeito à criação de deuses e sua substituição. Dentre esses novos deuses, que estão a confirmar a concorrência e a competição entre os mortais, está o ator, “astro solar” de sucesso na constelação dos vencedores. A arte da representação, graças à indústria cultural, patrocinou no século passado, a entronização de diferentes “astros deuses” no Olimpo. Esta capacidade de criar os “astros deuses” tirou o ofício da representação da “marginalidade social” para colocá-lo no “sonho e aspiração” de nove entre dez mortais do planeta. É o “sonho” de vida de milhões de mortais. Esta transformação da motivação para se tornar ator contribuiu com a perda de autonomia e liberdade criativa dos atores. Como “produto” a ser negociado no Mercado do entretenimento o importante é “conservar, aprimorar e reproduzir” o que é “sucesso” e aceito pela grande maioria dos consumidores. A busca da criação e prospecção de novos caminhos para a sua arte torna-se proibitiva. Reprodução, recriação, como receita para alcançar o sucesso e o reconhecimento. As exceções só confirmam a regra.

Neste sentido, a própria formação dos atores sofreu grandes mudanças. A aquisição de novas habilidades passou a ser mais importante do que sua formação intelectual e cultural. No caso brasileiro, onde a televisão representa o papel de Hollywood, o ator estudante, em uma porcentagem muito grande, escolheu o ofício teatral sem conhecer, de fato, o que é o Teatro. Ou seja, ele é um neófito sobre a arte que escolheu para estudar e, futuramente, exercer. Quando formado, passa a ser o que poderíamos denominar de “alfabetizado funcional na arte de representar”. Isto porque, em toda sua formação,

o mais importante foi adquirir algumas técnicas, “truques” que o habilite, em um tempo mínimo, “representar”, ficando em segundo plano toda a sua formação teórica que é o que, de fato, vai fazer com que ele venha a ter uma “identidade e visão crítica” sobre o seu ofício e a arte. Num certo sentido, podemos dizer que ele é “malemá” treinado para “macaquear” em cena aquilo que acredita ser a “construção de um personagem”. Isto quando a escola já não é mais direta e o “forma” para ser um “ator de televisão”. É claro que existem exceções, mas volto a enfatizar que, na situação em que vivemos, elas confirmam a regra.

Diante de uma formação falha e deficiente de pressupostos teóricos que possam dar ao ator estudante uma base para a compreensão da complexidade do ofício teatral, os espetáculos, em grande número, não passam de “cópias” do que se vê nas telenovelas no que diz respeito à representação, concepção e dramaturgia. Esta “miséria imagética e ética”, que retira do teatro sua especificidade e magia, acaba sendo dada pela própria limitação artística daqueles que participam da elaboração do espetáculo, no qual o ator tem a responsabilidade maior de “materializar” os personagens e a história a ser mostrada. É um teatro da literalidade. A intermediação do ator, da encenação para o público, pouco acrescenta ao que podemos abstrair da simples leitura da obra como literatura dramática. Devido ao despreparo para a compreensão do ofício e do teatro, as encenações e interpretações ficam presas às primeiras camadas” do que é proposto pela

literatura dramática da obra. É uma “mimese” inconsistente que, como diz o público habituado à teledramaturgia da televisão, parece muito com a “vida”. Um teatro que é mero espelho da realidade que o encerra. E, em uma grande parte, espelho distorcido e que favorece a distorção da realidade.

Mas sabemos que não é tarefa do Teatro substituir a vida. Ao contrário, sua primeira função seria de nos mostrar o que, no dia-a-dia, não somos capazes de ver a vida que levamos. Entendido como conhecimento e diversão, o Teatro tem como objetivo propiciar ao Homem o conhecimento de si próprio, como também da sociedade onde vive. E a mera “reprodução” da vida em si, nada nos acrescentaria e estaria desvirtuando a própria essência do Teatro. O que interessa, desde tempos imemoriais, para não falar desde as tragédias gregas, é o que está escondido debaixo do que nos “dá” o texto, a vida e a realidade. Se assim não fosse, melhor seria que a obra continuasse como literatura, sem a mediação do palco, para que cada um dela extraísse o que fosse mais significativo na sua experiência de vida. E se fosse para ser a “vida” em cena, melhor seria que vivesse o público a sua própria vida. A “virtualização” de uma experiência vital tem deixado rastros catastróficos na história da humanidade.

Para ir ao encontro de um Teatro que cumpra com sua função social, muitas foram as experiências realizadas com a “encenação” e a “representação”. Para ficarmos restritos as de um passado próximo no Brasil poderíamos citar aquelas realizadas a partir dos anos 60, quando o Teatro ansiou ser um instrumento efetivo e concreto na transformação da realidade. Dentro do movimento de transformações que passava o mundo e a sociedade, questionando



todos os pressupostos existentes até então, mesmo vivendo baixo uma ditadura, o teatro experimentou novas “formas e conteúdos” de olhar criativo e crítico sobre o Brasil. Questionou o velho teatro “catequético” e europeizado. Brincou com o espaço cênico. E, sobretudo, iniciou um profundo questionamento sobre o papel do Ator e da arte da representação. E, talvez, possa dizer que foi nesse período que, pela primeira vez, tenha se colocado em discussão a questão da “autonomia criativa” do ator.

Não devemos esquecer que até então, isto é, até a vinda dos diretores europeus trazidos pelo Teatro Brasileiro de Comédia para reproduzirem aqui o teatro que se fazia na Europa, encenar uma peça era “determinar as marcas” que favorecessem a presença dos personagens protagonistas. Podemos dizer que era estabelecer as órbitas em que circulariam os coadjuvantes para melhor realçar o “astro rei”. O ator era assim um repetidor de texto e de marcas. Texto do qual só conhecia as suas próprias falas e as “rubricas e deixas” para o seu personagem. A sua contribuição para o Todo do espetáculo era tão insignificante que sequer necessitava conhecer Todo o texto do espetáculo. O diretor era assim um “diretor de trânsito” dos atores sobre o palco. Era o ápice da “literatice” teatral, que se mantém até hoje em alguns rincões muito e pouco afastados dos grandes centros culturais. Com a modernidade trazida pelos diretores europeus, novas relações de trabalho se estabeleceram na elaboração e criação do espetáculo teatral.

O Brasil, com o período do TBC, como só acontece em sua história, pula da pré-história teatral para o que havia de mais atualizado e moderno no mundo. Um salto que vem a exigir a criação da primeira escola de teatro do país, a Escola de Arte Dramática, coisa até então desnecessária para o nível de teatro que aqui se fazia. É o início da “profissionalização”, o que prefiro chamar de “especialização” do ofício e, em particular, do ator. Agora, fazer teatro não tem só a ver com o “talento” natural de um apaixonado pelo teatro, mas passa a ser uma profissão que, para o seu exercício, é exigida uma formação escolar profissionalizante. Há uma separação “categorial/profissional” entre o “artista”, visto como o especialista em “fazer teatro” e o homem comum que o vem assistir e que, eventualmente, em sua comunidade pode “brincar” de fazer teatro, mas não é um artista. É interessante notar que esta profissionalização do artista na sociedade brasileira, se dá nas diferentes áreas quase em uma mesma época, que é por volta dos anos 40 do século passado. Na música é a época dos

cantores e cantoras do rádio, no teatro da criação do TBC, no cinema dos estúdios produtores da chanchada carioca e da Vera Cruz, nas artes plásticas da criação dos principais museus e conseqüentemente da comercialização das obras.

O Teatro dos anos 60 surge como oposição e movimento de renovação a estas relações e divisões de trabalho estabelecidas pelo TBC. Teatro empresarial que objetivava ser um empreendimento capitalista e com vistas ao lucro, e que ficou denominado de “teatrão”. Isto é, o teatro das estrelas e astros do palco italiano, de origem européia e europeizado, do preconceito de classe e de temas a serem tratados, que não condizia mais com os sonhos de construir um país independente e livre das influências e dominações eurocêntricas dos anos 60 e dos grupos teatrais da época. Um teatro que superasse o velho drama burguês, incapaz de refletir sobre a importância e o papel da classe operária na história. Um teatro que não ignorasse ter o mundo conhecido sua primeira revolução socialista caribenha, a Revolução Cubana, que colocava na ordem do dia a possibilidade de sonhar em reproduzir esta experiência em todo o continente. Um teatro que se atualizasse com o que de melhor se fazia em todo o mundo e, principalmente, nos países onde se desenvolvia uma luta pela libertação nacional. Não mais como um entretenimento para a burguesia fazer o seu “social”, mas uma diversão que contribuísse com a construção de um novo Brasil.

Dentro desta perspectiva, estava em discussão o próprio “modo de produção” do espetáculo. A primeira tentativa de estabelecer novas relações na criação do espetáculo se deu com a “Criação Coletiva”. Como se fora uma grande comuna, todos os participantes da criação do espetáculo discutiam e influíam nas decisões e nos encaminhamentos para a sua realização. Para conseguir uma relação horizontal entre os diferentes níveis de criação e as diferentes funções da divisão social do trabalho, eram constituídas comissões: comissão de dramaturgia, comissão diretiva, comissão de cenário, comissão de figurinos, etc. e tal. Acreditava-se que o “ator” tinha que estar apto a desempenhar mais do que uma “função”. Acreditava-se romper este modo de produção com as hierarquias da “divisão social do trabalho” do modelo do teatro empresarial. Na criação coletiva, Todos opinavam sobre tudo, mesmo que houvesse as comissões. Todos eram “donos” do espetáculo e conheciam as suas diferentes fases de criação. Acreditava-se, com isso, estar superando, por um lado, o conceito de propriedade e, por outro

lado, o trabalho alienado, conforme conceituação de Karl Marx. Ou seja, todos detinham o conhecimento do Todo da criação teatral.

De alguma maneira, para que todos pudessem exercer essas novas funções, estava claro ser necessário um novo tipo de “criador/fazedor” de teatro. No caso do ator, apesar de haver uma Comissão de Direção do espetáculo, ele passava a ter que ter uma maior “autonomia criativa” sobre o seu trabalho. Ou seja, além de exercer sua “função criativa” dentro do espetáculo, passava a ter que ter maior visão crítica do próprio processo de criação, já que também poderia fazer parte da Comissão de Direção, por exemplo. A criação coletiva tinha como motor para a sua existência o desejo de realizar uma “experiência” de organização do trabalho que se contrapunha à proposta do modo de produção capitalista e fordista. O teatro, ao trabalhar “coletivamente” na criação do espetáculo, estava vivenciando um novo modo de produção, mais condizente com suas propostas políticas, naquele momento, de uma Nova Sociedade, justa, igualitária e solidária. O teatro era o “ensaio” da revolução, inclusive, no seu modo de produção do espetáculo.

Largamente influenciado pela dramaturgia brechtiana e pela criação coletiva, o teatro de grupo dos anos 60 e 70, no Brasil, colocou novos desafios aos seus criadores/fazedores e, em particular, ao ator. Além dos conhecimentos técnicos do ofício, isto é, de sua formação para ser um indivíduo capacitado para “construir” personagens e representá-las em cena, agora necessitava ser um “cidadão”. Isto é, seus conhecimentos não poderiam se resumir aos conhecimentos técnicos do ofício, mas tinham que abarcar os conhecimentos que, também, o capacitassem a “ler” a realidade onde vivia, agir e interagir através do teatro que praticava. Era necessário que fosse um indivíduo “crítico”. Nada muito diferente das exigências do teatro dialético proposto por Bertolt Brecht. Era a substituição do “padre catequizador” pelo “filósofo” proponente de pensamentos e discussões ao público. A tomada de posição política, a consciência sobre o processo histórico nacional, o conhecimento da realidade e de seu público, eram essenciais para que o Teatro pudesse corresponder a sua época e ter uma função social. As “habilidades técnicas” eram instrumentos para que o ator expressasse seus conhecimentos aos outros, através de suas criações simbólicas na cena.

Toda essa autonomia foi conquistada durante os anos de chumbo, isto é, quando o movimento de teatro de grupo desempenhou um papel

importante na cena brasileira. A partir da “abertura política”, promovida pelos golpistas de 64, quando a censura diminuiu e foi possível se organizar ‘politicamente’ de novo, o fazer teatral retomou sua marcha na “mão da história”, isto é, voltou a se estruturar como modo de produção tradicional e empresarial. Os grupos, aos poucos, foram se dissolvendo e a produção voltou a ser algo feito por “empresários” e/ou pseudo-empresários. Exceção a ser anotada neste cenário, no caso paulista, é a constância do “Oficina”, “União e Olho Vivo” e do grupo “Ventoforte”, que continuam atuando ininterruptamente até hoje.

É interessante constatar, também, que o Teatro, dos anos 80 em diante, passou a ter uma formação técnica e universitária procurada, em grande número, pela classe média. Ou seja, de “profissão” perigosa e marginal passou a ser uma forma de fugir ao “destino” do anonimato e de conseguir uma ascensão social, sem que se tenha conseguido uma ascensão econômica, numa sociedade de distribuição de renda injusta. Neste sentido, o apelo para cursar uma escola de artes dramáticas é o de chegar ao “estrelato” da televisão, ao invés de significar uma compreensão do fenômeno “teatral”. E, novamente, a formação do ator voltou a ter como centro a sua capacitação técnica, colocando em segundo plano e/ou ignorando a sua formação humanística mais ampla. De novo, a velha separação estética e política, forma e conteúdo. Os criadores/fazedores de teatro, com as exceções conhecidas que confirmam a regra, voltaram a se organizar produtivamente conforme a divisão “fordista” do trabalho, onde há os que pensam e os que executam, a força braçal e a força intelectual. A autonomia criativa do ator voltou a ser reduzida a reproduzir e a mimetizar o que os “encenadores” lhes indicavam. Esse movimento de recuo da autonomia criativa do ator, corresponde ao mesmo esvaziamento estético que teve o espetáculo, no final dos anos 80 e início dos 90, onde voltou a preponderar a falsa divisão entre forma e conteúdo, com grande privilégio à forma, já que esta não compromete o caráter mercadológico do espetáculo. O deus ex-máquina do Mercado a ditar o que é e o que deixa de ser teatro. As relações comerciais a designar o que é ou não cultura e lucrativo.

Não é por outro motivo que o Folias, ao eleger no ano de 2005 o projeto “Raízes da América” – montagem da “Orestéia” de Ésquilo – como foco de todo o seu processo de trabalho artístico, iniciou um pesquisa entre os participantes na procura de uma “representação” que colocasse no centro de suas preocupações a conquista

da “autonomia criativa do ator”. Entendendo autonomia como a “liberdade do indivíduo governar-se a si próprio; a independência moral ou intelectual frente ao mundo; o exercício do livre-arbítrio para escolher as leis (regras) que regem a sua conduta. Um programa que coloca uma série de necessidades para conquistar para ter esta autonomia criativa e que não se resume a estar preparado, apenas, para ser “artista”, mas se preparar para ser um cidadão consciente de sua responsabilidade “artística” e um ser social atuando em sociedade. Esta formação multidisciplinar é o que o capacitará, diante das infinitas escolhas que se lhe apresentam diariamente o processo de criação/construção do espetáculo e da cena, de escolher o que melhor concretizará o seu pensamento estético e político.

A técnica volta a limitar-se ao que de fato é, instrumento de expressão e comunicação do ator com o público, que necessita do pensamento para que adquira o caráter de fenômeno estético. A formação multidisciplinar é o que criará, ao “ator criador, os suportes necessários,” para uma visão crítica de seu próprio ofício e, assim, poder elaborar seu discurso “poético/ético”. É o equilíbrio entre o que se manifesta como exteriorização, as ações e expressões físicas, e o que se manifesta como interiorização, a capacidade de elaboração dos conteúdos que dotam de “sentido” a sua dramaturgia cênica, que faz com que desapareça a antiga dependência que o transformava em “macaquinho de circo”.

Autonomia que ainda tem uma outra exigência, de ordem ideológica, que é o de transformar o ato da representação, isto é, a capacidade que tem o ator em construir personagens, numa vivência que lhe sirva para transpor seus limites físicos e éticos. O resultado do seu trabalho não mais como fruto apenas de seus conhecimentos técnicos, mas como resultante dos conhecimentos adquiridos ao longo da vida, deglutidos para lhe servir como instrumentos de compreensão do mundo e do seu próprio ofício. Como resultante desta requalificação da função do ator, está a transformação do próprio espetáculo que agora não mais se coloca na velha divisão entre ficção/documento, convenção/realidade, para ir além e mostrar-se como um “documento vivo” do Pensar de um coletivo criativo a respeito de um “tema” proposto, seja ele ficcional (na origem) ou uma “exegese” vivencial daquele grupo de indivíduos, do coletivo criativo, que resolveu se posicionar frente ao público. Autonomia criativa do ator como autonomia do pensar cênico do ator.

Mais do que tudo, no jogo da cena, tal qual na

velha tradição grega, o “embate/debate” dialético dos personagens na discussão dos problemas que o afligem como cidadão, responsável e construtor de sua história. A negação da forma mercadoria para o “espetáculo teatral” o transforma em “podium”, onde desfilarão as argumentações-poéticas-imagéticas do espetáculo, sendo o ator o pensador e o executante/concretizador do espetáculo, conjuntamente com os demais participantes do coletivo criativo. A divisão social do trabalho não mais como consagração da separação entre “pensadores e executantes” do ato da criação, mas como organização que cria para o indivíduo as condições para sua melhor expressão estética e ética. Uma cena sem protagonistas e antagonistas, mas composta por diferentes figuras com distintas funções, conforme a necessidade do “pensar” em cena. O velho centro da cena, destinado pelo Deus Mercado ao “astro sol”, fator de rentabilidade e lucro das antigas companhias, perde seu esplendor e glória substituído pelo coro polifônico dos cidadãos que passam a ocupar a cena teatral e social.

A cena como a arena onde se dá a disputa de pensamento dos diferentes agentes que atuam politicamente na sociedade atual. Ágora privilegiada da diversidade e da disputa. O ator como agente provocador e difusor dos pensares que se antagonizarão diante do olhar crítico do público a fazer, também, suas escolhas com autonomia. O individualismo egoísta e destrutivo substituído pela individualidade solidária e construtiva. O velho e desgastado entretenimento alienante e alienador substituído pela diversão e conhecimento “politizador” (Politizar: favorecer o olhar crítico do indivíduo que se enxerga como construtor e responsável pelos caminhos da história no mundo). A autonomia criativa do ator é aquela que se conquista quando nos sentimos cidadãos no pleno exercício de nossos direitos elementares. A autonomia da “cena” deve corresponder à autonomia que os cidadãos, utopicamente, querem construir na sociedade. O Teatro e a Polis como jogo dialético e de espelhamento, na busca de um novo ator, isto é, de um novo ser social.

Reinaldo Maia  
Dezembro de 2006

#### i. Ética no teatro

“Há outro elemento (...) que contribui para promover um estado dramático que estimula a criação (...). Vamos chamá-lo de (...) ética. [O ator] precisa de ordem, disciplina e um código de ética, não apenas para as circunstâncias gerais de seu trabalho, mas também, e especialmente, para atingir seus “objetivos (...) artísticos (...). Um ator (...) está sempre sob os olhos do público, exibindo seus atributos, recebendo ovações, aceitando elogios extravagantes, lendo críticas pródigas em louvores – e tudo isto provoca, no ator, uma ânsia incontrolável de ter sua vaidade pessoal constantemente estimulada. Mas se ele se restringir a esse tipo de incentivo estará sujeito a decair e a tornar-se banal. Uma pessoa séria não se deixaria entreter muito tempo por esse tipo de vida, mas uma pessoa medíocre deixa-se fascinar, corrompe-se e acaba sendo destruída por ele. Eis porque, em nosso mundo do teatro, devemos ser capazes de nos manter sempre sob controle. (...) Sua conduta deve ser norteada pelo seguinte princípio: Amem a arte em vocês, e não vocês na arte”. STANISLAVSKI, C., Manual do Ator, em “Building a Character” Ed. Martins Fontes, Pg. 84 e 85 1989, São Paulo.

#### Criação coletiva

“Todos os funcionários do teatro, do porteiro, bilheteiro e chapeleira ao lanterninha, todas as pessoas com as quais o público tem contato ao entrar no teatro, do quadro de funcionários até os administradores, num escalão mais alto, e finalmente os próprios atores, todos participam de uma criação conjunta com o dramaturgo, (...) que leva o público a se reunir em função da peça que escreveu. Todos servem aos objetivos fundamentais de nossa arte, aos quais se submetem. Todos, sem nenhuma exceção, participam da produção. Qualquer pessoa que dificulte, em maior ou menor grau, nosso esforço comum no sentido da realização de nosso objetivo básico, deve ser vista como um membro indesejável de nossa comunidade. Se algum funcionário dirigir-se de forma pouco hospitaleira a uma pessoa do público, estragando assim o seu bom humor, terá desferido um golpe contra (...) o objetivo de nossa arte. (...) O dramaturgo, o compositor e o elenco contribuem, todos, para a criação da atmosfera necessária no seu lado da ribalta. (...) Esta dependência absoluta sob a qual se colocam todos os que trabalham no teatro, e que visa à realização do objetivo fundamental de nossa arte, é algo que vigora não só durante as representações, mas também durante os ensaios. (...) Os artistas só podem ser bem sucedidos em seu trabalho sob determinadas condições necessárias. (...) Um mau ensaio (...) impede que o ator exprima adequadamente as idéias do dramaturgo, (...) sua principal tarefa.

Se a ordem for mantida, e se o trabalho for bem planejado, o trabalho em grupo será agradável e frutífero. (...) Nossa arte é um empreendimento

coletivo em que todos dependem de todos. (...) os talentos só podem desenvolver-se (...) sob uma atmosfera de amizade recíproca”. C. Stanislavski, Manual do Ator, em “Collected Works, vol. VI”, Pg.57, Ed. Martins Fontes, 1989, São Paulo

#### Ator como verdadeiro artista

“Um verdadeiro artista deve levar uma vida plena, interessante, diversificada e estimulante. Deve estar informado não somente do que se passa nas grandes cidades, mas também nas pequenas, nos vilarejos distantes, nas fábricas e nos grandes centros culturais do mundo. Deve estudar a vida e a psicologia do povo em meio ao qual vive, bem como de diferentes segmentos da população de seu país e do exterior. Precisamos ampliar nossas perspectivas para representar as peças de nosso tempo e de muitos outros povos. (...) Para chegar ao apogeu da fama, um ator precisa de algo mais do que apenas seu talento artístico: ele deve ser, também, um ser humano ideal, (...) capaz de avaliar as questões fundamentais de sua época e de entender o valor representado pela cultura na vida de seu povo, (...) bem como de refletir as inquietações do espírito de seus contemporâneos”. STANISLAVSKI, C., Manual do Ator, em “An actor prepares” op. Cit Vol. II,,Pg. 24, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1989,

#### Atuação em conjunto

Suponhamos que um ator, numa produção cuidadosamente preparada, (...) afaste-se tanto da verdadeira representação de seu papel, que passe a atuar de forma rotineira e inteiramente mecânica. Terá ele direito de fazê-lo? (...) Ele não participou sozinho da produção da peça, nem é o único responsável pelo trabalho realizado na mesma. Num empreendimento desse tipo, cada um trabalha por todos, e todos por um. Deve haver um sentimento de responsabilidade recíproco. (...) A despeito de minha grande admiração pelos extraordinários talentos individuais, não aceito nenhuma forma de estrelismo; o esforço criador em comum está na raiz da arte que praticamos. É um atividade que requer uma atuação em conjunto, e quem quer que destrua este esforço comum estará cometendo um crime (...) contra a própria arte à qual se dedica. O público gosta de nos ver em peças em que temos um super objetivo (...) claramente definido, e uma linha de ação contínua bem desenvolvida. (...) Isto incluiu tudo: atuação em conjunto, bons atores e uma compreensão adequada da peça produzida”. STANISLAVSKI, C., Manual do Ator, em Collected Articles, Talks, Letters, em Collected Works, Vol. III, Pg.33, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1989 .

#### Imaginação

“A imaginação cria coisas que podem existir ou acontecer. (...) Cada movimento que vocês fizerem em cena, cada palavra que disserem, será resultado da vitalidade de sua imaginação.

O processo criador começa com a invenção fecunda e original de um poeta, um escritor, do diretor da peça, do ator, do cenógrafo e de outras pessoas envolvidas com a produção. A posição principal deve, então, ser ocupada pela imaginação.

Se a imaginação tem um papel tão importante no trabalho de um ator, o que pode ele fazer quando não a tiver? Deve desenvolvê-la ou abandonar o palco. (...) Tudo depende do tipo de imaginação que vocês tiverem. (...) A imaginação do tipo arrojado (...) funcionará (...) incansavelmente, estejam vocês acordados ou dormindo. Também há o tipo a quem falta iniciativa, mas que é facilmente estimulável. (...) A observação da natureza das pessoas talentosas nos indica, de fato, uma forma de controlar a emoção necessária para um papel. Esta forma se dá através da ação da imaginação, que é sujeita, em alto grau, ao efeito da vontade consciente. Não podemos atuar diretamente sobre as nossas emoções, mas podemos estimular nossa fantasia criadora; por sua vez, [esta] estimula nossa memória ou memória afetiva, evocando, de suas profundezas, elementos de emoções já experimentadas, e reagrupando-as de forma a corresponderem às imagens que surgem em nós. (...) Esta é a razão pela qual a fantasia criadora é um dom fundamental e absolutamente necessário para um ator.

(...)

Há atores de coisas vistas e atores de coisas ouvidas. Os primeiros são dotados de uma visão interior especialmente apurada, e os segundos, de um ouvido interior de grande sensibilidade. Para o primeiro tipo, ao qual eu próprio pertença, a maneira mais fácil de criar uma vida imaginária é contar com o auxílio de imagens visuais. Para o segundo tipo a ajuda vem em forma de imagens sonoras.

Podemos alimentar todas essas imagens visuais, acústicas ou de outro tipo; podemos desfrutá-las passivamente, (...) transformarmo-nos em público de nossos próprios sonhos. Ou podemos desempenhar um papel ativo nestes sonhos.

Todas as invenções da imaginação do ator devem ser plenamente desenvolvidas.

(...) Devem ser capazes de responder a todas as perguntas – quando, onde, por quê, como –, que ele mesmo se faz quando está estimulando suas faculdades inventivas para criar um quadro cada vez mais definido de uma existência fictícia.

O [ator] deve sentir o desafio tanto física quanto

intelectualmente, pois a imaginação (...) pode afetar reflexivamente nossa natureza física e colocá-la em ação. (...) Em cena, nenhum passo deve ser dado sem o auxílio de sua imaginação". STANISLAVSKI, C., Manual do Ator, em "Creating A Role", Pg. 107, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1989

#### Senso da Verdade

"O senso da verdade é o melhor estímulo para a emoção, imaginação e criatividade. (...)

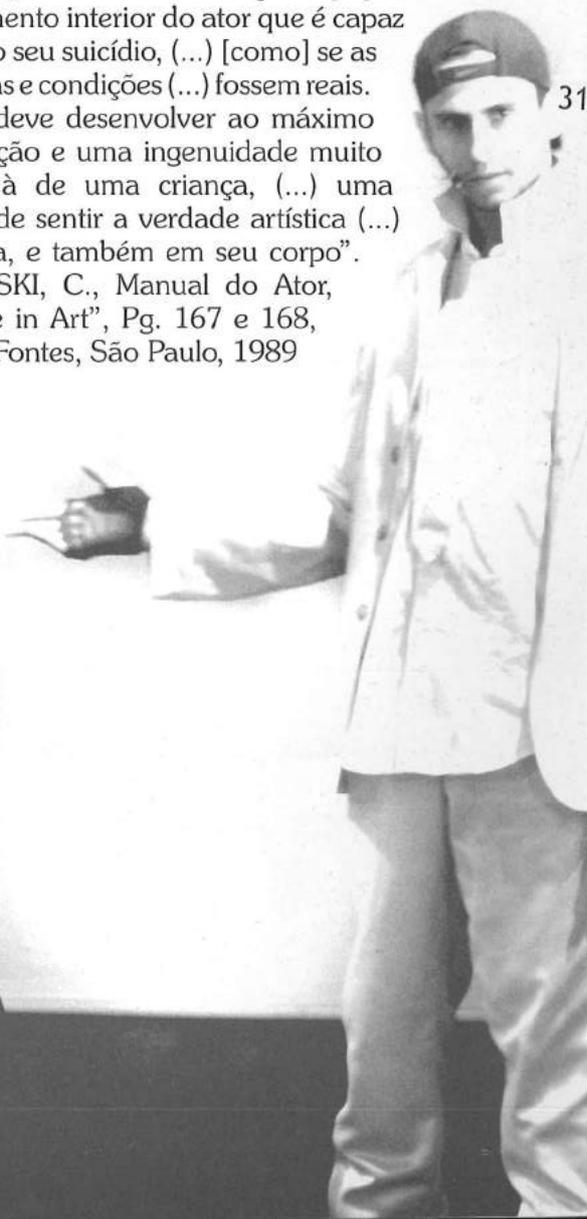
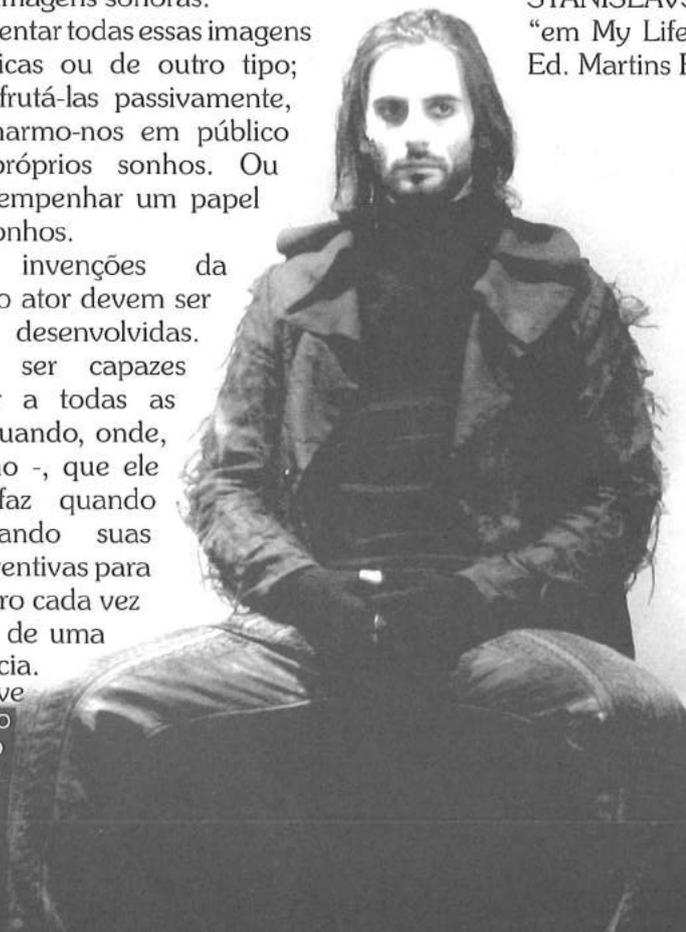
A toda arte subjaz uma busca pela verdade artística. O ator deve acreditar em tudo o que acontece em cena, e, acima de tudo, (...) no que ele próprio está fazendo, pois só se pode acreditar na verdade. (...)

Em cena, a realidade não existe. A arte é produto da imaginação, o mesmo ocorrendo com a obra de um dramaturgo. O objetivo do ator deve ser o de transformar a peça numa realidade teatral. (...) Na vida imaginária de um ator tudo deve ser real.

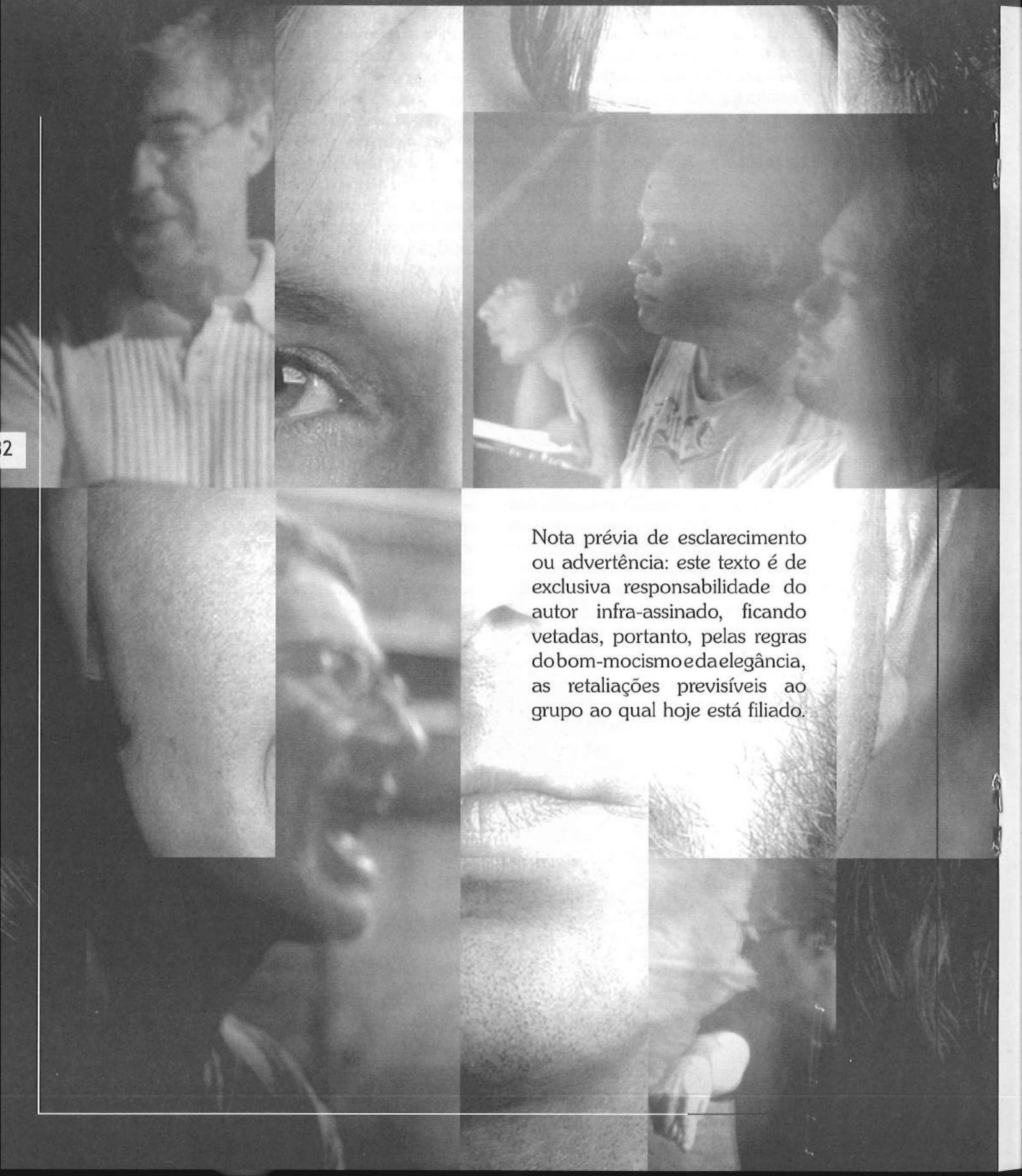
A verdade cênica não é igual à verdade da vida; trata-se de algo peculiar a si mesmo. (...) Em cena, não estamos preocupados com a existência naturalista e concreta daquilo que nos cerca, nem com a realidade do mundo material. Tais coisas só têm validade para nós na medida em que servem de fundo para a expressão de nossos sentimentos. (...) O que importa (...) não é o material de que é feito o punhal de Otelo – aço ou papelão – mas o sentimento interior do ator que é capaz de justificar o seu suicídio, (...) [como] se as circunstâncias e condições (...) fossem reais.

(...) O ator deve desenvolver ao máximo sua imaginação e uma ingenuidade muito semelhante à de uma criança, (...) uma capacidade de sentir a verdade artística (...) em sua alma, e também em seu corpo".

STANISLAVSKI, C., Manual do Ator, "em My Life in Art", Pg. 167 e 168, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1989



# DEZ ANOS DE FÓ DO BODE, DOIS ANOS MARCO ANTONIO RODRIGUES



2

Nota prévia de esclarecimento ou advertência: este texto é de exclusiva responsabilidade do autor infra-assinado, ficando vetadas, portanto, pelas regras do bom-mocismo e da elegância, as retaliações previsíveis ao grupo ao qual hoje está filiado.

# FOLIAS DE O CANTO ANOS DE ORESTEIA

Particularmente não sou muito chegado às comemorações. Na verdade, elas constituem um traço trágico: o da resistência ao tempo que, no final, destrói tudo. Se há algum sentido na celebração, além do simples combate à ação do tempo, é o da sua contraface dialética - a lembrança e rememoração dos feitos significativos e singulares.

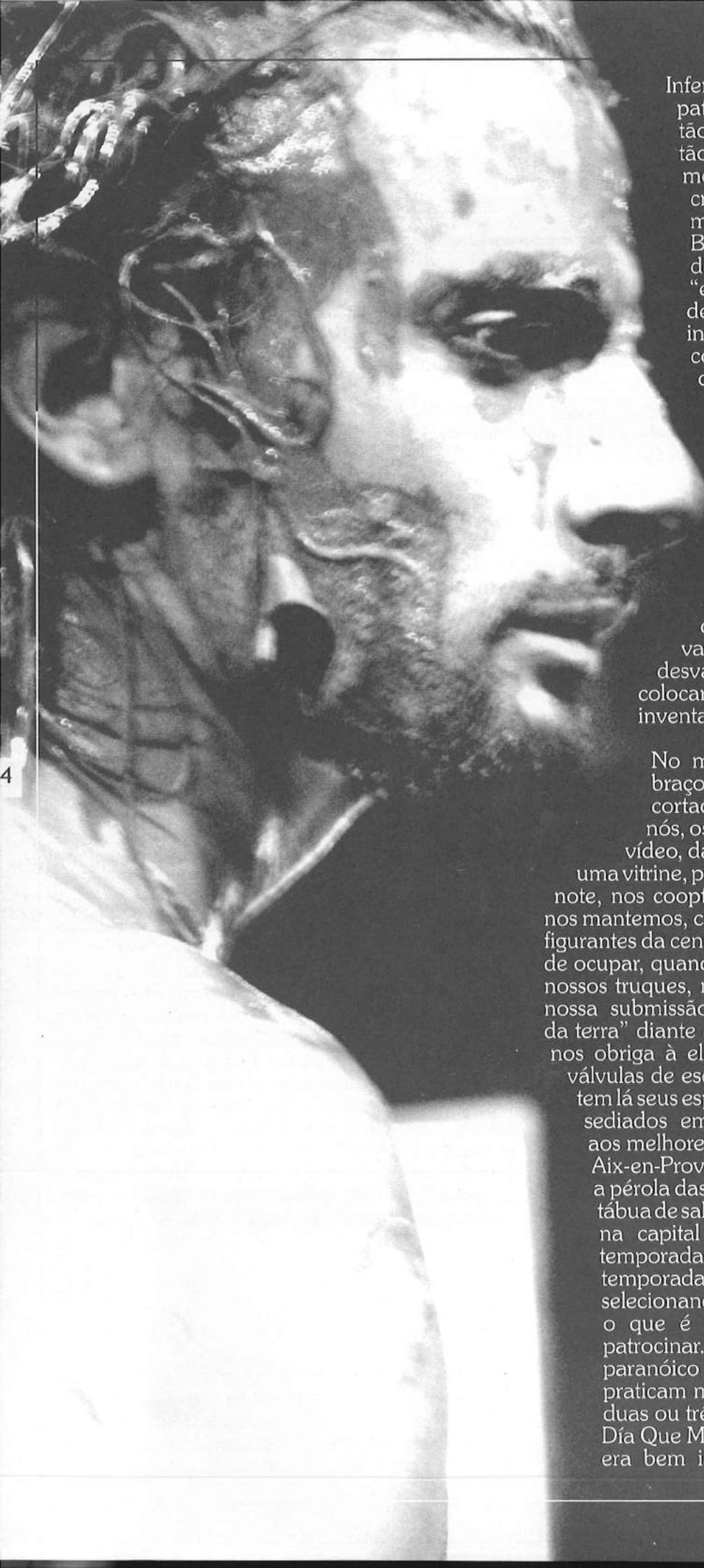
Vamos considerar, para efeito de acordo vocabular, o que é que muito simplesmente entendemos como tragédia: tragédia é uma impossibilidade, um impedimento coletivo.

Posto isto, mudemos de assunto. Vamos traçar um painel histórico destes dez anos de existência do Folias, no campo estrito de sua atuação, ou seja, o campo artístico-cultural. Não, nada de painel, não é necessário e não interessaria a ninguém, talvez nem a nós mesmos. Um único "fato" ou "ato" relevante nestes dez anos que circunstanciam o Folias do ponto de vista geral: segue inatacado e mais vitaminado do que nunca o modelo de política pública para a área de cultura implementado nos últimos vinte anos, sobrevivendo com fôlego de sete vidas no período que vai da redemocratização (aqui considerada pela eleição direta de Fernando Collor) aos dias de hoje (da reeleição de seu principal antagonista à época, Lula da Silva). O modelo, que vem sendo aperfeiçoado desde a época de sua instalação no governo Sarney, baseia-se na institucionalização, também na cultura, das práticas governamentais existentes em toda a vida pública desde a colônia: a transferência de recursos e estratégias públicas para o exclusivo controle do capital privado. A novidade que a redemocratização traz, reformando o praticado desde tempos imemoriais, é a institucionalização dos processos cortesãos aplicados desde antanho, trazendo-lhes uma roupagem pseudo democrática na concessão de recursos públicos para quem deles não necessita, de forma absolutamente nociva ao desenvolvimento social. Nesta forma contemporânea de estelionato legalizado (estelionato: venda de coisa alheia como própria, segundo o Dicionário Houaiss), os absurdos se repetem - um dos últimos foi a vinda do Cirque du Soleil, que sob o sol pátrio arrematou a modesta quantia de nove milhões de reais de recursos públicos, ao mesmo tempo em que cobrava ingressos a módicos duzentos reais

à população incauta, ou trouxa, como devem historicamente pensar os nossos "padrinhos" do primeiro mundo.

Como até hoje se multiplicam os escritórios, oficinas, debates, palestras e "workshops" a respeito do "marketing cultural", levados a efeito não raro por artistas, fazedores e gente bem intencionada que não perceberam ainda (como nós, em passado recente) que a insistência neste modelo perverso só o legitima, podemos (e devemos!) examinar um pouco as causas e conseqüências desta trapaça.

O dinheiro é público e as regras são privadas. Note-se que a percepção algo tardia de que a produção artística ou de entretenimento (já que as Leis de Incentivo colocam tudo no mesmo saco) é um grande instrumento de saqueio dos fundos públicos pelo capital, não vai impedir, na tentativa de recuperar o tempo perdido, a briga com sanha assassina pela transformação de bens simbólicos em artigos de supermercado. Assim, dentro dos próprios padrões burgueses, o espaço, que já era restrito para uma atividade artesanal, capilar e de excelência como o do teatro, vai se complicar ainda mais. Não é à toa que somem dos roteiros diários da grande imprensa as temporadas teatrais, restando somente a publicidade paga. Some a crítica teatral e, quando não, é desclassificada. Assim, até o próprio papel iluminista, "educativo", catequético-jesuítico que era reservado às belas-artes desaparece da cesta de ofertas cotidiana. Passa-se a considerar os fenômenos artísticos como fenômenos de mídia, de sucesso de mensagens, sejam quais forem, desde que mobilizem grandes setores da população, ou pelo menos micro setores com grande capacidade de compra. Sem a menor preocupação com as mensagens que em outros tempos lhe foram tão caras, com o conteúdo simbólico que possam representar, brincando com a própria vida dos segmentos sociais que o sustenta, o sistema, todo ele midiático, conforma e contém todos os comportamentos: o político, o religioso, o social, o individual. Transforma todos, mesmo os mais comuns dos mortais, em cavalos de corrida, como dizia o saudoso Plínio Marcos. A estultícia do sistema do bom contribuinte é tal, já se emaranhou de tal forma em sua inapetência para pensar, que vai criando, na impunidade que pensa que o eterniza, sua própria cova, que o



Inferno os tenha. Um exemplo patético: a conhecida TV Globo, tão eficaz na manipulação política, tão presente nas campanhas pelas moralidades, pelo combate à criminalidade, mantém com muito sucesso o programa Big Brother, que tem como um de seus principais atrativos a "eliminação" em um "paredão" de algum dos concorrentes, em iniciativa advogada por algum conviva e executada por milhares de cidadãos, que inclusive pagam a bala da execução na forma de telefonemas, que disparam aos milhares contra o réu já exangue. Talvez não percebam, ou talvez seja uma sofisticação tão fantástica do sistema que não percebamos nós, os estúpidos da terra, o que é que pode estar por trás desta pirofagia suicida, que vai banalizando o pensamento, desvalorizando a vida a ponto de colocar em perigo até o mago que a inventa.

No meio desta sopa de restos, de braços, de pernas, de gargantas cortadas espetacularmente, nadamos nós, os lumpens da escrita, da cena, do vídeo, da fotografia, em geral loucos por uma vitrine, para que o sistema finalmente nos note, nos coopte. Em função desta promessa, nos mantemos, como modestos coadjuvantes ou figurantes da cena que, afinal, um dia haveremos de ocupar, quando descobrirem nossos talentos, nossos truques, nossas habilidades. Isso explica nossa submissão, nossa omissão de "mansos da terra" diante do terror instalado. A elegância nos obriga à elegância! Afinal, o sistema cria válvulas de escape, a "cultura de vanguarda" tem lá seus espaços: os festivais internacionais sediados em terras brasileiras iguaizinhos aos melhores do Primeiro Mundo: Avignon, Aix-en-Provence, Port Gay, Edinburgh... E a pérola das pérolas, o sistema SESC de ser, tábua de salvação de todos nós, tão presente na capital de São Paulo, patrocinando temporadas internacionais de dois dias, temporadas locais aos fins-de-semana, selecionando com cuidados cirúrgicos o que é que querem ou não querem patrocinar... (Às vezes, meu demônio paranóico me sopra no ouvido que o que praticam mesmo é censura: vêem ensaios duas ou três vezes, como foi o caso de "El Día Que Me Quieras" e concluem que não era bem isso o que estavam querendo,

desconvidando elegantemente o convidado.) É claro que, por se tratar de um grande empreendedor "privado" (entre aspas porque quando lhe interessa, como recentemente, quando sentiu suas receitas ameaçadas por uma mudança de legislação, rapidamente aciona uma grande campanha pública mostrando o quanto a população perderia se as entradas financeiras e orçamentárias do sistema S – SESC, SENAI, SESI – fossem diminuídas), o SESC tem o direito, compreendendo a grande "oferta do mercado", de jogar no chão os cachês dos espetáculos que contrata e pagar a fortuna que quiser para os trabalhos internacionais que importa. Afinal, ele também depende de uma boa vitrina para consolidar sua vocação de o grande patrocinador das artes nacionais.

Dois coelhos numa só porrada: a ocupação do buraco vazio criado pelas políticas públicas na produção artística que interessa e o financiamento público do palco eletrônico privado com todas suas extensões perversas.

Em síntese, a mistura diabólica, que reúne num pacote publicidade teledramática, imprensa ficcional, ficção culturalista e renúncia fiscal para negócios artístico-culturais, articula um ambiente cenográfico onde a cidade e o país é o melhor dos mundos – o paraíso democrático na terra que há de promover, aos poucos, a bem-aventurança para todos os convivas. Neste processo de reencantamento do mundo pelo amor, pela compaixão, pela polidez, pela cordialidade, não há espaço para dissenso, para lutas fratricidas, já que o melhor dos mundos destruiu as lutas de classes. De preferência, sem divergências e se houverem, que aconteçam com elegância.

Portanto, este é o papel institucional sonhado e reservado pelo sistema ao artista da cena - o que aliás não é novidade, esta é a tradição desde o mundo feudal - o de bobo da corte, que nas horas vagas pode vender produtos, animar festas, fazendo parte de uma nova elite divina.

À margem deste caminho, cabe à cena o papel de dique da rebeldia social: às vezes de forma mais prosaica, realizando oficinas de iniciação teatral ou circense ou musical a convite de Ongs que atuam "bravamente" em áreas conflagradas socialmente, às vezes mais radicalmente, produzindo espetáculos rebeldes com

propostas francamente socializantes estimulando o pensamento crítico, os sonhos de igualdade, com a possibilidade inclusive de subsídio público ou de contratação por alguma instituição, por que não? Afinal, somos uma sociedade democrática, pluralista, discursa com sorriso magnânimo o mecenas moderno, ao promover exposições do gênero "Estéticas, sonhos e utopias dos artistas do mundo pela liberdade", preferencialmente em espaços culturais do centro financeiro de São Paulo! O símbolo máximo da generosidade do vencedor!

Neste segundo segmento, à margem do caminho, no qual o Folias se encaixa, tenta-se (no meio de tudo isso), ao desespero, atrair a atenção da população: fazemos campanhas de ingresso gratuito para "formar platéias", nos submetemos a qualquer entrevistador gordo ou magro para promover nossos espetáculos, sorteamos brindes aos incautos sentados nas nossas platéias, submetemos o público a um imenso rol de patrocinadores antes do início das apresentações - que na sua maioria são restaurantes e lanchonetes que dão bem a medida da troca barata do nosso trabalho: escambo por desconto em um prato de comida!

O melhor dos mundos confinou todas nossas ambições: não sabemos onde queremos chegar com o nosso fazer. Portanto, não sabemos o que faremos amanhã, ou depois de amanhã. Estamos confinados ao hoje e, se bobear, a quase ninguém ou no máximo a nós mesmos: afinal qual o significado social do que fazemos, para quem importa mesmo?

Em nosso caso específico, nossa idade nos perdeu da nossa ingenuidade: há muito não



acreditamos na exemplaridade moral da cena, portanto arrancamos o altar e a tribuna do nosso palco, que hoje anda mais para terreno baldio de desocupados, jongo de ex-gente, canto de bodes. Vamos enganando os poderes institucionais que conseguimos, sejam os de lá, sejam os de cá, sejam os amigos ou os desclassificados de sempre – é o mínimo de troco que podemos dar por nos pensarem trouxas, nos fazerem de otários, a nós e a toda torcida do Santos F.C.. Pensando em nós mesmos sem comiseração, mas também desimportando qualquer nobreza desta casa quase abandonada.

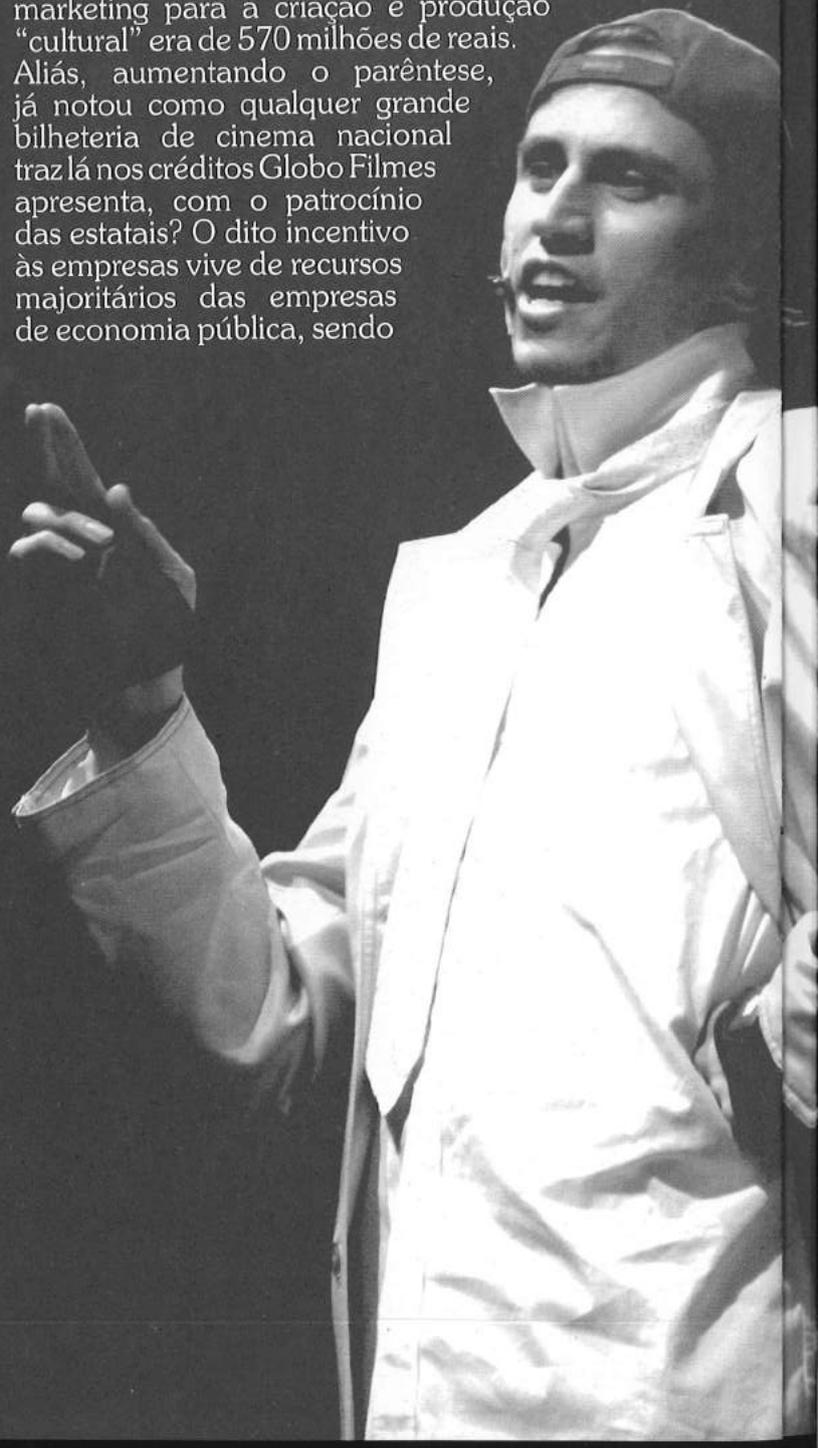
O que é que autoriza esta confissão tão desabrida? Afinal de contas, não existe então a censura das veneráveis instituições? Não percebeu ainda o Foliás, destarte a maturidade de seus dez anos, que é preciso um pouco de bom-mocismo para participar das iniciativas teledramáticas da TV Cultura? Do circuito SESC que se espalha por São Paulo e adjacências? Dos Festivais Internacionais do Rio Preto ao Rio do Sul, janela aberta para o mundo? Dos gordos circuitos talk-show televisivos tão caros à fama e ao prestígio, prenúncio de um renome histórico? Não percebe a necessidade da aproximação à Academia (com maiúscula, porque a academia minúscula e canhota faz parte, desde sempre, deste time desuniformizado, sempre fazendo o que pode e o que não pode pra botar mais lenha), porta estreita, para inscrição a fogo nas seletas antologias enciclopédicas do teatro nacional? Da importância na participação das campanhas de ingresso gratuito, ou a quase nada como instrumentos cívicos de formação de platéias?

Verdade é que esta confissão é possível graças às duas questões capitais:

– primeiro – a desimportância que tem o pensamento crítico e a produção artística deste perfil, portanto a consequência zero que, publicamente, um escrito como este possa vir a ter. Se vivemos o melhor dos mundos, isto no fundo ou na superfície é consequência de espírito ressentido, mal humorado e de pouco talento e o mínimo a fazer com relação a isso, o politicamente correto é se afastar ao máximo deste tipo de gente, deixando-os à míngua, à própria sorte, cumprimentá-los efusivamente no caso de encontros desagradáveis, desejando secretamente que vão ao caralho. Mais ou menos o que se deva fazer ao final de um espetáculo medíocre: levantar e aplaudir efusivamente, se quiser gritar um bravo! Ou outro, enquanto discretamente comenta com sua companhia ao lado como anda mal o teatro nacional.

– segundo – Atenção, porque aqui mora o perigo! Neste painel de dez anos, a percepção que o palco das “idéias fora do lugar” teve

foi a da quantidade de brechas e frestas do esquema do estelionato legalizado - a partir de agora, vamos chamá-lo assim para facilitar, compreendendo, entretanto, que inclui todos aqueles agentes que na página de cima se consorciam para praticar, à paisana, o moderno colonialismo. E que havia como arrancar nacos e causar pequenas feridas e picaduras ao gigante adormecido! Juntando os restos de cada um de nós, trabalhando sobre a culpa do sistema que abocanha vergonhosamente para institutos culturais, produções hollywoodianas e quetais (me perdoem aqui algumas poucas iniciativas nobres que conseguem alavancar recursos destes mecanismos e as instituições sérias que promovem através de editais públicos a distribuição dos benefícios que administram) centenas de milhares de reais – só no ano passado, salve engano, o total da renúncia fiscal, ou melhor, de dinheiro público colocado à disposição pelo governo às empresas de marketing para a criação e produção “cultural” era de 570 milhões de reais. Aliás, aumentando o parêntese, já notou como qualquer grande bilheteria de cinema nacional traz lá nos créditos Globo Filmes apresenta, com o patrocínio das estatais? O dito incentivo às empresas vive de recursos majoritários das empresas de economia pública, sendo



capitalizados, claro, pela Globo. É por isso que, lá pelo meio do primeiro mandato Lula, quando a Secretaria de Comunicações anunciou que a partir de então os recursos para projetos culturais originários das estatais teriam critérios de contrapartida social através de editais públicos, o Jornal O Globo do dia seguinte estampava em primeira página entrevista de um cineasta que acusava o governo de dirigismo estatal. Quando é que um fato cultural dá primeira página? O Governo compreendendo que havia mexido num vespeiro, menino obediente como sempre aos interesses do Capital, rapidamente retirou seu time, se desculpou e deixou prá lá.

Enfim, fechando o parêntese, toda sociedade que ainda pensa (aí incluída alguma parcela da política institucional) sabe que é absurdo e vergonhoso a manutenção de um esquema de subsídio a cem por cento, que entrega mais poder a diretores de marketing das empresas do que ao Ministério e à sociedade, para propor modelos de atuação cultural. Uma vez que o modelo do mercado só pode ser os "negócios", com todas as mazelas e perversidades, e ao mesmo tempo não há força e coragem para o enfrentamento, era preciso criar alguma via alternativa.

A relevância que a cultura da menos-valia (etimologicamente, cultura: do latim, ato de cuidar, tratar, venerar no sentido físico e moral) ganha no cotidiano da população, num estado que apesar de virtualmente "ser o melhor dos mundos" tem números de guerra civil, é

resultado direto da operação econômica que inclui a diminuição do pensamento mais barateamento do valor de vida cujo somatório é a barbárie.

Barbárie de quem? A luta de classes encontrou outras formas de manifestação muito menos éticas e polidas, e a "civilização" precisa recuperar alguma autoridade moral de forma a manter o privilégio e o status quo, que só se resgatará por alguma forma de intervenção cultural que recupere incondicionalmente valores de solidariedade e convívio. Esgotados os recursos policiais, meu Deus - o que fazer?

Trabalhando sobre a culpa e o beco a que o sistema se condenara, surge o movimento Arte Contra Barbárie. Conseqüência

direta do movimento brancaleônico do Arte contra Barbárie (notar o paradoxo do termo barbárie que quer adjetivar ao seu antônimo, civilização) surge o Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo. A provocação contida no Programa de Fomento faz com que se multipliquem os editais públicos, criando um campo de constrangimento ao estelionato legalizado, trazendo para a arena um conhecimento oculto e escamoteado de forma a que seja debatido e se possível, destruído. Portanto, o motivo dois para todo este escrito sai daí: nós, por exemplo, daqui debaixo do nosso teatro vocacionado e amador, podemos fustigar o sistema do estelionato legalizado porque hoje dele não dependemos. Que falta nos fazem? Alguma, sem dúvida, mas ainda assim, sobrevivemos. Temos nosso espaço, ainda que alugado; temos nosso público, os vizinhos, os moradores do entorno, as mães, os pais, os amigos. Fazemos do nosso beco a celebração das nossas angústias, das nossas dúvidas, tentando reencontrar nossos quereres, nossas grandes ambições.

Disputamos o espaço público e lutamos pela construção de um Estado do bem comum. Não, esta última afirmação é mentirosa talvez por seu forte conteúdo dramático e ilusionista e o ilusionismo, todos sabem, se transferiu há muito tempo de mala e cuia para o cinema e a televisão. A afirmação épica, mais adequada à verdade é que nos acomodamos às conquistas de "classe", ao espírito de porco. Deixamos de brigar, nos amancebamos, sentamos e esperamos comodamente o próximo subsídio, a verbinha micha que virá, enquanto montamos uma pecinha ou outra que, para nós ou para o mundo, tanto faz como tanto fez.

Se quisermos viver e sobreviver a nós mesmos, abandonando esta "sobrevivência" (sobrevivência, segundo Plínio Marcos: coisa de naufrago), temos que "nos puxar pelos cabelos", arrancar a própria carne, cavoucar nas próprias vísceras um sentido do qual abdicamos. Colar nosso ofício-artifício à vida, encontrar uma individualidade que, significando para nós, faça sentido para o todo. Encontrar uma radicalidade que reafirme propósitos grandes e generosos e justamente por isso, não recuse a luta. Criar, resgatar, perpetuar um caminho, uma casa em ruínas e assombrada, onde como diz o grego que legitimamente assaltamos para celebrar estes dez anos, a esperança subjuga o medo.

Marco Antonio Rodrigues  
2007



# ORESTÉIA

© CANTO DO BODE

*Atualização feita a partir da gravação do ensaio de 09 de abril de 2007 e revisão dos atores*

## AGAMÊMNON

Sentinela - Daqui do alto do palácio dos Atridas, aos deuses todos peço, há muitos longos anos, que me liberem da vigília cansativa. Firmado no meu braço dobrado sempre atento, de tanto olhar o céu, noite após noite, agora sei reconhecer a multidão inumerável das estrelas, senhoras lúcidas do firmamento etéreo, indicadoras dos invernos e verões, em seu giro constante pela imensidão. Espreito a todo instante, o fogo sinaleiro que nos dará notícia da queda de Tróia, e acordará este gigante adormecido. São ordens da mulher de ânimo viril, rainha Clitemnestra, rainha nossa, persistente na esperança. Sempre que faço, por aqui, meu leito duro e me deito molhado de orvalho, sem dormir e abandonado pelos sonhos de outros tempos (ao invés de sono, tenho medo, grande medo que afasta sempre minhas pálpebras pesadas). Gigante Adormecido... Tento cantarolar, dizer alguma coisa que me liberte do torpor e me estimule, mas são só soluços que me vêm à garganta, pois choro as muitas desventuras desta casa, outrora tão feliz, tão infeliz agora. Que venha o protelado termo de minhas incontáveis atuais fadigas com a mensagem clara ainda não recebida!

É o sinal, é o sinal! Meus próprios olhos vêem. Eis a noturna luz que mudará de fato as trevas em pleno dia. Logo, vamos ter em Argos muitas danças e sonoros cantos. Falo alto e claro para que me escute bem, a esposa de Agamêmnon, rainha Clitemnestra, em seu leito régio, e faça reboar pelo palácio todo, um grito estrepitoso de contentamento, se é verdadeira essa revelação das chamas que, finalmente, Tróia forte foi vencida. Começarei eu mesmo a festa. "Eram três as caravelas que vieram do além-mar". Estou cantando... "E à terra chamou-se América, por ventura ou azar". A sorte de meus amos, rei Agamêmnon e rainha Clitemnestra, é também a minha e a mensagem vinda de tão longe é o lance mais feliz de toda a minha vida. Volte logo o senhor desta casa, rei Agamêmnon, e possa eu estreitar-lhe a mão bem-vinda. Quanto ao resto, silêncio. Um peso muito grande prende-me a língua. Mas esta própria casa, se tivesse voz, revelaria fatos conhecidíssimos por muitos de nós, argivos. Entenderão os que já sabem. Não saberão os outros. Quando eu quero, eu esqueço.

Corifeu - Partiram há dez anos desta casa os melhores de nós. Comandando mil navios de guerra tripulados por nossos melhores homens. Nosso rei Agamêmnon e seu valente irmão, homens fortes e corajosos. Partiram para a guerra os melhores de nós.

Coro - Vieste assistir? Volta amanhã! Volta amanhã!  
- Não, já que viestes até aqui: agora ficai! Ficai aí e escutai as queixas das magoadas aves, valentes habitantes do nosso reino, e contra quem nos fez tamanho mal, enviai pelas Fúrias vingadoras castigo certo e duro, embora tarde.

- Um grito de batalha aterrador repercutiu nos céus vindo de peitos amargurados por justo rancor, como o das águias donas das alturas que em solitário, negro desespero ao verem mortos os filhotes frágeis, batem os ares com as asas enormes, chorando os vãos

desvelos com seu ninho que, ao regressar, acharam destruído.

- Quem agiu assim foi o grande deus fortíssimo.

Corifeu - Mandando para a guerra nossos melhores homens... Por uma mulher, loira, platinada, bela de muitos homens, gregos e troianos travaram mil batalhas ferocíssimas, em que no chão se dobram os joelhos e lanças partem-se nos primeiro ímpetos.

Coro - Achei! Achei! Para mim, a melancolia da segunda metade do século é não ter mais a perspectiva histórica do sonho, não para si, mas para todos que o cercam. A segunda metade do século se aproxima, mas todas as esperanças foram varridas. Tudo que os homens tinham como sonhos e ideais ruiu. Hoje em dia, ninguém tem mais nada a oferecer. Há um silêncio melancólico nesta espera de novos sonhos, que vão florescer com a vinda da segunda metade do século.

- Os fatos passam-se conforme devem; caminha tudo para o fim marcado, nem a lenha das fogueiras nem lágrimas tornam propícias oferendas ímpias.

- Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e, novamente, desencadeiam-se sobre mim.

Corifeu - Ficamos nós aqui, por sermos velhos, já incapazes para brigas.

Coro - Mas este povo, de quem fui escravo, não mais será escravo de ninguém.

Corifeu - Firmando nestas sólidas tábuas os nossos passos débeis, infantis.

Coro - Lutei pelos interesses do povo.

Corifeu - A feitos gloriosos não aspiramos.

Coro - Tenho lutado de peito aberto.

Corifeu - É igual ao nosso o ardor dos peitos jovens... mas deus não nos quer em seu cortejo.

Coro - Eu vos dei a minha vida.

Corifeu - A nossa vida já durou demais.

Coro - Agora vos ofereço a minha morte.

Corifeu - Temos todos os cabelos brancos, as pernas trôpegas não nos ajudam.

Coro - Serenamente, dou o primeiro passo no caminho da eternidade.

Corifeu - Como crianças nos primeiros passos.

Coro - E saio da vida para entrar na história.

Corifeu - Apesar de acordados, ainda sonhamos.

Coro - Calma! Aonde vais? Calma!!

- Larga! Sai!!

- Responda, informa-nos depressa do que houve; quais as notícias que te transmitiram? Que novas ou rumores te fazem agir assim?s

- Os deuses do alto e os das profundezas, os nomes dos santuários e das ruas ostentam todos os altares cheios de inumeráveis ricas oferendas; é lá fora que as chamas sobem lépidas, levando ao céu o incenso lisonjeiro até nos mais recônditos recantos.

- Rainha Clitemnestra, qual o motivo de tanto movimento inesperado; transmita-nos o que pode ser dito; desfaz as dúvidas de nossa mente atônita, que desespera às vezes, às vezes se alvoroça de esperança.

Fantasma - És difícil presentir la suerte futura del nuevo mundo. Las almas generosas se interesan en la suerte de un pueblo que se esmera por recobrar los derechos con que el criador y la naturaleza le han dotado.

Coro - Já antevejo a cólera bem próxima, terrível, inapaziguável, sem remédio, guardiã insidiosa deste povo, alerta sempre, sempre ansiosa por vingar com crueldade a vítima inocente. O sofrimento é a melhor lição.

- Deus! Sejas quem for! Que a minha invocação, se te aprouver, tenha boa acolhida! Depois de muito ponderar, somente em ti diviso o fim de minha angústia enorme. Um deus havia antigamente, poderoso e ousado para todos os combates (no futuro nem seu nome será lembrado); surgiu depois um outro deus mais forte, que também foi vencido e desapareceu. Agora, os homens que vêem em ti o grande deus, o vencedor final, desfrutam do conceito de mais sábios, pois tu, sem dúvida, foste quem levou os homens pelos caminhos da sabedoria e decretou a ordem para sempre certa- "O sofrimento é a melhor lição".

Corifeu - Falar ainda posso; ainda lembro o dia da partida e julgo ver, de novo, o alegre augúrio de triunfo que se mostrou aos bravos combatentes.

As divindades deixam-nos intacta ao menos uma força na velhice- o dom dos doces cantos convincentes.

No final da partida, naquela hora em que a ardorosa gente grega permanecia inerte, retida por ventos desfavoráveis, ou por falta de vento... enquanto as poucas provisões se consumiam... trazendo o desastroso ócio, fome, perigos, dispersão dos homens, ceifando o melhor da juventude grega naquela espera longa, interminável... No dia da partida, o sábio, o adivinho, olhando o rei e seu valente irmão, equiparou-os às soberbas águias ávidas, devoradoras de indefesas lebres, e disse interpretando o prodígio:

Calcas - "Vós, que ora partais, conquistareis por certo a terra inimiga e quando as altas torres da cidade caírem, as riquezas de uma raça toda serão violentamente saqueadas pelo destino. Mas cuidado! A deusa Ártemis está irada com os cães de deus seu pai, que devoraram frágil presa e suas crias inda por nascer; ela maldiz o bárbaro festim das águias e impõe mais um sacrifício ímpio adverso às leis, incompatível com o júbilo, artífice de lutas em família, amargo fim da reverência conjugal. Já antevejo a

cólera bem próxima, terrível, inapaziguável, sem remédio, guardiã insidiosa desta casa, alerta sempre, sempre ansiosa por vingar com crueldade a vítima inocente."

Corifeu - Tais foram as palavras do profeta diante da mansão de nossos reis Agamêmnon e sua mulher Clitemnestra, presságio de terríveis males e de bens enormes que ditaram os augúrios no dia da partida: Agamêmnon teria que sacrificar a sua própria filha Ifigênia, para que os ventos voltassem a soprar e levassem seus navios a Tróia. E em seguida a eles...

Ifigênia - Agamêmnon... Quem és? Tu? Tu?

Clitemnestra - Precisamos de ajuda em alguma parte, mas não sabemos onde. Deve haver ajuda em alguma parte, mas não sabemos onde. Não debes morrer, cão, pois contigo morrem todas as nossas esperanças. Não debes morrer, cão, pois contigo morrem todas as nossas esperanças.

Ifigênia - Pai... Vivo em un país libre / cual solamente puede ser libre / en esta tierra.. Pai! Que saudade! "Será atroz o meu destino se resisto, será atroz, também, matar a minha filha Ifigênia, muito, muito amada, adorno, encantamento do palácio meu, manchando minhas mãos de pai com o sangue do sacrifício de uma virgem inocente." en esta tierra, en este instante, yo soy feliz porque soy gigante. Te amo, Pai! "Qual destino me trará agora mágoa menor? Será possível, nesta hora, abandonar de vez a expedição traindo tantos e tão prestes aliados?" Pai, escuta! Vem! Vivo em un país libre / cual solamente puede ser libre ...

Agamêmnon - De certo está com eles a justiça, se querem decididamente o seu sacrifício, ainda que tenha que jorrar o sangue, que seja tudo para o nosso bem.

Ifigênia - Pai. Não! Pai!! Pai!!!

Corifeu - Na hora em que o profeta, interpretando Ártemis, anunciou aos chefes dos Aqueus a contingência inexorável do sacrifício de Ifigênia, mais cruel que a própria morte, os dois filhos de Atreu golpearam a terra com os cetros e tiveram que chorar.

Agamêmnon - Em minha ausência, ajas como se eu estivesse aqui. Em tuas mãos os deixo, que em tuas mãos os encontre.

Corifeu - O que se seguiu, não vi. Não o posso dizer. Mas as artes do profeta Calcas não são vãs. Na balança da Justiça, o prato da aprendizagem desce para os que sofreram. O futuro poderás conhecê-lo agora. Depois do acontecido há dez anos.

Arauto - Seria bom morrer agora, junto aos meus.

Corifeu - Atormentavam-te as saudades desta terra?

Arauto - De tal forma que já não contendo as

lágrimas.

Corifeu - Não era apenas nossa esta tristeza.

Arauto - Eram saudades dos saudosos combatentes.

Corifeu - Muitos soluços transbordavam de meu peito.

Arauto - Qual era a causa de tua melancolia?

Corifeu - Há muito tempo, meu remédio é não falar. Mas, seria bom morrer agora, tu disseste.

Arauto - Porque se concretizam hoje os meus desejos. Dão certo alguns projetos nossos, outros não. Somente os deuses são imunes a fracassos.

Corifeu - Sem dúvida, cada geração julga-se predestinada a refazer o mundo. A minha, no entanto, sabe que não o poderá fazer, mas sua tarefa seja talvez maior: consiste em impedir que o mundo se desfaça.

Rainha Clitemnestra, vim para prestar homenagem ao teu poder, pois é justo honrar a esposa de um rei, quando o trono do esposo está deserto. Por que mandas realizar sacrifícios? Será que recebeste alguma boa notícia ou é só na esperança de alguma feliz mensagem?

Clitemnestra - Terás de mim notícias mais que favoráveis, as forças gregas conquistaram Tróia.

Corifeu - Repita, por favor, pois não entendi bem!

Clitemnestra - Os gregos capturaram Tróia.

Corifeu - Tens alguma prova disso?

Clitemnestra - Se os deuses não me quiserem enganar, sim.

Corifeu - “Minha mãe sentia tanta saudade da casa onde passou a lua-de-mel que, nós, os filhos mais velhos, podíamos descrevê-la cômodo por cômodo, como se tivéssemos morado nela e, até hoje, esta casa continua sendo uma de minhas falsas lembranças. E no entanto, a primeira vez que fui de verdade à Península de La Guajira, pouco antes dos meus sessenta anos, me surpreendeu ver que a casa do telegrafista não tinha nada a ver com as minhas recordações. E a cidade idílica que desde menino eu levava no coração, com suas ruas de salitre que desciam até um mar de lodo, não era outra coisa além de sonhos emprestados dos meus avós. E mais: agora, que conheço a verdadeira Rioacha, não consigo visualizá-la tal como é e, sim, como eu a havia construído, pedra por pedra, na minha imaginação. “ Por acaso tens sonhado?”

Clitemnestra - Não creio nas visões da mente adormecida.

Corifeu - Algum rumor sutil passou por teus anseios?

Clitemnestra - Estás me chamando de louca?

Corifeu - Quando a cidade foi destruída?

Clitemnestra - Na noite que gerou esta manhã.

Corifeu - Que mensageiro chegaria tão depressa?

Clitemnestra - Hefesto, que mandou dos píncaros dos Andes da Patagônia a sua chama lúcida, vista em seguida lá dos penhascos de Bolívar, na famosa Cochabamba; de lá o fogo forte foi comunicado à serra dos Parecis. Sinais colhidos e vindos dos montes, planícies, vales, lagos e oceanos longínquos. Não foi em vão que transmiti as minhas mensagens aos homens postos no percurso e a glória deste feito é igualmente deles.

Entra o Arauto.

Corifeu - Arauto das hostes argivas, rejubila-te!

Arauto - Saúdo o solo de Argos, solo de meus pais. Vi numerosas esperanças nossas fracassarem, mas nem em sonho, eu imaginava voltar para minha terra, e ter aqui a pretendida sepultura. Findou a presunção de Páris, Tróia outrora altiva suporta hoje o jugo duro, feito por nosso senhor recém-chegado, digno mais do que ninguém de justas homenagens.

Corifeu - Rejubila-te!

Arauto - Seria bom morrer agora, junto aos meus...

Corifeu - Atormentavam-te as saudades desta casa?

Arauto - De tal forma que já não contendo as lágrimas.

Corifeu - Não era, então, apenas nossa essa tristeza...

Arauto - Eram saudades dos saudosos combatentes.

Corifeu - Muitos soluços transbordavam de meu peito.

Arauto - Qual era a causa de tua melancolia?

Corifeu - Há muito meu remédio é não falar... “Seria bom morrer agora”, tu disseste...

Arauto - Porque se concretizam hoje os meus desejos. Dão certo alguns projetos nossos, outros não. Somente os deuses são imunes a fracassos. Se eu pretendesse descrever as provações, os incontáveis sofrimentos causados na nossa frota, palavras comovidas diria lembrando tantos dias tristes. Mas não repetirei lamentos. Estão passadas as nossas penas, terminaram as dos mortos. Para que enumerar os desaparecidos afligindo ainda mais os sobreviventes mais felizes? Como em tempos já passados, mostrai semblante acolhedor ao vosso rei, depois dos anos infindáveis da sua ausência. Termina

aqui a minha fala.

Clitemnestra - Houve quem duvidasse do fim de Tróia. Fui censurada, e mais cedo ou mais tarde vou ser chamada de louca, mas nem por isso descuidei de prescrever os sacrifícios gratulatórios. Qual o valor, então, de repetir as novas já conhecidas? Ouvirei do próprio rei a história toda. Não há para a mulher satisfação maior que a de mandar abrir as portas ao marido salvo da morte pelos deuses na batalha. Que venha e encontre a sua honesta companheira, zelosa, igual a cão fiel, sua maior amiga e inimiga máxima dos que lhe querem mal, a mesma esposa em tudo, durante tanto tempo guardiã atenta de quantos bens ficaram sob seu cuidado. Não conheci prazeres vindos de outros homens e nada sei de intrigas e maledicências. Termina aqui a minha fala.

Arauto - Numa mulher tão nobre, chega a chocar tal comportamento onde tudo é possível?

Corifeu - Estas palavras são para tua informação. Mas quem as ouve e as interpreta retamente, conclui depressa que elas são todas malévolas.

Arauto - Mostrai semblante acolhedor ao vosso rei.

Corifeu - Sem dúvida, cada geração julga-se predestinada a refazer o mundo. A minha, no entanto, sabe que não o poderá fazer, mas sua tarefa seja talvez maior: consiste em impedir que o mundo se desfaça. Rainha Clitemnestra, vim para prestar homenagem ao teu poder, pois é justo honrar a esposa dum rei, quando o trono do esposo está deserto. Por que comemoras? Será que recebeste alguma boa notícia ou é só na esperança de alguma feliz mensagem? Teria muito gosto em saber, mas, se preferes calar, não te levarei a mal.

Clitemnestra - Terás de mim notícias mais que favoráveis. Os gregos dominaram Tróia! Os gregos dominaram Tróia! Assim aconteceram as coisas: os nossos homens decidiram matar o povo. Fecharam as saídas, as passagens, as entradas: a entrada da Águia, no palácio menor; a de Ponta de Cana, a de Serpente de Espelhos. Ninguém podia sair. Foram a pé levando seus escudos e suas espadas e começaram a passar a todos o fio das espadas. Alguns foram atacados por trás, deixaram dispersas pela terra suas entranhas. A outros dilaceraram a cabeça, lhes cortaram a cabeça... Aos demais feriram o abdômen. Todas as entranhas caíram por terra... Alguns em vão corriam, arrastaram os intestinos e pareciam emaranhar-se neles. O sangue dos guerreiros corria como se fosse água: como água que se alaga, e o mau cheiro do sangue e das entranhas, que pareciam se arrastar, tomava conta do ar... Os nossos homens, nossos soldados andavam por toda parte à procura das casas, buscavam coisas, saqueavam tudo... E os pais e as mães de família elevaram o pranto. Choravam. Choravam e choravam...

Egisto - Saudemos Deus supremo que nos deu imensa glória; salve, noite amiga que acobertaste a cilada fatal dos altos muros da orgulhosa Tróia, onde morreram grandes e pequenos, vítimas todos

do destino duro. Venero, sim, o hospitaleiro deus, o deus que tudo fez, irresistível, e preparou durante muito tempo o inelutável arco da vingança, para que as setas dele disparadas em direção a Tróia não caíssem aquém do alvo, nem se extraviassem num vôo vão além dos astros claros.

Clitemnestra - ... e choravam.

Coro - Disse alguém que do alto também vem a punição. É inconfundível o sinal que deixa em sua obra a mão divina. Pensar é igual a agir, para Deus! Aos que respiram orgulho desmesurado, descuidosos do dever sagrado, a ruína é punição inexorável. Que a posse dos bens seja inofensiva na justa medida do bom senso. Não há remédio para quem se esquece de que a prosperidade não serve aos que se sobrepõem à justiça.

- Transtorna-os a sinistra Tentação, insidiosa filha do Delírio: o mal, então, se torna irremediável; não se disfarça mais, todos o vêem - sinistra inocultável evidência. Iguais a moedas falsificadas enegrecidas por pedra de toque, revelam os perversos a maldade como crianças que perseguem pássaros, manchando os seus com nódoa inapagável. Ninguém escuta suas súplicas; a ruína é o fim de todos os culpados.

- Ai do palácio! Ai do vazio leito do marido marcado ainda pelo corpo amado!... Silencioso e só um homem sofre, aniquilado, sem poder se queixar. Sente saudade atroz, angustiante, da esposa que se foi mar afora; a imagem dela ainda povoa a casa; a própria graça dos adornos belos agora se afigura detestável; foi-se com ela o atrativo deles. À noite, o marido solitário é visitado por visões fugazes que só lhe trazem alegrias vãs, pois mal se mostram já se desvanecem, fugindo fluídas de seus dedos ávidos como asas agitadas pelo sono. Apenas a saudade permanece constante e cada vez mais forte.

- São tantos os sofrimentos que oprimem os corações que tudo se torna inquietação. Estas são as dores numa casa de onde partiu um guerreiro, o meu guerreiro. Todos aqui lembram bem daqueles que partiram e pressentem que, talvez, só regressem urnas e cinzas.

- Aquele, o mercador de almas, quem decide o resultado das batalhas, manda lá de Tróia para quem espera o resultado da peleja, e manda para cá o pó que se tornaram muitos dos nossos. Louvores se misturam a gemidos; "Foi valente, corajoso", "Por uma bela mulher?" É o que corre, à boca miúda, e uma dor ressentida nasce no peito da gente e marcha para junto do demandante. Lá ficaram os meus na flor da idade. Conquistadores, sim, mas engolidos na hora extrema pelo chão vencido.

- Certa vez, um homem criou em sua casa, um pequeno leão. Manso e dócil nos primeiros dias. Amigo das crianças, deleite dos mais velhos. (canta) Amada minha, ai, a minha terra, ai. A minha gente, ai. A minha sina, ai. Amarga vinha, ai, a minha terra, ai. A minha gente, ai. Amargo fado. Mas chega o dia em que o leão se revela. Em troca dos carinhos, devora rebanhos num trágico banquete. A casa é poluída pelo sangue e seus senhores choram desolados, diante da carnificina enorme. Fora um ministro de desgraça e dor que alimentaram por ordem divina .

Não fora a dor que há de ser mágoa, a minha vida, ai. Não fora essa saudade adormecida. Não fora vã essa esperança em mim perdida, ai. Eu sei que te amaria muito mais. A minha vida, ai. A minha mágoa, ai. Essa saudade, ai. Adormecida, ai. Amarga vinha, ai. Essa esperança, ai. Em mim perdida, ai. Amargo fado.

- É perigosa a voz de uma cidade magoada, é perigosa a maldição de muita gente. Prevejo, temerosa, tenebrosos, terríveis fatos, pois todos guardam a nítida visão de tantas mortes; com o tempo, as fúrias vingadoras envolvem irremediavelmente os maus, injustamente venturosos, e o máximo poder reduz-se a nada; e deste fim, sem sombra de esperança, ninguém, ninguém jamais escapará! A glória imensa pode ser fatal. Prosperidade que não cause inveja, eis o meu desejo; não me move a idéia de conquistar e destruir cidades, nem quero ver, um dia, minha vida nas mãos de impiedosos vencedores. Malditos!

- Dizem os mortais, há muito tempo, velhíssimo provérbio: "da riqueza imensa de um mortal nascem logo males inda maiores para os seus". É diferente o meu entendimento: ações iníquas geram fatalmente iniquidades umas sobre as outras, idênticas em tudo à sua origem; porém nas casas onde houver justiça jamais filhos perfeitos faltarão. Será?

- A justiça brilha nos lares mais discretos e preza a existência simples. Das mansões cobertas de ouro, em que há mãos sórdidas, ela desvia os olhos e olha para quem é puro. Despreza o poder da riqueza e suas falsas aparências. E guia tudo para o fim certo. Quem garante que é verdade e que não é só mais uma mentira montada pelos deuses? Quem é tão infantil ou privado de senso que se inflama por dar crédito a súbitas notícias duma chama? Pode depois sofrer com a mudança da "história". É próprio do caráter impulsivo da mulher agradecer as coisas, antes que elas tomem forma. Crêem rápido demais. Por isso, uma notícia saída da boca dessa mulher tem morte rápida.

Corifeu - Diz-me, ó Rei, destruidor de Tróia, descendente de Atreu, como hei de te saudar? Como te prestarei homenagem sem ir além, nem ficar aquém do tratamento que te é devido? É que muitas pessoas apreciam mais o parecer do que o ser, exibindo em seus rostos sorrisos falsos, acolhendo com hipocrisia aqueles que sofrem. Mas aquele que é bom conhecedor de seu rebanho saberá distinguir um sorriso falso. Pelo que me toca, quando organizaste a expedição, fiz de ti o retrato pouco agradável de quem não governava bem o leme da razão. Mas, hoje, é com o coração aberto, meu rei, que eu recebo aqueles que realizaram tão bem o seu trabalho. Espero que, com o tempo, saibas reconhecer, dentre os que aqui ficaram, aqueles que foram leais a ti e aqueles que te traíram.

#### Chegada de Agamêmnon

Agamêmnon - Minha filha me estendeu os braços. Eu lhe estendi os meus em resposta. Ela olhou nos meus olhos com aqueles olhinhos confiantes e me abraçou. Um abraço terno de filha. E eu a sacrifiquei. Por tudo isso, por todos nós! Dirijo minha saudação

inicial à terra argiva e aos benevolentes deuses, aos quais sou devedor da graça do regresso, e por me terem permitido impor a Tróia a justa punição de uma total derrota. Indiferentes às arengas arrastadas e à replica pouco sincera dos culpados, em gesto unânime os deuses depositaram seu veredicto na urna sanguinolenta: "Pereça Tróia, seja destruída Tróia!". A urna do perdão permaneceu vazia; os votos da esperança não apareceram. Até agora, o negro fumo dos incêndios é testemunha da destruição de Tróia; ainda sobe aos céus, das brasas meio consumidas, o odor de uma opulência reduzida a cinzas. Por estes fatos, temos que prestar contritamente nossa gratidão aos deuses. Levamos à cidade as penas da vingança; a luta por uma mulher lhe trouxe a ruína vinda do monstro argivo, do cavalo enorme em cujo bojo estavam os soldados prontos, irresistíveis no ataque final a Tróia, quando já passava da meia noite; buscando carne humana em todos os redutos, o régio leão saciou-se de sangue. Por estes fatos, devemos nossa gratidão aos deuses. Quanto ao restante, a respeito desta cidade e dos bons deuses, anunciem-se assembléias e logo delibere-se em debates públicos. Quando as coisas vão bem, devemos ter prudência a fim de que tenha seqüência a boa sorte, mas onde houver necessidade e remédio livremo-nos das conseqüências da doença, cauterizando e extirpando o que vai mal. E que a vitória permaneça conosco para todo o sempre!

Clitemnestra - Veneráveis cidadãos argivos aqui presentes, não me sinto envergonhada de confessar em vossa presença a minha amorosa impaciência muito longa; desfaz-se a timidez com o passar do tempo. Por própria e dura experiência, falarei de minha insuportável vida solitária durante a estada interminável deste homem ao pé dos altos muros de Tróia antiqüíssima. Primeiro, é uma angustia desesperadora permanecera esposa desacompanhada do marido, no lar vazio, separada do marido, ouvindo somente notícias que servem só para provocar a ira e recebendo, apreensiva, informações reveladoras que tem de transmitir ao povo receoso. Tais eram os rumores maus, exasperantes, que muitas vezes suspendi por um laço o meu pescoço e foram outras mãos, que não as minhas, que à força me soltaram. Por isso e nada mais, Orestes, nosso filho, depositário de nossa esperança única já não se acha mais comigo, como fora próprio. Amigo certo cuida dele com desvelo. Hoje, porém, é com o coração aliviado enfim de tanta e tão cruel ansiedade, que eu saúdo neste homem o mastim fiel que guarda bem o seu rebanho; a salvação das naves; a coluna mestra; o filho único de pai muito querente. São merecidos todos estes elogios e que a inveja esteja longe, pois já foram bastante os males que sofremos. Agora, criatura amada, sai depressa deste carro; não, não debes pôr no chão os mesmos pés que devastaram Tróia! Quero ver em teu percurso bela trilha cor de sangue. Quanto ao resto, um ânimo que não se deixa vencer pelo sono, providenciará, pela justa mão dos deuses, o que foi determinado pelo destino.

Agamêmnon - Não quero que me envolvas hoje em luxos próprios de mulheres, nem que me acolhas

prostrada e boquiaberta como me apareces, pois não estás diante de nenhum ser exótico; não deves pôr ressentimento em meu caminho ornando-o com tapeçarias suntuosas. Tais honrarias cabem só a divindades; e eu como mortal que sou, não poderia pisar tapetes requintados sem justos receios. Deves honrar em mim um homem, não um deus. Tecidos requintados e tapetes simples são coisas diferentes desde o próprio nome e o dom do céu mais precioso é a prudência. Só é feliz, de fato, o homem cuja vida transcorre até o fim serenamente próspera. Enquanto assim pensar, terei mais confiança.

Clitemnestra - Revela francamente os teus reais propósitos.

Agamêmnom - Os meus propósitos já foram revelados.

Clitemnestra - Juraste aos deuses, em perigo, ser modesto?

Agamêmnom - Quando agi assim, moveu-me boa inspiração.

Clitemnestra - Que pensas que faria Príamo, se tivesse alcançado a vitória?

Agamêmnom - Decerto marcharia sobre teus tapetes.

Clitemnestra - Então, não tenhas tanto respeito pela censura dos homens.

Agamêmnom - É muito forte o julgamento popular.

Clitemnestra - Sim, mas um homem que não é invejado não é invejável.

Agamêmnom - As mulheres não devem sustentar querelas.

Clitemnestra - Também os fortes podem dar-se por vencidos...

Agamêmnom - Desejas ser a vencedora no debate?

Clitemnestra - És tu afinal que vences, se a vitória me for dada por ti.

Agamêmnom - Se pensas deste modo, manda depressa alguém para tirar-me estas botas, servas da marcha de meus pés; durante meu trajeto sobre teu tapete não vá o olhar ressentido de algum dos deuses, notar-me lá do alto; eu não quero ver destruído o patrimônio desta casa, por ter pisado com minhas botas tecidos conquistados a preço de prata. E basta quanto a isto. Providencia acomodações para a jovem estrangeira no palácio; faz parte do meu séquito um presente oferecido por todos os meus guerreiros. Ninguém aceita o cativo de bom grado. Os deuses todo-poderosos das alturas são mais benévolos com o vencedor magnânimo. Enfim, cedo a teus caprichos e entro em meu palácio pisando em teus tapetes.

Clitemnestra - Existe o mar inesgotável produzindo a preciosa púrpura, com que se poderão tingir outros tapetes de que dispomos, meu senhor, em quantidade; palácios não admitem vis limitações. A nossa casa está, pela graça dos deuses, em condições de dispor destas riquezas e é uma casa que não sabe ser pobre.

Clitemnestra para Cassandra, o troféu de guerra de Agamêmnon

Clitemnestra - Vem para dentro tu também, Cassandra, eu te peço, pois o todo poderoso deus mandou-te compartilhar sem mágoa e sem rancor da água purificadora desta casa, na qual tu poderás conviver com outros servos não longe do altar dos deuses.

Corifeu - É a ti que ela acaba de fazer um claro discurso. Presa como estás nas redes do destino, desce do carro e obedece se tencionas obedecer... mas talvez tu queiras desobedecer...

Clitemnestra - Não sejas orgulhosa. Desce já do carro. O próprio filho da divina Alcmena, sabes, em tempos idos foi vendido como escravo e teve que comer o pão do cativo; se tal destino alguém tiver que suportar não é pequena a graça de ficar submisso a nobres donos de fortuna muita antiga.

Corifeu - Segue-a. Ela diz o que é melhor. No estado atual das coisas. Levanta-te, sai do carro e obedece.

Clitemnestra - Se ela não fala a nossa língua, eu vou tentar agir de acordo com o meu, com o nosso ânimo. e torná-la-ei obediente aos mandamentos da razão.

Corifeu - A estrangeira parece necessitar de um intérprete claro. O seu comportamento assemelha-se ao de um animal recém-capturado.

Clitemnestra - Cassandra, se entendes algo que digo, faz com as mãos exóticas um simples gesto.

Corifeu - Mas eu, que tenho pena dela, não vou me irritar.

Clitemnestra - Desvairada, demente, troféu, troféu de guerra vinda de terra estrangeira a pouco e saqueada.

Cassandra - Apolo! Apolo!

Corifeu - Apolo...?

Cassandra - Apolo! Apolo!

Corifeu - Apolo é o deus que nada tem a ver com pranto e dor...

Cassandra - Apolo dos caminhos! Estou perdida!

Corifeu - Ela parece adivinhar os próprios males. É certo que os cativos têm o dom profético.

Cassandra - Para onde me trouxeste?

Corifeu - À casa dos Atridas; se não percebeste, é hora de saber.

Cassandra - Casa dos Atridas? A casa dos Atridas é odiada pelos deuses, é testemunha de crimes de parentes, é um ensangüentado matadouro de homens, com o chão salpicado de sangue. Isto aqui não pode ser a casa dos Atridas!

Corifeu - A estrangeira parece ter faro de cadela. A trilha há de levar às mortes.

Cassandra - Aqui na porta está uma evidência tétrica! Crianças choram, os cutelos matam-nas e o próprio pai devora-lhes as carnes!

Corifeu - É difundida a fama de tuas profecias. Mas não precisamos de qualquer profeta agora.

Cassandra - Dentro desta casa se prepara um grande mal e está distante a ajuda.

Corifeu - Não compreendo essas profecias, mas as que disseste antes, sobre as crianças mortas, conheço muito bem, toda a cidade conhece.

Cassandra - Eu tenho tanta pena de ti! Até isto ousa? Ela vai banhar o esposo e companheiro e depois... como direi? Veremos logo: mãos prontas para o golpe!

Corifeu - Ainda não percebi. Dos enigmas descambas para ditos dúbios e sombrios e fico pasmo, sem saber o que pensar...

Cassandra - Que visão é esta? A vaca vence o touro! Ela o envolve em seu véu insidioso e o domina! Descrevo a traição mortal de um banho!

Corifeu - Embora eu não seja um perfeito conhecedor de oráculos, pressinto nisto uma desgraça.

Cassandra - Por que me trouxeste aqui? Para morrermos juntos? Por quê?

Corifeu - Não cessam as lamentações proféticas. Por que a trilha de tuas profecias é cheia de previsões sinistras?

Cassandra - As bodas de Tróia, as trágicas bodas de Tróia que destruíram todos os meus, todos os teus. Os rios de minha pátria, onde cresci, me criei, nunca mais! Agora somente nos rios do inferno, muito em breve, cantarei minhas profecias.

Corifeu - É claro o teu oráculo. Imensa dor me comove ao perceber o teu destino cruel.

Cassandra - Meu pai também ofereceu aos deuses em seus altares inúmeros sacrifícios, de nada adiantou. Tudo foi inútil. Tróia foi destruída da mesma forma como esta casa será destruída. Quanto a mim, em breve derramarei meu sangue quente neste solo...

Corifeu - Alguma divindade malévola se abateu pesadamente sobre ti e te faz cantar estes sofrimentos mortais. O fim de tudo isto, eu não sei.

Cassandra - BASTA! basta! Eu não quero mais! Não quero mais as minhas profecias envoltas em véus sutis, quero que ela seja clara como a brisa da madrugada. Vai atingir-me agora o mal maior de todos. Desta casa nunca se afasta um coro que canta em uníssono? sem melodia? Com palavras desagradáveis? São as Fúrias vingadoras? As implacáveis sanguessugas desta raça? Não!! Elas exprimem a sua aversão ao primeiro crime, e depois ao crime cometido contra o leito fraternal, lançando imprecções a quem o maculou. Estou errada? Sou falsa profetisa, dessas que vão bradando de porta em porta? Quero que confirmes minhas alusões aos segredos desta casa!

Corifeu - A afirmação com meu juramento mais solene poderia curar tantos males? Mas é de pasmar que tu, criadas além-mar, possas falar com acerto de acontecimentos ocorridos num país tão remoto, como se a eles tivessem estado presente.

Cassandra - Foi Apolo que me deu este poder.

Corifeu - Então o deus te desejou, a ti, mortal?

Cassandra - Antes eu tinha vergonha de dizer.

Corifeu - Nos dias de prosperidade somos susceptíveis.

Cassandra - Mas ele lutou muito para me conquistar

Corifeu - Os ritos amorosos foram praticados?

Cassandra - Depois de dar o meu consentimento, eu enganei Apolo.

Corifeu - Já estavas de posse dos dons proféticos?

Cassandra - Eu profetizei aos cidadãos de minha pátria todos os sofrimentos.

Corifeu - Claro que te perseguiu a cólera de Apolo...

Cassandra - Nunca mais se acreditou em nada do que disse.

Corifeu - Mas tuas profecias já nos convenceram.

Cassandra - Vês frágeis figuras infantis fantasiadas? Parecem criancinhas mortas por aqueles que deveriam lhes dedicar todo seu amor. As mãos repletas de sanguinolentas carnes, a própria carne, entranhas, vísceras que um monstruoso pai ousou aproximar da boca. Prevejo e te declaro que um leão covarde junto com a cadela odiosa premeditam a morte do rei, o rei das incontáveis naus guerreiras não percebe, está envolto por palavras mentirosas de júbilo diante do retorno. A fêmea mata o próprio macho! Ouve o grito de triunfo da mais que atrevida, como se fora vencedora de um combate. Se tu, se vós me dais

crédito ou não, é indiferente. Que importa? O que tiver de acontecer, virá. Tu mesmo aqui presente, em breve, reconhecerás em mim horrorizado, uma profetiza verdadeira até demais!

Corifeu - Sei que falaste de tristezas e estremecei ouvindo a verdade total. Mas quanto às outras alusões, estou em dúvida.

Cassandra - Eu confirmo agora a morte do rei.

Corifeu - Infeliz! Ou falas bem ou cala esta boca.

Cassandra - Não há remédio para as minhas predições.

Corifeu - Se for destino. Eu desejo que não o seja.

Cassandra - Enquanto tu formulas preces, outros cuidam de matar.

Corifeu - Que homem se dispõe a praticar o crime?

Cassandra - Tu não entendeste nada!

Corifeu - Claro! Não percebo nenhum plano criminoso.

Cassandra - A leoa de dois pés unida ao lobo, na ausência do leão feroz vai me matar! Na taça de veneno que manipula está contida a minha parte. Ela vai me matar por ter sido trazida como troféu de guerra! Olha para mim! Olha como estou vestida! Fui maltratada por amigos e inimigos. Estou sendo tratada como uma charlatã sem rumo, como uma mendiga maltrapilha. A morte é o desenlace a que o Deus profeta destina a profetiza que antes inspirou? Mas não há morte sem vingança de algum Deus... Virá um dia o vingador – o nosso - nascido para exterminar a própria mãe e vingar a morte do pai. Um exilado errante, expulso desta terra, regressará para assentar a última pedra neste edifício de inúmeras desgraças impostas a esta raça antigamente próspera. Eu aceito o meu destino com firmeza, eu sou valente ao aceitar a morte certa! Eu só peço que jorre o meu sangue de certo golpe, e rápido, para que nem espasmos ou agonia venham fechar-me os olhos na hora final! Imploro ao sol diante desta luz mortiça, que dê aos meus inimigos fim igual ao meu, aos assassinos de uma escrava, presa fácil. É triste e sem remédio a sorte dos mortais... Os males chegam logo, como esponja úmida, e num instante apagam para sempre o quadro. É isto que me faz sofrer ainda mais.

Corifeu - Ninguém se cansa da prosperidade. Nenhuma criatura a ela resiste... ninguém lhe fecha as portas bradando: "não penetres!" Os deuses concederam a Agamêmnom apoderar-se de Tróia e regressar honrado pelos céus. Mas se ele tiver que pagar o sangue derramado antes dele e morrendo, hoje, vingar com outras mortes os que morreram... Quem poderá vangloriar-se de ter vindo ao mundo com um destino isento de tristezas?

Agamêmnon - Demos origem a uma nova nação, muitos deram suas vidas para que esta nação sobrevivesse. O mundo muito pouco recordará o que aqui dissemos, mas não poderá jamais esquecer o que aqui fizemos. *Cet dormitor magnum ferrarum.*

Agamêmnon é assassinado.

Corifeu - Consumou-se o crime! Unamo-nos todos e deliberemos!

Coro - Vamos invadir o Palácio! Vamos, agora, enquanto alguém empunha a espada ensangüentada!

- Não temos tempo para vãs divagações.
- Pressinto planos que nos levarão à tirania.
- Não sei o que fazer em tal situação, mas antes de agir convém deliberar.
- Esta é a minha idéia!
- Apenas por cuidar de nossas vidas, cedemos ante a usurpação abominável?
- Os mortos não podem ser ressuscitados com palavras.
- De forma alguma!
- Eles agem e nós discutimos.
- Melhor seria morrer!
- Tirania é mal pior que a própria morte.
- Conjecturar e ver são coisas diferentes. Certifiquemo-nos da sorte de Agamêmnon.

Vão em direção do Palácio. As portas se abrem e eles param. Aparece Clitemnestra com o rosto e as mãos manchadas de sangue.

Clitemnestra - Há pouco, devido às circunstâncias, disse-vos palavras numerosas. Não me envergonho de me contradizer. Premeditando destruir o inimigo, não poderia agir de outra maneira. Estou exatamente no lugar em que seguida e firmemente o golpeei. Para que não fugisse de seu destino, emaranhei-o numa rede que para ele foi um manto de desgraças. Feri-o duas vezes, embora já no chão, esta é a terceira vez em oferenda aos deuses. Golfadas de sangue me molham, mais agradáveis que a própria chuva para a terra. Este homem recebeu o que merecia.

Corifeu - É de pasmar essa linguagem. Vangloriar-se de matar o próprio marido.

Clitemnestra - Estou falando claro, entenda-me quem for capaz. Quem aqui jaz é Agamêmnon, meu esposo, morto por obra da minha mão direita, guiada pela justiça.

Coro - Justiça?! Que justiça? Tu o traíste, o golpeaste. Eu vou dizer o que vai acontecer: tu serás banida, viverás sem pátria, serás alvo do ódio do teu povo.

Clitemnestra - Agora me ameaçais com o exílio, mas contra este homem nada foi falado. Sem escrúpulo, sem dó, como se lidasse com algum animal, sacrificou a própria filha, que saiu deste ventre, só para bajular os ventos. Não era este pai cruel que merecia ter sido exilado? Comigo sois severos, mas quero prevenir-vos: se vencerdes, me submeterei humildemente às

vossas mãos. Mas se os deuses quiserem o contrario, aprendereis a ser prudentes.

Coro - Arrogante! Como és arrogante! És louca. Tão louca estás que ostentas como um adorno o sangue que ainda te cobre a face. Terás o fim que deste a teu marido.

Clitemnestra - Ouve, também, o meu juramento: pela justiça feita em nome de uma filha, pelo destino, pelas Fúrias vingadoras, minha esperança não dará lugar ao medo, enquanto o fogo deste lar for aceso por meu amigo Egisto. Ai está por terra o homem que humilhou a própria esposa. Este homem recebeu a sorte que teve.

Coro - Morreu o nosso protetor! Um gênio do mal caiu sobre esta casa. Uma mulher tirou-lhe aqui a vida, que expôs por causa de outra tantas vezes. Helena, foste a causa da destruição de muitas, muitas vidas ao pé dos muros da arrogante Tróia.

Clitemnestra - Por que lançar sobre outras mulheres rancor tão grande? Como se elas fossem responsáveis por tantas desgraças e terem causado em tantos corpos chagas incuráveis...

Coro - Corvo maligno espezinando um morto. Ei-la cantando cheia de arrogância o hino apropriado aos vencedores!

- Gênio do mal que cais sobre esta casa. Teus triunfos, neste jogo em que triunfas despedaçando os nossos corações, são damas de almas gêmeas na aparência!

Clitemnestra - O gênio do mal que persegue esta família. A sede de sangue nos vem dele, enraizada em nosso ser. Nem foram curadas as chagas antigas e novas já aparecem.

Coro - O gênio que fala é poderoso, cheio de rancor. Foi deus que tudo fez? Nada acontece a nós mortais, sem deus.

- Meu rei, como chorar por ti? O que me dói é ver como foi o teu fim.

Corifeu - Que testemunho irás oferecer de que eras inocente deste crime?

Clitemnestra - Tenho sofrido pela morte de minha filha Ifigênia. Digo, sem remorso; ele pagou pelo que fez primeiro!

Coro - Não consigo guiar meus pensamentos. Não sei o que será da minha vida se estas paredes forem destruídas. Tenho medo da chuva próxima de sangue humano.

Corifeu - Quem o conduzirá à sepultura? Quem cantará os hinos lamentosos? Quem lhe fará um elogio fúnebre adequado com o coração sinceramente triste?

Clitemnestra - Não é a ti que competem estes cuidados. Eu mesma o levarei à sepultura, mas sem

parentes que o lamentem. Ifigênia irá a seu encontro, no rio célere das aflições, beijar-lhe as mãos.

Coro - Enquanto o grande deus mandar no mundo, terá valor um só mandamento: "quem for culpado há de sofrer castigo".

Clitemnestra - São verdadeiras estas expressões: afastam-se com ele deste lar, para sempre, estas fatalidades, este delírio de extermínio mútuo.

Egisto - Animadora luz do dia e da justiça! Os deuses, cuja missão mais certa é de castigar os homens, enfim, realizaram suas tarefas. O pai de Agamêmnon expulsou meu pai e seu irmão do próprio lar, imaginando o seu poder ameaçado. Voltando um dia como forasteiro, o infeliz do meu pai foi, aparentemente, muito bem recebido. O pai deste homem simulou acolhimento falsamente cordial e regalou meu pai com os corpos retalhados de seus pobres filhos. No prato enorme foram postos, embaixo, os pés e as mãos. Por cima, para escondê-los, outros pedaços de crianças. O prato foi servido ao conviva único. Sem distinguir de pronto a trágica verdade, meu pai comeu uma iguaria fatal a sua raça. Quando percebeu, tardiamente, ergueu-se e entre gritos horríveis e, vomitando as carnes trucidadas, lançou tremendo juramento: "assim pereça a sua raça inteira". Por isso este homem está morto aqui. Após o crime hediondo, eu ainda criança fui desterrado com meu pai. Mais tarde, eu para cá retornei para esta vingança, embora longe de Agamêmnon eu teci a trama que o levou à morte.

Corifeu - Detesto o atrevimento dos perversos. Egisto... afirmas que tramaste a morte deste homem e te ufanas disso? Cuidado! Não tens medo de tua cabeça não escapar ao ódio do povo?

Egisto - Não reconheces teu lugar inferior e falas assim aos teus senhores e detentores de poder. Estás velho, mas sempre é tempo de aprender. A prisão e a fome são bons professores.

Corifeu - Egisto... pensas em ser o rei desta brava gente, só por ter tramado a morte deste homem?

Egisto - Por sermos inimigos, eu era suspeito. Só a mulher poderia enganá-lo. Agora, com as riquezas dele eu poderei governar o povo. Os insubmissos serão dobrados implacavelmente.

Corifeu - Egisto... por que não o mataste com tuas próprias mãos? Por que deixou à mulher esta tarefa? Não tens medo que Orestes volte e dê a vós dois uma morte merecida?

Egisto - Não tolerarei mais os teus insultos.

Clitemnestra - Não, por favor, não desencadeemos mais desastres! Estamos fartos de aflições. Já basta o sangue derramado. Ilustres cidadãos, voltai a vossos lares, devei obedecer antes que males novos e maiores voltem. Era fatal o que fizemos. Aceitai resignadamente os acontecimentos passados.

Palavras de mulher são dignas de atenção, ouvi-as, pois!

Corifeu - Tu és mulher... Mulher que permaneceu à espera da volta do teu homem, empenhado em combate árduo, enquanto tu meditavas covardemente o assassinato dele. Um deus há de guiar Orestes para cá.

Egisto - Serás castigado por tuas insolências.

Clitemnestra - Não dês ouvidos a tais latidos. Eu e tu, senhores do palácio, teremos o poder bastante para pôr em ordem tudo e todos.

Sentinela - Quem o conduzirá à sepultura? Quem cantará os hinos lamentosos? Quem fará um elogio fúnebre adequado com o coração sinceramente triste? Quem nos conduzirá? Quem cantará os hinos? Quem nos fará um elogio fúnebre adequado?

#### Fim de *Agamênon*

## COÉFORAS

Corifeu - Deixa minhas palavras penetrarem por teus ouvidos e mantém a alma tranqüilamente preparada. Sabes tudo o que se passou. A tua cólera te dirá como vai ser o futuro. Quem opta por lutar deve sentir um rancor implacável no peito. A Força enfrentará agora a Força e se oporá o Direito ao Direito.

Entra Orestes e o Cineasta.

Orestes - Hermes, das profundezas que velas pela sombra poderosa de meu pai, sê, eu te peço, meu salvador e aliado. Acabo de chegar a esta terra regressado do exílio. Entre todos os vocábulos, não deve haver nenhum tão comovente como a palavra saudade. Ela traduz a lástima da ausência, a tristeza das separações, toda a escala de privação de entes e objetos amados; é a palavra que se grava sobre os túmulos, a mensagem que se envia aos parentes, aos amigos. É o sentimento que o exilado tem pela pátria, o marinheiro pela família, os namorados um pelo outro, apenas se separam. Daqui deste túmulo, meu pai, dirijo a ti meu apelo, atende, escuta: a quem me criou dediquei uma mecha de meus cabelos, dedico outra aqui, agora, em sinal de luto, já que não estive presente para chorar a tua morte.

Quem são essas mulheres com longos véus sombrios? Algum desastre novo cai sobre esta casa? Elas trazem oferendas a meu finado pai, destas que se destinam a consolar os mortos. Eu reconheço a minha irmã, Electra, que entre todas se distingue por imensa dor. Deus, permita-me vingar a morte do meu pai.

Coro - Nossos rostos trazem as marcas dos males incontáveis que afastam o riso de nossas faces? O morto, sob a terra, externa sem cessar sua amargura e cólera contra seus assassinos?

- Para se livrar das punições, Clitemnestra nos manda até aqui. Mas o que pode reparar o sangue derramado sobre a terra? As trevas cobrem todo o palácio do rei assassinado. A justiça serena estará atenta? Estará?

- Quando o sangue é bebido pela terra, ao menos um coágulo fica intacto. É dele que sairá a vingança. Nem toda a água do mundo poderá lavar a mácula das mãos sujas com o sangue derramado!

- Os deuses lançaram a nojenta servidão sobre o nosso Estado? A contragosto, contemos o nosso ódio e submetemo-nos a todas as ordens, justas e injustas, dos nossos senhores, mas sob os nossos véus, sentimos muito os duros golpes do destino cego que vitimaram nosso rei - coitado!

- E o luto que temos que disfarçar, nos faz sentir o coração gelado.

Orestes - Uma raça inteira derrotada! Os olhares deles são mansos quase temerosos, alguns me dão a impressão de que vivem só porque é um hábito do qual não podem se livrar.

Electra - Criadas, que cuidais dos afazeres quotidianos, dai-me vossos conselhos quanto ao que tem que ser feito. Que devo dizer? Como achar as palavras? Como realizar uma prece a meu querido pai? Confesso que sou portadora de homenagens a

um esposo amado de uma esposa amante? Ou devo fazer como os homens, dizendo que retribua o gesto de quem o homenageia com males comparáveis às calamidades que ela lhe proporcionou? Compartilhai comigo vossos conselhos já que sentis, também, o imenso ódio comum a todos. Não deveis ocultar, por medo, vossos sentimentos. Há de chegar a hora, tanto para as pessoas livres como para quem foi escravizado, pelas mãos poderosas de quaisquer senhores. Falai em respeito a meu pai.

Corifeu - Na hora das oferendas diz palavras agradáveis aos amigos. Menciona tu e quem quer que odeie Egisto.

Electra - Devo incluir mais alguém?

Corifeu - Orestes, mesmo que ainda exilado. Pensa em quem é culpado pelo crime. Pede a algum Deus ou a algum mortal para enfrentá-los.

Electra - Como juiz ou vingador?

Corifeu - Deixa claro: alguém que os mate.

Electra - Hermes das profundezas, convoca para ouvir minha oração os espíritos infernais cuja incumbência é proteger a terra. Invoco o meu pai dizendo: tem piedade de mim e de Orestes! Não deixes que caia em tentação como minha mãe e mantém minhas mãos inocentes. Quanto aos inimigos, imploro que venha se juntar a mim um homem para te vingar. "Pai, afasta de mim este cálice. De que me vale ser filha da santa/ melhor seria ser filha da outra/ outra realidade menos morta/ tanta mentira, tanta força bruta/ como é difícil acordar calada/ se na calada da noite eu me dano/ quero lançar um grito desumano/ que é a maneira de ser escutada/ esse silêncio todo me atordoia/ e atordoada eu permaneço atento..."

(Entra Orestes)

Orestes - Eu não aceito esta atitude! Pára! Que sentido tem isso? Limpar, arrumar, se as marcas vão continuar? Há quanto tempo isto não era limpo? Não é melhor deixar como estava?

Electra - Vejo uma mecha de cabelo sobre a tumba de meu pai.

Coro - De homem ou de mulher?

Electra - Quem poderia oferecê-la? Olhando-a, acho muito parecida com os meus cabelos... se parecem demais...

Corifeu - Será que Orestes esteve aqui clandestinamente?

Electra - Esta mecha se assemelha muito a dele. Alguém pode tê-la mandado para homenagear meu pai.

Corifeu - Tuas palavras me fazem chorar, ao pensar que nunca mais ele pisará esta terra.

Orestes - Electra!

Electra - Sinto um gosto amargo, caem dos meus olhos ardentes lágrimas ao ver estas mechas. Quem mais teria um cabelo como este? Minha mãe não ia oferecê-lo a quem assassinou impiedosamente. Como saber se estes cabelos são de Orestes? Se ao menos ele tivesse deixado uma mensagem... Os deuses conhecem os tormentos que nos arrastam sem rumo pelos mares.

Corifeu - Teus olhos vêem, neste instante, a criatura que tanto desejas encontrar.

Orestes - Teus olhos vêem, neste instante, a criatura que tanto desejas encontrar.

Electra - Conheces o homem que eu espero?

Orestes - Aguardas ansiosamente por Orestes.

Electra - Minhas preces foram ouvidas ou tramas alguma coisa?

Orestes - Estou aqui.

Electra - Zombas de meu sofrimento?

Orestes - Estaria zombando dos meus também. Não me reconheces, mas quando viste este cabelo, julgaste que me tinhas à tua frente! Observa este bordado, obra de tuas mãos.

Electra - Presença querida e acalentada há tanto tempo.

Orestes - Acalma-te. Não esqueças que as pessoas que nos deveriam amar são nossas inimigas.

Electra - Receberás a minha ternura quatro vezes, pois terei de chamar-te de pai, de dar o amor que dedicaras à minha mãe, a quem odeio, de transformar o carinho devido a minha irmã, sacrificada cruelmente, e de te amar, o irmão capaz de me trazer de volta a vida. Que a força e a justiça estejam a teu lado.

Orestes - Deus! Atenta à nossa situação! Parecemos filhotes de uma águia, que sem pai, podem ser vítimas da fome impiedosa. A nossa sorte é a mesma: sem a proteção paterna, expulsos da casa onde nascemos. Oh Deus! Se destruir a descendência da águia, não terás quem te preste culto. Cuida de nós e, brevemente, poderás levar às culminâncias nossa antiga casa, hoje em total decadência!

Corifeu - Crianças, calai-vos, antes que algum delator vá contar tudo aos detentores do poder.

Orestes - Apolo não falhará, depois de haver determinado vingar meu pai, punindo os assassinos. Uma raça inteira derrotada. Seus olhares são mansos, quase temerosos. Alguns me dão a impressão de que vivem só porque é um hábito do qual não podem se livrar.

Se eu não obedecer terei que pagar, um dia, com a minha própria vida.

Cineasta - O futuro pertence ao povo, Orestes!

Orestes - Que povo?

Cineasta - Ao povo! Ação!

Orestes - "Minha tarefa é não só pensar no presente carregado de ameaças, senão também pensar no futuro. Aqui se inicia a luta em que um povo inteiro tem que triunfar ou fracassar. Não quero repetir erros do passado. Liquidar simplesmente um homem, sem se dar conta de que esse homem é a representação de um estado de coisas e que se não se destrói esse estado de coisa, os inimigos do povo inventam outro homem". A dor profunda pela morte do meu pai, as ameaças desta pobreza detestável e o desejo de não ver meus concidadãos serem escravizados, é que me impellem a agir assim.

Corifeu - Parcas, fazei com que tudo se realize... aos culpados o castigo!

Orestes - Meu pai, como poderei fazer chegar minhas mensagens até a ti?

Corifeu - A alma de teu pai, não cede ao fogo voraz, mais cedo ou mais tarde ele revelará a sua cólera.

Electra - São teus dois filhos que entoam cantos fúnebres sobre tua sepultura. É somente um túmulo que nos recebe como suplicantes, como exilados.

Corifeu - Se quiser, um Deus poderá mudar estes lamentos em cantos triunfais.

Orestes - Pai querido, por que não morreste aos pés das muralhas de Tróia, deixando em casa um nome glorioso?

Electra - Não deverias ter morrido, pai. Se teus assassinos, e só eles tivessem sido mortos por parentes! Assim nos teriam chegado notícias do destino que lhes coube!

Corifeu - Quer a menina, muito mais que o ouro, muito mais que a felicidade. Os atuais senhores do poder têm as mãos sujas de sangue. Destino cruel para Agamêmnon e para seus filhos.

Orestes - Estas palavras ferem meus ouvidos. Deus, embora o alvo seja minha mãe, devo agir imediatamente?

Coro - Para se livrar das punições, Clitemnestra nos manda até aqui, mas o que pode reparar o sangue derramado sobre a terra?

- E o luto que temos que disfarçar, nos faz sentir o coração gelado.

- Foi ela que teceu a trama que o levou à morte.

Orestes - Foi ele!

Electra - Minha mãe transformou meu coração num lobo insaciável.

Corifeu - As Fúrias vingadoras provocam nova desgraça em desagravo à antiga.

Orestes - Soberanas Fúrias infernais, vede o que nos resta agora diante da miséria e da humilhação do longo exílio! Aqui se inicia a luta em que um povo inteiro tem que triunfar...

Corifeu - Por que dissimula a cólera presa em meu coração? E o ódio nutrido pelo rancor?

Electra - Deus, quero justiça contra a injustiça!

Corifeu - Sangue derramado, reza a lei, exige sangue novo. As Fúrias vingadoras provocam nova desgraça em desagravo à antiga.

Cineasta - Assistiremos agora a força enfrentando a força, o direito ao direito!

Corifeu - Deixa minhas palavras penetrarem por teus ouvidos. O ódio te dirá como será o futuro. "O ódio como fator de luta. O ódio intransigente ao inimigo, que impulsiona além das limitações naturais do ser humano e o converte em uma efetiva, violenta, seletiva e fria máquina de matar. Um povo sem ódio não pode triunfar sobre um inimigo brutal. Há que levar a guerra onde o inimigo a leve; fazê-la total".

Coro - Tarda muito o destino a consumir-se. Chamamos e queremos que ele venha!

- Quanto sofrimento ainda ocorrerá de uma disputa áspera e sangrenta.

Corifeu - Começa a agir! Põe à prova o teu destino!

Orestes - Abra-te, agora, Terra! Deixa nosso pai juntar-se a nós na luta a travar!

Electra - Conceda-nos, deus, a vitória!

Corifeu - Começa a agir! Põe à prova o teu destino!

Orestes - Antes, diz-me se souberes, porque ela mandou oferecer libações e tenta se redimir?

Corifeu - Eu sei, pois estava no palácio. Sonhos terríveis perturbam as suas noites. No sonho pariu uma víbora que envolve em fraldas, como se fosse uma criança.

Quem poderia negar-me, agora, o direito de revelar estas verdades?

São incontáveis os males funestos produzidos pelas catástrofes naturais. Mas elas não são nada diante dos males que são provocados pela audácia dos homens e as paixões desastrosas das mulheres.

No sonho pariu uma víbora, ao lhe dar os seus seios, a víbora suga-os tirando sangue que se mistura com o leite. Clitemnestra acordou aos gritos. Pouco depois, ela mandou levar as oferendas fúnebres, na ânsia de encontrar alívio para suas preocupações.

Quem poderia negar-me, agora, o direito de recordar

estas verdades?

O massacre de Tlatelolco, conhecido como a Noite de Tlatelolco, da cidade do México, onde foram fuzilados covardemente pelo exército 300 estudantes da Universidade Nacional Autônoma. As milhares de vítimas da ditadura Argentina, torturadas e assassinadas pelos generais de plantão em defesa da democracia. O bombardeio do Palácio de La Moneda, no Chile e o assassinato de Salvador Allende. A prisão, tortura e assassinato de milhares de brasileiros pelo golpe militar de 1964, alegando a defesa da família, da tradição e da propriedade. Por toda a América Latina alçou vôo a água sanguínea do Norte.

Orestes - Imploro a esta terra e ao meu finado pai que me permitam realizar este sonho. Ela que nutriu, no sonho, um monstro pavoroso, terá de ofertar-me seu próprio sangue. Eu, transformado por ela em terrível víbora, matá-la-ei.

Corifeu - Agora, instrua teus amigos: a uns o que devem fazer; a outros como devem agir.

Orestes - Meu plano é simples. Electra volta para casa...

Corifeu - Electra para o palácio!

Orestes - Quanto a vós, guardai segredo sobre minha volta e meus desígnios. Desejo matá-la de maneira ardilosa em trama idêntica, como me profetizou Apolo. Dissimulado em estrangeiro miserável me apresentarei à porta do palácio. Prevejo que nenhum dos guardas me dirá palavras amistosas. Vou esperar que a pressão dos transeuntes faça Egisto me convidar a entrar. Se o vir no trono de meu pai, ou então, se ele me quiser falar face a face e aparecer diante de mim, fique ele sabendo, farei dele um cadáver. As Fúrias vingadoras, ainda sedentas de morte, beberão pela terceira vez o sangue sem mistura! Pai, guia meu punhal ao alvo desejado.

Corifeu - A espada aguda visa o coração e o atravessa em nome da Justiça.

As raízes sagradas da Justiça estão plantadas no firmamento. A história prepara suas armas e já está forjando seu punhal.

As Fúrias vingadoras devolvem o filho ao lar. Ele vem apagar a mácula do sangue derramado.

Orestes - (Bate à porta.) Não tem ninguém nesta casa? (Bate à porta) Ninguém vai nos atender? Nesta casa não se acolhe estrangeiros por ordem de Egisto?

Escravo - (Abrindo a porta.) Já ouvi! Que queres?

Orestes - Vá logo falar aos donos do palácio, pois venho para dar-lhes notícias. Deves chamar alguém com autoridade nos assuntos do lar – a dona ou melhor o dono – assim podemos falar abertamente sem constrangimentos. Traço notícias de Orestes. (Clitemnestra aparece.)

Clitemnestra - Neste palácio encontrarás abrigo. E se

vens para discutir assunto sério, tua mensagem será transmitida aos homens.

Orestes - Sou estrangeiro, quando caminhava para cá, trazendo pouca coisa além dos próprios pés, um homem que eu nunca tinha visto me parou, indagou sobre minha viagem e disse as seguintes palavras: "Já que vais para Argos, estrangeiro, diz aos parentes de Orestes que ele morreu! Não esqueças! Orestes morreu!". Repito exatamente o que escutei. Não sei se estou falando com o parente apropriado para ouvir a notícia, mas sem dúvida quem deu a luz a Orestes sabe e me dirá.

Clitemnestra - As tuas palavras me aniquilam. Maldição! Maldição! A tua notícia me priva de todos os meus entes a quem dedico o meu amor! Agora foi Orestes, que teve o bom senso de se afastar deste sangrento lamaçal. A última esperança que eu tinha de sentir nesta vida uma alegria pura, capaz de curar para sempre esta casa!

Orestes - Se eu pudesse escolher, a minha preferência seria trazer notícias agradáveis, assim vós me acolheríeis com satisfação. Mas seria imperdoável se não cumprisse minha missão, prometida a amigos e facilitada por vós.

Clitemnestra - Não debes rezear que te falte atenção devida, nem recepção proporcionada aos bons amigos desta casa. Cedo ou tarde, esta notícia chegaria a nós. Mas entrai. Conduza-os aos aposentos reservados. Presta atenção, escrava, e obedece em tudo, serás a responsável pelo atendimento. Vou fazer um relato completo ao senhor deste palácio.

Corifeu - Ajamos, amigas! É hora de demonstrar nossa disposição a favor de Orestes? É chegada a hora! O estrangeiro começou a molestar os moradores do palácio.

Entra a ama.

Corifeu - Aonde vais? Por que saíste do palácio?

Ama - Minha senhora mandou chamar Egisto, o mais depressa possível, para conversar com os estrangeiros e se informar da notícia que ele acaba de nos trazer. Diante dos servos ela compôs um ar de tristeza para disfarçar um sorriso, porque os acontecimentos para ela tomaram um rumo muito bom, enquanto que para nós, para esta casa é a total desgraça a notícia trazida pelo estrangeiro, muito vai o outro se rejubilar com esta notícia. Coitada de mim! Os males anteriores eu pude suportar com paciência mas agora, que meu querido Orestes morreu, razão do meu viver, criança que alimentei e criei no seio materno, não. Ai, quantas noites eu passei acordada por causa de seus gritos agudos, tão inúteis foram os inúmeros trabalhos que eu passei. A quem falta o exercício da razão, é preciso educar como um pequeno animalzinho, não é verdade? Não se sabe ao certo se tem fome ou sede, é preciso raciocinar por ele. Quantas vezes eu tentei me adiantar, mas me enganei, e lá tinha eu que lavar a sua fralda, lavadeira e ama eram a mesma

profissão e assim eu o criei para o seu pai. E agora, acabo de saber que ele morreu e tenho que avisar...

Corifeu - como ela disse que ele deve vir preparado?

Ama - Com seus homens de armas.

Corifeu - Não transmitas essas palavras ao senhor odioso. Diz-lhe que venha sozinho o mais depressa possível e põe um ar despreocupado na cara, para que ele venha ouvir o estrangeiro.

Ama - Estás satisfeito com as notícias?

Corifeu - Deus pode converter quaisquer males em bens.

Ama - Como, se Orestes, nossa esperança, morreu?

Corifeu - Ainda não, quem pensa assim é mau profeta. Olha que é do mensageiro que depende o êxito do plano escondido.

Ama - Sabes de algo além destas notícias?

Corifeu - Vá com tua mensagem. Trata de obedecer a quem te deu as ordens, os deuses cuidarão do que tem que ser feito.

Ama - Eu vou e seguirei os teus conselhos. Que tudo saia bem, com a benção divina.

Corifeu - Deus dos deuses, atendei a minha fervorosa súplica - fazei com que supere os inimigos aquele que já chegou ao Palácio. Lavai com pronta punição o sangue dos martírios passados. Que o crime inveterado nunca mais volte a se reproduzir neste lar! Deus, fazei com que possa ver com olhos devotados o sol magnífico da liberdade! Venha logo a vitória para nós e fujam dos amigos as desgraças. E tu, Orestes, na hora de agir, se ela te implorar e chamar-te de filho, grita-lhe forte e corajosamente e consome logo a tua vingança. Mesmo derramando muito sangue cumpre-te aniquilar o autor do crime!  
Entra Egisto.

Egisto - Aqui estou, não por vontade própria, mas chamado por uma mensageira. Ela me disse que uns estrangeiros trouxeram a notícia da morte de Orestes. É terrível mais este golpe, quando o palácio ainda sofre com a primeira morte. Mas diz-me logo. Como podemos saber se a notícia é verdadeira? Que me dirás para acalmar meu espírito?

Corifeu - Ouvimos a notícia, mas é melhor ouvi-la do estrangeiro. A informação de quem apenas escutou não se compara com a inquirição direta.

Egisto - Quero perguntar ao estrangeiro se viu Orestes morto com seus próprios olhos ou repete apenas rumores imprecisos? Uma coisa é certa, não zombará de quem, como eu, tem a mente esclarecida! Ou será que tudo não passa de rumores imprecisos de mulheres?

Entra Orestes.

Orestes - Defende-te! Defende-te!

Egisto: Embora longe de Agamêmnon, eu teci a trama que o levou à morte! Defende-te!

Corifeu - Ah, Deus! Neste momento, ou os punhais mortíferos extinguirão definitivamente a raça de Agamêmnon, ou então, acendendo o fogo da liberdade que tanto esperamos, Orestes irá se vingar.

Orestes - Se ele aparecer diante de mim e quiser falar comigo face a face, eu farei dele um cadáver. Defende-te!

Orestes mata Egisto.

Egisto - Eu fiz dele um cadáver.

Cineasta - O senhor do palácio foi ferido de morte. Onde está Clitemnestra, o que fará ela? A esta hora seu pescoço está sob o gume da navalha, e vai cair, ferido de justiça?

Corifeu - Devemos afastar-nos. Tudo aconteceu, não é bom que apareçamos como cúmplices. Clitemnestra entra.

Clitemnestra - O que aconteceu aqui?

Corifeu - Digo que um morto mata uma pessoa viva!

Clitemnestra - Já decifrei o teu enigma! Perecemos vítimas de uma perfídia, da mesma forma que matamos Agamêmnon. Quem empunhará o machado assassino? Dentro de alguns instantes, poderemos ver quais são os vencedores e quais os vencidos.

Orestes - É bom que tenhas vindo, eu te esperava!

Clitemnestra - Está morto! Mataram Egisto!

Electra - Está morto. Era isto o que eu queria. Não o imaginava assim. Cem vezes o vi em sonhos, estendido neste mesmo lugar. Os seus olhos estavam então fechados e parecia dormir. Como eu o odiava e me satisfazia odiá-lo. Mas agora não parece dormir, tem os olhos abertos, olha-me. Está morto.

Clitemnestra - Egisto amado e destemido!

Orestes - Ainda o amas? Vá deitar com ele na mesma sepultura. Assim, não poderás traí-lo depois de morto!

Clitemnestra - Pára meu filho e respeita os seios dos quais tantas vezes tua boca, até durante o sono, tirou alimento!

Orestes - Que faço?

Electra - Estou aqui, à espera, a outra está viva ainda e não tarda nada a começar a gritar. Vai gritar como um animal.

Orestes - Mato minha mãe?

Electra - Durante anos, esperei esta morte e agora sinto o coração apertado. Terei mentido a mim mesma, durante todos estes anos? Não é verdade! Não é verdade! Não pode ser verdade: não sou covarde! Desejei e desejo ainda este momento. Que me importa este olhar. Fui eu que o quis, este olhar, e dá-me prazer.

Clitemnestra: (lendo carta) “Minha muito querida irmã - primeiro de março de 1966 – terríveis notícias me chegaram, minha irmã, a morte de nosso querido pai, e te posso dizer das lágrimas que chorei e choro e de todas as razões delas e das mil inquietações para as quais não tenho resposta. Por via indireta recebi as notícias secas, sem qualquer referência mais, nada mais sei a não ser o que suponho. A grande distância e não ter visto mais o pai, não ter podido dizer-lhe um último adeus, uma última palavra, são dores irreparáveis. Minha muito querida irmã, sofreste mais de perto mas não isto. E o que ele terá sofrido, esforçado e paciente de certo, mas de certo também inconformado e profundamente triste. Perdemos a pessoa que mais nos amava, que melhor nos compreendia e a quem devemos elevadas lições de honestidade e isenção pessoal. Por isso não perdemos tudo, apenas lamento se ele não o sabia, minha muito querida irmã. Chorando os mortos, penso nos vivos. Penso em ti, na mãe e em vossa situação enquanto devia estar compartilhando...”

Corifeu - Nem isto ela deixou que chegasse nas mãos certas.

Orestes - Convenceste-me. Vou matar-te junto a Egisto. Enquanto ele vivia, preferiu-o a meu querido pai, agora morrerás ao lado dele já que o amas.

Clitemnestra - Precisamos de ajuda de alguma parte mas não sabemos de onde. Eu te alimentei e quero morar contigo!

Orestes - A assassina do marido quer morar com o filho?

Clitemnestra - Tudo foi obra do destino!

Orestes - É o destino que te matará.

Clitemnestra - Não te apavoras a maldição materna, filho?

Orestes - Depois de dar-lhe a luz, lançou-o à desgraça.

Clitemnestra - Tudo que fiz foi te entregar a um amigo!

Orestes - Vendeu um filho nascido de pai livre.

Clitemnestra - Onde está o dinheiro de tua venda?

Orestes - A vergonha impede o filho de falar do dinheiro ignóbil de sua venda.

Clitemnestra - Fala, então, da má conduta de teu pai!

Orestes - Não acuses um herói que combatia, enquanto estavas ociosa em teu palácio.

Clitemnestra - Para nós, mulheres, é doloroso estar tanto tempo longe dos maridos.

Orestes - Mas é a luta dos maridos que alimenta a ociosidade das mulheres.

Clitemnestra - Insistes em matar tua mãe?

Orestes - A causa de tua morte é tu mesma!

Clitemnestra - Cuidado com a maldição de tua mãe.

Orestes - Como evitar a maldição do pai neste momento? A punição te é imposta pelo trágico destino de teu marido. A profecia de teus sonhos torna-se realidade neste momento.

Orestes obriga Clitemnestra a entrar no Palácio.

Coro - Afinal, a justiça esperada.

- O desterrado levou a termo, guiado pelos conselhos de um deus, o duplo assassinato.

- Agora, já podemos ver a luz. O tempo faz tudo acontecer.

Electra - Feriu-a. Era nossa mãe e feriu-a.

Cineasta - Manifestem o justo júbilo! A casa de Agamêmnon foi finalmente libertada.

Abre-se a porta do palácio. Vêem-se os cadáveres de Egisto e Clitemnestra.

Orestes - Olhai a dupla de opressores desta casa, os traidores assassinos de meu pai e dilapidadores dos bens desta família. Contemplai o pano cruel que subjugou meu pai, assim o crime sórdido de minha mãe ficará mais visível. Que nome posso dar a isto? Uma armadilha para feras, uma mortalha? Uma rede ou pano usado por bandidos para matar suas vítimas e dilapidar os bens desta casa!

Corifeu - Nenhum mortal consegue atravessar a vida inteira livre de amarguras. Uma tristeza hoje, outra amanhã... O sofrimento é a melhor lição.

Orestes - Não sei como isto acabará. Hoje me sinto como se fosse um cocheiro dirigindo cavalos por fora da estrada. Não sou eu que os guio, mas são os animais que me levam. Eu matei a minha mãe... Eu vou embora. E agora vou, suplicante, até o umbigo deste mundo, terra onde Apolo profetiza e onde brilha sem cessar a luz do fogo aceso para sempre,

## EUMÊNIDES

### Templo de Apolo

para agradecê-lo. Peço-vos para contardes como nasceram tão graves desventuras e que testemunhais a meu favor. Agora irei como um vagabundo pelo mundo afora, deixando atrás de mim uma forma hedionda.

Corifeu - Venceste! Sê comedido no dia da libertação desta terra, graças aos golpes felizes de teu punhal exterminaste as duas víboras cruéis.

Orestes - Já as vejo com roupas negras envoltas em serpentes sinuosas.

Corifeu - De onde vem estas alucinações da tua mente?

Orestes - Não são fantasmas que me aterrorizam. Vós sois reais? Vejo-vos muito bem. São as cadelas raivosas de minha mãe.

Corifeu - Há muito sangue ainda fresco em tuas mãos, vem dele as alucinações de tua mente. Há uma purificação para teu ato: no templo de Apolo, toca o deus com a mão. Ele te livrará desta aflição.

Orestes sai.

Sentinela - Termina assim a terceira tempestade neste palácio. As crianças, mortas e devoradas num banquete, iniciaram a seqüência horrenda. Em seguida, foi a vez de nosso rei Agamêmnon, assassinado enquanto se banhava descuidado. Agora, chegou, como direi? O fim? A salvação? Onde se deterá, ou findará a ira precursora da vingança?

Fim de *Coéforas*

Sentinela - Agora estamos dentro do templo de Apolo, porta-voz de Zeus, seu pai. É onde vamos encontrar Orestes, depois de vagar pelo mundo afora, perseguido pelas fúrias vingadoras.

Corifeu - "Um espectro ronda a América Latina – o espectro do liberalismo. Todos os poderosos e velhos deuses unem-se numa santa aliança para confirmá-lo. É tempo daqueles que são contrários às injustiças seculares a que estão submetidos seus povos, contrariá-los e por em prática seu modo de pensar"

Profetisa - Nesta prece inicial, quero louvar em primeiro lugar a Terra, mãe de todos e para a qual volto; em segundo lugar o povo, motivo maior de minhas lutas e que há tanto tempo está distante do poder que lhe pertence; louvo sua coragem por ter permanecido e resistido, criando as condições para o regresso de milhares de nós que se encontram no ostracismo. É o povo o verdadeiro responsável pela abertura dos caminhos para a conquista da anistia e do regresso dos exilados. Muito tempo se passou desde que, nesta Terra, a justiça foi posta sob custódia de deuses onipresentes e onipotentes. Muito tempo se passou desde que a política deixou de ser o fundamento para administrar as questões contraditórias do Estado. Hoje, invoco a Justiça, esperando que volte a ocupar o assento que lhe é de direito. Quero invocar os jovens e todos aqueles que, mesmo vivendo estes anos todos nas trevas, não perderam a alegria e a esperança de que novos sóis voltariam a nos iluminar. Invoco todos os orixás que trancaram os caminhos daqueles que na vida não querem servir e não servem para viver. Invoco Dionísio e todas as Bacantes e, agora, entro no templo para ocupar um lugar sagrado para profetizar.

Sentinela - Quanto ao que ainda está por vir, tudo depende do senhor deste palácio consagrado, Apolo poderoso. Ele é um intérprete infalível de portentos e purifica os lares de todos os homens!

Entra Apolo.

Orestes - Apolo! Apolo! Sabes ser justo quando te apraz. Cumpre-te ainda estar atento até o fim, pois o teu poder de fazer o bem e proteger é a minha garantia de sucesso.

Apolo - Jamais te trairei! Independente de onde estejas serei sempre teu guardião fiel. Vê as fúrias, velhas filhas do mundo primitivo, vencidas e domadas por pesado sono. Elas foram criadas para o mal e continuarão a te perseguir onde estiver. Não te deixes dominar pelo cansaço! Quando chegar em Atenas, ajoelha e abraça a imagem antiqüíssima da deusa. Na ocasião, diante de juizes e com palavras adequadas, descobriremos a forma de livrar-te definitivamente de teu sofrimento.

Orestes - Apolo! Sabes ser justo quando te apraz. Cumpre-te ainda estar atento até o fim, pois o teu poder de fazer o bem e proteger é a minha garantia de sucesso.

Profetisa - Não consigo descrever um espetáculo cuja simples visão me deixa transtornada e me faz perder o ânimo e não consigo, embora queira, estar de pé. Para que serve uma velha estarecida? Como poderia imaginar que as coisas não iam bem, que a escuridão continuava e as forças diminuía, depois que trabalhamos por tanto tempo?

Eu caminhava ao encontro dos que me esperavam e meus olhos viram um ser humano marcado pela maldição dos poderosos; ele está ali sentado como suplicante. Em suas mãos ensanguentadas ele segura um punhal? Aqui há um grupo de mulheres de aspecto terrível? Quando falam, não se suporta o seu hálito? E de seus olhos sai um corrimento pútrido? Sinto a presença do inimigo aqui, mais forte do que nunca, sua força parece ter crescido, ficou com uma aparência de invencível. Nós cometemos erros, não há porque negar. Nosso número se reduz e nossas palavras de ordem estão em desordem. O inimigo distorceu as nossas palavras até ficarem irreconhecíveis... Daquilo que dizia, o que é agora verdadeiro: tudo ou alguma coisa? Com quem posso contar ainda? Sou o que restou, lançada fora da corrente viva? Fiquei para trás por ninguém compreendida e a ninguém compreendendo? Pela primeira vez na história, sinto-me contemporânea de todos os homens.

Apolo - Não permitas, Orestes, que o medo domine a tua mente. E tu, Hermes divino, meu irmão, zela também por ele. Não podes ignorar o respeito de Deus pelos proscritos em circunstâncias iguais a deste que te entrego para ser levado a julgamento de mortais, com recomendações de sorte favorável.

Fantasma de Clitemnestra - Dormem profundamente. Qual a serventia de gente como esta? Por sua causa, não cansam de me humilhar, chamando-me de assassina, no mundo dos mortos. No inferno me acusam de um crime bárbaro e, mesmo após a minha morte nas mãos de meu filho, não vejo nenhum deus me defender. No entanto, quantas vezes eles vieram sugar as minhas oferendas generosas, meus banquetes? Agora cospem no prato em que comeram. De pé, cadelas! Orestes fugiu. Ele tem seus anjos e eu não tenho um sequer! Levantai! Não deixeis que o cansaço vos faça esquecer para que fostes criadas.

Corifeu - Orestes fugiu! Acorda e afasta o sono de teus membros. Temos uma missão a realizar: perseguir Orestes onde quer que ele vá.

Coro - Ai! Que desgraça de nós!  
- Sofri demais. Tudo foi em vão?  
- É justo isso? É justo?  
- O animal saltou fora da rede e fugiu, fugiu!  
- Eu peguei no sono e perdi a presa.  
- Tá pesado.

Corifeu - Ainda que se oculte sob a terra, Orestes não se livrará de nós. Onde ele for, encontrará por certo um colaborador disposto a denunciá-lo.  
Passa Apolo.

Coro - Foi ele! Foi ele que conspirou o próprio lar e transgrediu as sacras leis.  
- Por um simples mortal o deus rasgou o pacto muito antigo.

- Agindo assim, ele ganhou o ódio das Fúrias, sem conseguir salvar seu protegido.  
- Ages como um ilegal, filho de Deus!  
- Por piedade, proteges um desterrado suplicante, homem sem deus, cruel com sua mãe.  
- Quem pode ver justiça em tudo isto?  
- Vós, jovens, ávidos de poder sobre este mundo, descuidais da santa justiça.  
- Tenho a impressão de ver com os próprios olhos o umbigo deste mundo, poluído pelo sangue de um bárbaro homicídio.

Apolo - Fora daqui. Abandonai imediatamente esta casa, é uma ordem. Deixai em paz o santuário da esplêndida serpente alada, engastada em corda de ouro, onde eu proclamo profecias verdadeiras. Esta casa, de fato, não é, nem nunca foi adequada à vossa companhia!? Vosso lugar é lá, em porões escuros, onde há sentenças de degolamentos e olhos a serem arrancados? Onde gargantas são abertas? Ou ainda onde, para extinguir toda a virilidade, meninos são castrados, onde se mutila, onde seres humanos morrem lapidados, onde vítimas empaladas e gemebundas esvaem-se numa agonia interminável. É isso? Deveríeis viver em covas de leões sorvedouros de sangue, ao invés de molestar os muitos visitantes do templo profético. Ide pastar sem um pastor longe daqui, pois deus nenhum desejaria tal rebanho.

Corifeu - Ouve-me, Apolo: não és um simples cúmplice, é toda tua a culpa neste crime horrível. Teu santo oráculo ordenou ao fugitivo que assassinasse a própria mãe. E prometeu proteção ao assassino.

Apolo - O oráculo ordenou que vingasse o pai. Libertasse a cidade. Mandei-o vir aqui para expiar o crime.

Corifeu - Acreditas que nos expulsando desta casa, estarás praticando um ato justo? Nos desconhecendo, nos desconsiderando? O que pedimos é que sejas equânime nas tuas decisões e que trates os iguais como iguais e que faças com que os culpados paguem pelo seus crimes. Por que nos impedes de exercer nosso dever?

Apolo - Qual dever? Exalta lá essa glória!

Corifeu - Expelir do lar os matricidas. Fazer com que se cumpra as leis, manter o contrato social.

Apolo - E o que fazes quando a mulher mata o marido?

Corifeu - Não se derrama o mesmo sangue neste crime.

Apolo - Degradas um pacto cujos fiadores principais são deuses. Percebes que tua intolerância quer castigar apenas um dos crimes, enquanto te omites de forma inequívoca em relação ao outro? Palas irá pesar devidamente o direito das duas partes em litígio.

Corifeu - Jamais permitirei que Orestes fique impune!

Apolo - Vais perseguí-lo então, sofrerás mais por

isto.

Corifeu - Não me tires os privilégios com palavras!

Apolo - Não me interessam privilégios como os teus!

Corifeu - Dizem que tem muito poder com Deus. Nós somos impelidos pelo sangue de uma mãe desventurada e continuaremos, como cães pastores, a perseguir Orestes.

Apolo - Serei perseverante na defesa e salvação de meu suplicante. Não vou abandoná-lo depois de tê-lo amparado.

Corifeu - Nuvens sombrias anunciam a chegada de novos tempos. Prevemos para muito breve o advento de uma grave subversão a triunfar por causa deste matricida. Antes de passarem muitos anos, seu crime justificará o desrespeito de todos os homens a seus pais. E isso acontecerá por displicência das Fúrias em vigiar os homens. Se não cumpríssemos o nosso dever, cuidando dos simples mortais que vivem do seu trabalho, aplicando a Justiça, dando credibilidade e confiança aos deuses, certamente nós teríamos gente se matando pelas ruas e, quem sabe, gente falando em revolução todos os dias, quando hoje a palavra de ordem é consolidar a pólis. Às vezes, o medo é bom e deve, como se fosse um guardião da mente, manter-se vigilante. É útil aprender tendo por mestre o próprio sofrimento. Quem não refreia o coração com o medo – tanto os Estados como os cidadãos – não é capaz de se curvar à justiça. Não se deve submeter nesta vida nem à anarquia nem ao despotismo. Cabem aqui palavras oportunas: a insolência é filha predileta da falta de respeito; a felicidade nasce da sã razão. Pensando em tudo isso, repetimos: a lei suprema impõe que se venere o altar da justiça, em vez de ultrajá-lo, cedendo à sedução de uma vantagem. Quem por si mesmo e sem constrangimento souber ser justo, será venturoso e nunca será morto. Mas o contestador lutará inutilmente pela vida. No choque violento contra os obstáculos da justiça, o infeliz naufragará.

Apolo - Continuarei sendo perseverante na defesa e salvação de meu suplicante. É insuportável, para os deuses e os mortais, a ira de um desesperado suplicante contra quem o traiu depois de o apoiar. Fora daqui.

Orestes - Atena, acolhe um homem amaldiçoado.

Corifeu - Orestes!!!

Orestes - Estou aqui por ordem de Apolo.  
Corifeu - Ah! Sinto a presença dele. Segui a evidência dada por um delator. Estou cansada, pois percorri a terra procurando minhas amigas. Abram os olhos. Fiquem atentas para que o matador de sua mãe não fuja.

Orestes - Já não sou um suplicante de mãos sujas, elas desbotaram na convivência amável com seres humanos que me hospedaram em seus lares respeitáveis, enquanto vagava por países e mares. Agora, aos teus pés, deusa, aguardo o veredicto da justiça.

Coro - Desejas ser julgado pelo crime brutal de tua mãe?

- Isto não pode acontecer! Não pode! Para aplacar a minha sede vou sugar o teu sangue, como se fosse uma oferenda rubra.

- Levar-te-ei vivo para os abismos mais fundos da terra.

- Aqui estamos e nosso propósito é evitar que divindades novas nos afastem de nossa missão. Orestes não pode ser conduzido à presença de uma delas em busca da divina decisão.

- Nas profundezas infernais, cobram sem compaixão as dívidas das criaturas como tu.

Orestes - Eu costumo silenciar, mas na circunstância atual vou me manifestar decididamente. O sangue das minhas mãos foi removido, após a minha purificação por Apolo. Não vou contar a longa história e as pessoas que me acolheram em minha peregrinação pelo mundo. Eu invoco com lábios puros a deusa Atena para me socorrer. Sem recorrer às armas ela me conquistará e a meus iguais, e passaremos a ser seus aliados mais leais e valorosos. Torna-se agora minha libertadora.

Corifeu - Apolo não te salvou e Atena também não te ajudará, Orestes! Morrerás na mais completa solidão.

Orestes - Estou aqui por ordem de Apolo.

Corifeu - Ainda vivo, não deixarás de ser a iguaria de nosso banquete!

Coro - Fechemos este círculo.

- Cantemos o nosso hino, anunciando como aplicamos a nossa justiça.

- Se um mortal tem as mãos limpas, não tem o que temer.

- Mas quando encontramos um celerado como este, exercemos o nosso dever.

Corifeu - Ah! Noite, minha mãe que me pariste, escuta-me!

Coro - Agastamento, arrenegação, arrenego, assanhamento, assanho, ataraú, atrabile, atrábilis, braveza, breca, cólera, danação, denodo, desesperação, enfurecimento, enfuriação, enfuriamento, enraivecimento, escandescência, exuberância, fereza, feridade, ferócia, ferocidade, força, frenesi, frenesim, furor, gana, grima, ímpeto, impetuosidade, indignação, intensidade, ira, iracúndia, irritação, ódio, pressão, rabidez, raiva, rancor, rangomela, rebentina, reixa, sanha, selvageria, veemência, violência, zanga.

- Junto a nossa vítima, cantamos um hino vertiginoso e delirante, a ponto de provocar a loucura e de imobilizar a mente dos homens.

- Vem conosco, Orestes: O nosso ofício, que o destino nos impôs, é o de terminar este espetáculo.

Corifeu - Sobre esta vítima, este canto vertigem, desvario aturdimiento, hino de Erínies, cadeia do espírito, nenhuma lira, exaustão dos Mortais.

Coro - Os imortais nada podem fazer contra nós: nós

não participamos dos seus banquetes, não tomamos parte dos crimes e exigimos sua punição.

- Vem conosco: nossa incumbência é chegar até o fim.

Corifeu - Sobre esta vítima, este canto vertigem, desvario aturdimiento, hino de Erínies, cadeia do espírito, nenhuma lira, exaustão dos Mortais.

Coro - Aqui estamos e nosso propósito é evitar que divindades novas nos afastem de nossa missão. Orestes não pode ser conduzido à presença de uma delas em busca da divina decisão.

Sentinela - A sobrecarga de presságios, desencadeada por uma tal conjunção, combina bem com a psicologia de uma nação falhada, que encontra razões para se envergonhar de um dia ter sido chamada de país do futuro. Em sua insanidade, Orestes cai. É impenetravelmente negra a noite em que sua mácula estende sobre seus olhos como se o cegasse. Ei-las ali, lentas para pensar, mas decididas para executar. E o criminoso ao cair, não sabe que cai. Tão densa é a noite que a sua mancha pairando sobre ele derrama. Então, qual o mortal que pode ouvir sem temor a lei que nos impôs outrora a parca? Sobre essa vítima, esse canto vertigem, desvario aturdimiento, hino de Eríneis, cadeia do espírito, nenhuma lira, exaustão dos Mortais. Moramos num negro abismo, onde jamais entrou a luz do sol.

Corifeu - (cantando) Mesmo que os poetas sejam falsos como eu, são bonitas não importa as canções...

Orestes - Eu fui purificado. Apolo me purificou. O amor é benigno, o amor é paciente, o amor não se envaidece, o amor purifica.

Corifeu - (cantando) Mesmo que tu feches os ouvidos...

Orestes - O amor tudo suporta, tudo desculpa.

Corifeu - (cantando) Mesmo que tu fujas de mim... saibas que os poetas, como cegos, sabem viver na escuridão

Orestes - Mesmo que eu falasse a língua de homens e de anjos, mas não tivesse amor, eu seria como o bronze que soa e tímpano que retina. Se eu tivesse o dom da profecia, conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, se eu não tivesse amor, não adiantaria nada. O amor não é descortês, o amor não se envaidece, não é interesseiro.

Corifeu - Sobre esta vítima, este canto vertigem, desvario aturdimiento, hino de Erínies, cadeia do espírito, nenhuma lira, exaustão dos Mortais.

Orestes - Se eu entregasse meu corpo ao fogo e repartisse todos os meus bens...

Sentinela - Aquela que foi venerada como deusa da fecundidade e da vitória simboliza sobretudo: a criação psíquica, a síntese pela reflexão, a inteligência socializada. Atena é efetivamente a protetora dos lugares altos: acrópoles, palácios, cidades; inspiradora das artes civis, agrícolas, domésticas,

militares; inteligência ativa e industriosa. É a deusa do equilíbrio interior, da medida em todas as coisas. É a personalidade divina que melhor exprime os aspectos mais característicos da civilização, guerreira ou pacífica, mas sempre inteligente e ponderada, sem mistérios ou misticismo, sem ritos orgíacos ou bárbaros.

Entra Atena.

Atena - Boa noite! Ouvi de muito longe um apelo. Tomava posse das terras a mim destinadas pelos comandantes. Despojos de guerra – em agradecimento. Agora, vejo a minha frente um bando insólito de visitantes. Não que eu queira ofendê-los, é que não se parecem com o que estou acostumada a ver aqui. Quem sois vós?! Falo a todos vós – inclusive a ti – estrangeiro, pelo que me parecees...

Corifeu - Somos as descendentes da negra noite. Nas profundezas da terra, onde moramos, nos chamam de maldição! Logo conhecerás nossas prerrogativas!

Atena - Se falardes claramente...

Corifeu - Viemos buscar em tua casa um assassino.

Atena - E para onde o levareis?

Corifeu - Para um lugar onde ninguém se sente alegre, pois, ele ousou matar a própria mãe.

Atena - Alguém o constrangeu a cometer o crime, ou ele temia alguma vingança?

Corifeu - Pode a compulsão levar ao matricídio?

Atena - Estão aqui as duas partes envolvidas e eu ouvi apenas uma delas

Corifeu - Mas ele não jurou, nem pediu que nós jurássemos.

Atena - Sei que são justas mas, não estão sendo agora

Corifeu - Explica-te melhor.

Atena - Os juramentos não têm o poder de transformar uma injustiça em ato justo.

Corifeu - Depois de ouvi-lo julgas retamente?

Atena - Pretendeis confiar-me a decisão da causa?

Corifeu - E por que não? Assim seremos reverentes a quem veneramos.

Atena - Agora é a tua vez. Responda-me, estrangeiro, se tens confiança na justiça e procuras proteção junto a meu templo. Esclareça-me sobre os reais motivos da perseguição.

Orestes - Vou começar por tuas últimas palavras. Não sou um ser maldito, nem estou aqui com as mãos maculadas. Há muito tempo me livre da minha mácula. Argos é minha pátria. Meu pai é Agamêmnon. Com tua ajuda ele fez Tróia desaparecer da terra. Este famoso rei morreu, ingloriamente, assassinado

por minha mãe, quando voltou vitorioso para o lar. Depois de um longo exílio, regresssei à minha terra e matei minha mãe para vingar meu pai e libertar o povo da tirania de Egisto. Eu não quero segui-las.

Atena - Silêncio, por favor.

Orestes - Se eu falar a língua de homens e anjos, mas não tiver amor, sou como bronze que soa ou tímpano que retine. E se eu possuir o dom da profecia, conhecer todos os mistérios e toda a ciência e tiver tanta fé que chegue a transportar montanhas, mas não tiver amor, nada sou. E se eu repartir todos os meus bens entre os pobres e entregar meu corpo ao fogo, mas não tiver amor, nada disso me aproveita. Terminei.

Atena - Teu caso é muito grave para ser decidido por um simples mortal, também eu, não tenho permissão para julgar os criminosos motivados pelo desejo de vingança. Como o estrangeiro chega purificado pelos ritos pertinentes, a minha decisão é acolhê-lo, já que não ofende a cidade.

Coro - Las almas generosas se interesan en la suerte de un pueblo que se esmera por recobrar los derechos con que el criador y la naturaleza le han dotado.

Atena - Sei que possuem direitos e não vou, não devo e não quero negligenciá-los. Portanto, acolhendo ou repelindo um dos dois partidos, assumo irremediavelmente uma dolorosa responsabilidade. E entendendo a gravidade da questão, indicarei juízes, comprometidos por um juramento para constituírem um alto tribunal, que terá perpetuamente esta atribuição. Apresentai-vos, partes em litígio, testemunhas e provas que auxiliem a justiça. Retornarei depois de escolher os melhores entre todos os cidadãos, para que decidam retamente esta questão, fieis ao juramento de não decidirem contrariamente aos mandamentos da justiça.

Sai Atena.

Corifeu - Prevemos para muito breve o advento de uma grave subversão a triunfar por causa deste matricida. Antes de passarem muitos anos, o seu crime justificará o desrespeito de todos os homens a seus pais. E isso acontecerá por displicência das Fúrias em vigiar os homens. Às vezes, o medo é bom e deve, como se fosse um guardião da mente, manter-se vigilante. É útil aprender tendo por mestre o próprio sofrimento. Quem não refreia o coração com o medo – tanto os Estados como os cidadãos – não é capaz de se curvar à justiça. Não se deve submeter nesta vida nem à anarquia nem ao despotismo. Cabem aqui palavras oportunas: a insolência é filha predileta da falta de respeito; a felicidade nasce da sã razão. Pensando em tudo isso repetimos: a lei suprema impõe que se venere o altar da justiça, em vez de ultrajá-lo cedendo à sedução de uma vantagem. Quem por si mesmo e sem constrangimento souber ser justo, será venturoso e nunca será morto. Mas o contestador lutará inutilmente pela vida. No choque violento contra os obstáculos da justiça, o infeliz naufragará.

Atena - Enquanto o tribunal estiver reunido, faça-se

silêncio, pois a cidade terá de executar as leis que aqui e agora crio.

Corifeu - Limita a tua força, Apolo, a teus domínios. Diz, senhor, o que tens a ver com esta causa?

Apolo - Estou aqui para testemunhar, este mortal é um protegido meu, fui eu quem o purificou do sangue derramado. Mais ainda, estou aqui como seu defensor, e como responsável máximo pelo crime de morte contra a sua mãe.

Atena - (Para as Fúrias.) A palavra agora é vossa. O acusador deve instruir-nos claramente sobre os fatos.

Corifeu - Embora muitas, falaremos pouco. (A Orestes.) Mataste tua mãe?

Orestes - Matei, não nego.

Corifeu - Como te atreveste a matá-la?

Orestes - Com minha espada cortei-lhe a garganta.

Corifeu - Quem te persuadiu? Que conselhos te deram?

Orestes - (Aponta Apolo.) Foi este deus que agora é minha testemunha.

Corifeu - O deus-profeta concordou com o matricídio?

Orestes - Foi ele e não me queixarei de meu destino.

Corifeu - Não pensarás assim após o veredicto!

Orestes - Tenho fé em meu pai, ele me ajudará.

Corifeu - Tu, que mataste a mãe, tens fé nos mortos?

Orestes - Ela se maculou em dois assassinatos.

Corifeu - Mas como?

Orestes - Matando seu marido, ela matou meu pai.

Corifeu - Mas vives, e ela se redimiou morrendo. Em sua veia não corria o mesmo sangue do homem cuja vida ela tirou.

Orestes - Pensam que eu e ela somos consangüíneos?

Corifeu - Ela te nutriu no ventre. Se reconheces o crime e assim libertaste a cidade, por que não vem conosco? Renegas o vínculo de sangue que une mãe e filho?

Orestes - Estou purificado: o amor é paciente, o amor é benigno, não é invejoso; o amor não é orgulhoso, não se envaidece; não é descortês, não é interesseiro, não se irrita, não guarda rancor; não se alegra com a injustiça mas regozija-se com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo suporta. Apolo, explica claramente se quando a matei, agi de acordo com

os ditames da justiça. Não nego o crime, mas em tua opinião este homicídio pode ser justificado.

Apolo - Falarei aos membros do egrégio tribunal recém-criado por Atena, seguindo os mandamentos da justiça. De meu trono oracular, jamais pronunciei uma simples palavra aos homens, mulheres ou cidades que não fosse inspirada pelo próprio Deus. Prestai toda atenção à minha justificativa, e sede submissos à vontade de Deus.

Corifeu - Veio de Deus a determinação oracular a Orestes?

Apolo - Sim, veio. Ela matou um herói e de forma insidiosa. O marido voltava de uma guerra longa, depois de vencer quase todas as batalhas. Sua mulher o recebeu com falso amor. Levou-o a banhar-se. Quando saía, ela o envolveu num longo manto e o abateu. Foi esse o fim ignóbil de um herói.

Corifeu - Ouvindo suas palavras, deus tem especial estima pelos pais.

Apolo - Deus sabe desatar correntes e conhece os remédios para todas as situações e tem numerosos meios para resolvê-las. Mas quando morre um homem, mas quando morre um homem, nada o traz de volta à vida. Meu pai não tem recurso nenhum contra este mal.

Corifeu - Do jeito que defende a inocência dele, Orestes deverá morar no palácio do pai?

Apolo - É isso! Aquele que se costuma chamar de filho não é gerado pela mãe, ela é somente a nutriz do germe nela semeado. O criador é o homem que a fecunda. Ela como uma estranha apenas salvaguarda o nascituro. Vou dar-vos uma prova cabal de que alguém pode ser pai sem nunca ter existido uma mãe. Eis uma testemunha aqui, Atena, filha de Zeus, que não cresceu nas trevas do ventre materno. Poderia alguma deusa por si mesma fazer coisa semelhante? Orestes, que chegou até aqui como teu suplicante, foi conduzido por mim, ele te traz a sua eterna devoção e a segurança de que ele, assim como seus descendentes, serão teus aliados fiéis.

Atena - Posso chamar os juízes para votarem, conscientemente, já que tudo foi dito?

Corifeu - Já dissemos tudo, agora só nos interessa o veredicto.

Atena - E vós?

Apolo - Ao votar lembrai-vos do que vosso coração jurou.

Atena - Chegou a hora. Agora, juízes, decidi com vossos votos esta causa.

Corifeu - Nossa presença pesará sobre a terra se tentar nos privar de nossos direitos!

Atena - Prestai atenção ao que instauro aqui. Pela primeira vez um homem é julgado por um crime onde foi derramado sangue.

Apolo - Da minha parte, aconselho-vos a respeitar as profecias que não são apenas minhas, mas vêm de deus também!

Corifeu - Estás intrometendo em crimes que nada tem a ver com tuas profecias.

Atena - A partir deste dia e para todo o sempre o povo terá este tribunal e manterá intactas as normas aqui adotadas.

Apolo - Não matais os vossos frutos.

Corifeu - Se insistires não terás os lábios puro para exercer tua função.

Atena - A não ser que prefirais aniquilar as leis feitas para vosso bem. Digo que a reverência e o temor evitarão que os cidadãos cometam crimes. Equilíbrio, esta é a chave, Nem opressão, nem anarquia, eis o lema que os cidadãos devem seguir e respeitar,

Dago - Este texto é meu!

Apolo - Não gostais da decisão a ser tomada aqui?

Atena - Não sei porque brigamos!

Corifeu - Sentes prazer em humilhar-nos, deus novo.

Atena - não convém expulsar das cidades todo o temor; se nada tiverem a temer, que cidadão cumprirá os seus deveres? Mas se o poder for legítimo nele terão um baluarte inexpugnável do seu território e de sua cidade. Um tribunal incorruptível, venerável, inflexível para guardar eternamente vigilante esta cidade, dando-lhe sono tranqüilo - é o que instituo aqui.

Corifeu - Espero ouvir o veredicto aqui, freando a minha ira contra esta cidade.

Orestes - Apolo, qual será o veredicto? Degolam-me ou ainda verei a luz do dia.

Contam-se os votos.

Atena - Vou me pronunciar. Juntarei meu voto aos que foram dados a Orestes, e em caso de igualdade na votação, ele será absolvido. Contai bem os votos extraídos das urnas para que não haja fraude na apuração. Um voto a mais pode erguer uma casa e um voto a menos pode destruir uma nação.

Corifeu - Ah! Noite negra, nossa mãe, é para nós a ruína ou a conservação de nossas prerrogativas.

Atena - Ele foi absolvido.

Corifeu - Oh! Deuses novos, como espezinham as leis antigas. Faremos com que esta cidade sinta o peso de todo o nosso rancor. Nossa vingança, caindo sobre seu chão, será a ruína deste Estado. Nós, filhas da tenebrosa noite, sofreremos a maior humilhação com esta sentença.

Atena - Não vos lamenteis. Não vos considereis vencidas, a sentença foi ambígua e o efeito é pura e

simplesmente a verdade, mas sem vos humilhar Deus todo poderoso anunciou a Orestes que seu ato não acarretaria punição.

Agora, quereis derramar sua ira sobre esta cidade?!  
Refleti antes de agir com o fígado  
Desejo oferecer-vos asilo e proteção nesta cidade e o respeito do meu povo.

Corifeu - Ah! Deuses novos! Reduziram a nada as leis antigas tirando de nossas mãos o que sempre foi nosso. Uma revolução, eis o que precisa a América do Sul.

Atena - Devei evitar que vossa cólera vos estimule a perseguir encarniadamente os homens! Deixai que a terra escute as preces deles. Aconselho-vos a crerem em mim. Vinde viver comigo. Ouvi-me e agradecereis meu conselho.

Corifeu - (cantando) Meu corpo está sofrendo, é grande o meu torpor...

Coro - Se as classes cultas se acham isoladas do resto da nação, não é por culpa sua, é por sua desventura. Não ouse afirmar que como classe, os operários e diabos sejam superiores aos cavaleiros e grandes negociantes. A verdade é que são ignorantes, sujos e grosseiros. Mas o trabalho dá-lhes boa tempera, e a pobreza defende-os, de algum modo, contra os maus costumes. Fisicamente, não há dúvida que são melhores do que a classe mais elevada, e mentalmente também o seriam se lhes fossem favoráveis as oportunidades.

Atena - Perdoarei vossa cólera, pois já vivestes muito tempo. Mas, se o vosso conhecimento excede o meu, por tempo de vida, deus também me dotou de alguma sabedoria. Ouvi minha profecia: o tempo há de trazer glórias ainda maiores para Atenas. Se ficardes, verão chegar procissões de homens e mulheres para vos trazer presentes que em outro lugar não teríeis. Peço-vos um favor: abandonai esses sangrentos agulhões, não coloqueis a cólera no coração dos homens, que lança irmãos contra irmãos até levá-los ao extermínio; não quero ter notícias em tempo algum de pássaros lutando na mesma gaiola. Aqui está o que podeis receber de mim, fazei o bem sem ver a quem e sede, na terra mais querida pelos deuses, distintas cidadãs. Sem vossa benção, nenhum lar prosperará.

Corifeu - Teremos todo esse poder? E manterás para sempre sua palavra?

Atena - Nada me obriga a prometer o que não quero. Ficando aqui conquistareis novos amigos.

Corifeu - Que bênçãos devemos invocar para tua cidade?

Atena - Aquelas que trazem histórias sem tristezas.

Entra equipe de filmagem.

Orestes - Graças a ti finalmente poderei ouvir dos gregos: "Orestes volta hoje a ser o dono do palácio em que seu pai morreu!"

Atena - Que soprem sobre esta cidade brisas calmas.

Que o solo seja rico e os rebanhos nunca deixem de prosperar. Que as sementes dos homens sejam protegidas. Que os descuidados da veneração dos deuses sejam ceifados sem nenhuma piedade.

Corifeu - Então, queremos viver em Palas e nunca aviltaremos a cidade que Atena e deus exaltam como invicta fortaleza!

Orestes - Graças a ti finalmente poderei ouvir dos gregos: "Orestes volta hoje a ser o dono do palácio em que seu pai morreu!"

Coro - Que nunca os ventos cheios de miasmas soprem para esta cidade. Que o sol seja brando. Que os seus rebanhos se multipliquem. Que a riqueza de seu solo permita retribuírem aos deuses as dádivas do ganho inesperado!

Atena - Deixo com meu povo estas deusas. Quem não pautar a conduta de vida pelos ditames destas divindades terríveis por seu poder, não poderá compreender a origem dos golpes que recebe na vida.

Coro - Jamais possa a discórdia vociferar possessa na cidade;

- Que terminem as lutas fratricidas, oriundas da ânsia de vingança, que levam os homens à destruição.

- Possam as criaturas trazer contentamento umas as outras, unânimes no amor e no rancor.

- Esta é a cura de males sem número que afligem os mortais.

Orestes - Quero fazer o juramento mais solene e eternamente válido, em tua cidade e na presença de teu povo: jamais um homem no poder em Argos, que é meu reino, empunhará as armas contra tua cidade. Os argivos honrarão para sempre a cidade de Palas. Digo adeus e também me despeço de teu valente povo.

Atena - Sede felizes!

Apolo - O povo preferido por Atena acaba de ganhar a paz aqui, para a felicidade de seus lares, e assim, vemos selar a união entre as parcas e Deus onividente. Gritai, cantai, dançai agora, obedecendo aos ritos!

Corifeu - Agora já se pode ver a luz. O tempo faz tudo acontecer. Mas por que não vem a desejada paz confortadora e não ocupa logo o trono vacilante de meu ânimo, livrando-o desse implacável pânico? Meus olhos vêem a pacificação, mas minha alma, em sobressalto, descrê de tempos tranqüilos. Agora como direi, chegou o fim? A salvação? Onde se deterá ou findará a ira precursora da vingança?

FIM de *Eumênides*

Atualizado em 23 de abril de 2007



# ORESTÉIA - O C

## Ficha Técnica

*A Partir da Trilogia de Ésquilo*

|                                   |                                                    |
|-----------------------------------|----------------------------------------------------|
| <b>Dramaturgia</b>                | Reinaldo Maia                                      |
| <b>Direção</b>                    | Marco Antonio Rodrigues                            |
| <b>Direção Musical</b>            | Dagoberto Feliz                                    |
| <b>Cenografia</b>                 | Ulisses Cohn                                       |
| <b>Figurinos e Caracterização</b> | Atílio Beline Vaz                                  |
| <b>Criação de Luz</b>             | Carlos Gaúcho                                      |
| <b>Corpo</b>                      | Joana Mattei                                       |
| <b>Direção de Vídeo</b>           | Zeca Rodrigues                                     |
| <b>Técnica Alexander</b>          | Reinaldo Renzo                                     |
| <b>Assistente de direção</b>      | Val Pires                                          |
| <b>Adereços e Vitrine</b>         | Marcela Donato e Bira Nogueira                     |
| <b>Design Gráfico</b>             | Zeca Rodrigues                                     |
| <b>Operação de Luz</b>            | Túlio Pezzoni                                      |
| <b>Operação de Som</b>            | Ricardo Barison/ Carol Costa                       |
| <b>Operação de Vídeo</b>          | Osmar Guerra                                       |
| <b>Cenotecnia</b>                 | Mateus Fiorentino Nanci                            |
| <b>Direção de Cena</b>            | Bira Nogueira                                      |
| <b>Fotografia</b>                 | Joana Mattei                                       |
| <b>Fotos Design</b>               | Aleksandar Srdic                                   |
| <b>Divulgação</b>                 | Patrícia Barros                                    |
| <b>Administração</b>              | Tili Woldby e Marcela Donato                       |
| <b>Produção</b>                   | Nani de Oliveira,<br>Patrícia Barros e Tili Woldby |
| <b>Bilheteria</b>                 | Regina Pereira                                     |
| <b>Portaria</b>                   | Eno Nepomuceno (Carioca)                           |
| <b>Limpeza</b>                    | Edleuza Daniel                                     |

## Elenco

|                   |
|-------------------|
| Atílio Beline Vaz |
| Bira Nogueira     |
| Bruna Bressani    |
| Carlos Francisco  |
| Dagoberto Feliz   |
| Danilo Grangheia  |
| Flávio Tolezani   |
| Gisele Valeri     |
| Nani de Oliveira  |
| Paloma Galasso    |
| Patrícia Barros   |
| Zeca Rodrigues    |



AGRADECIMENTOS

Alberi Lima | Ana Clara Tolezani | André Bittencourt | Antonio Monteiro de Barros Leite | Antonio Petrim | Arlete Guimarães Gonçalves | Augusto Rodrigues | Beto Brant | Bjorn Woldby | Brian Penido | Bruno Pozzi | Carolina Freitas | Cristiano Karnas | Cristina Loo | Edson Tolezani | Emir Sader | Evaine Todão | Fernando Monteiro de Barros | Fernanda Rossini | Forte Casa Teatro | Francisco de Oliveira | Gabriel Carmona | Geraldo Marinho Azevedo | Giambruno Moreno Valeri | Giselda Pereira | Guilherme Joseph Rodrigues | Iná Camargo | Jaime Pinheiro | Jobim Tapajós Monteiro | Julia Maia | Juliana Nordi | Látex Circus | Leo Pelicciare | Letícia de F. Rodrigues Romano | Liliane Cury | Luiz Oliveira | Maria Aparecida Guimarães Chieus | Maria de Lourdes Ferreira | Maria Stella P. O. Rodrigues | Marta Rossini | Mônica Simões | Nadie Amato | Natasha Freitas | Paulo Arantes | Paulo Kenji Sugano | Renata Maria | Rosa Maria Fragoso de Almeida | Sandra Sproesser | Silvia Edna | Teatro Escola Célia Helena | Trupe Pau a Pique | UniA | Valdemar Mattei | Vittorio Di Gioia | Wagner Menegare | Wanda Unti Martins Ferreira | Yara Galasso | Yuri Ferreira Nogueira

### **Agradecimento Especial**

Núcleo Bartolomeu de Depoimentos | Parlapatões, Patifes e Paspalhões | Teatro da Vertigem | Teatro Oficina Uzya Uzona

### **Acompanharam este trabalho através de oficinas**

Adriana Patrício | Adriela Rodrigues | Alexandre Tigano | Aline Moreno | Bruna Bressani | Carolina Costa | Fábio Spera | Hilara Ballesterro | Leide de Castro | Marilza Batista | Mayara C. Sato Pimenta | Nadir Albino | Osmar Guerra | Regina Pereira | Renata Maria | Ricardo Barison | Simaone Sallas | Vanderlei Silva e Pinto

# ANTO DO BODE

Apoiadores



SECRETARIA DE  
ESTADO DA CULTURA

GOVERNO DO ESTADO DE  
**SÃO PAULO**



PROGRAMA MUNICIPAL DE  
**FOMENTO  
TEATRO**



**PAYOT**  
AMIGA DA SUA BELEZA

**Caros amigos**

**XROW**

**5àSec**

MOEMA PÁSSAROS



USP FM  
**93,7**  
são paulo



**COPY  
MAKER**  
DIGITAL SERVICE

**Quanta**

*casa*  
**GERSAI**  
Locação de Materiais p/ Festas  
Tudo Para Eventos

**OUTRA  
MÁQUINAS**

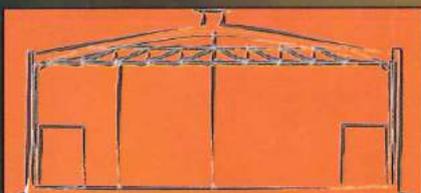


LIVRARIA  
CRUZEIRO DO SUL



## SÓCIOS MANTENEDORES

Ailton Graça | Ailton Dantas de Araújo | Arlete Guimarães Gonçalves | Eiko Lúcia | Fernanda M. R. C. Coelho | Giseli Valeri | Iná Camargo Costa | Joana Mattei | Jorge Miguel Marinho | José Carlos Malafaia | Marco Aurélio P. O. Rodrigues | Marcos Barison e família | Maria Cecília Godoy | Maria Heloísa Marmo | Maria Stella P.O. Rodrigues | Maury Sérgio Lima e Silva | Otilia Beatriz Fiori Arantes | Rosa Maria Fragoso de Almeida | Sérgio Guimarães Gonçalves | Sonia Nahas de Carvalho | Tolezani Serviços Médicos Ltda. | UNIA - Centro Universitário de Sto. André | Valdemar Mattei Junior



**GALPÃO DO FOLIAS**

[www.galpaodofolias.com.br](http://www.galpaodofolias.com.br)

Rua Ana Cintra, 213  
Santa Cecília - CEP: 01201-060  
Telefone: (11) 3361.2223  
[folias@terra.com.br](mailto:folias@terra.com.br)

Rua Ana Cintra, 202 - Mezzanino  
Santa Cecília - CEP: 01201-060  
Telefone: (11) 3334.0457  
[praticaveldofolias@terra.com.br](mailto:praticaveldofolias@terra.com.br)



**PRÁTICÁVEL DO  
FOLIAS**